

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS
Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia

Laila Sampaio Parreiras

OS IMPASSES PARA A TRANSFERÊNCIA NA ANÁLISE HOJE

Belo Horizonte

2019

Laila Sampaio Parreiras

OS IMPASSES PARA A TRANSFERÊNCIA NA ANÁLISE HOJE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia na Área de Concentração: Processos de Subjetivação, Linha de Pesquisa: Processos Psicossociais, da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Cristina Moreira Marcos.

Belo Horizonte

2019

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

P258i Parreiras, Laila Sampaio
Os impasses para a transferência na análise hoje / Laila Sampaio Parreiras.
Belo Horizonte, 2019.
99 f.

Orientadora: Cristina Moreira Marcos
Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.
Programa de Pós-Graduação em Psicologia

1. Freud, Sigmund, 1856-1939. 2. Lacan, Jacques, 1901-1981. 3. Psicanálise. Transferência (Psicologia). 5. Teoria das pulsões. 6. Gozo. I. Marcos, Cristina Moreira. II. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.

SIB PUC MINAS

CDU: 159.964.2

Laila Sampaio Parreiras

OS IMPASSES PARA A TRANSFERÊNCIA NA ANÁLISE HOJE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia na Área de Concentração: Processos de Subjetivação, Linha de Pesquisa: Processos Psicossociais, da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Prof.^a Dr.^a Cristina Moreira Marcos – PUC Minas (Orientadora)

Prof.^a Dr.^a Margaret Pires do Couto (Banca Examinadora)

Dr. Sérgio Passos Ribeiro de Campos (Banca Examinadora)

Belo Horizonte, 27 de fevereiro de 2019.

*Dedico àqueles que me permitiram
o desejo do analista e a transferência.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, à professora Cristina Moreira Marcos que, de maneira leve, precisa e cuidadosa, pôde me orientar a cada passo da construção desta pesquisa. Agradeço por termos criado uma verdadeira parceria de trabalho, por todo o incentivo, pelo acolhimento, pelo saber transmitido e pela orientação, sem a qual a confecção deste trabalho acadêmico seria inviável.

À banca, formada por Margaret Couto e Sérgio de Campos, agradeço por terem aceitado de prontidão o convite para fazerem parte da construção e da conclusão desta pesquisa. Em especial à Margaret Couto, cujas contribuições gentis e generosas na banca de qualificação foram fundamentais para a continuidade do trabalho.

À PUC Minas, representada pelos funcionários Marcelo Batista de Araújo e Diego Eduardo, sou grata por todo o suporte e auxílio fornecido nas questões burocráticas e institucionais. Ainda, agradeço também à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais – FAPEMIG, pela concessão da bolsa de estudos que me permitiu desenvolver a dissertação aqui apresentada.

Agradeço a toda a minha família, minha mãe, meu pai e meus dois irmãos, que forneceram a base para todas as minhas realizações, que apoiam as minhas escolhas, comemoram as minhas conquistas e me dão suporte em todos os momentos. Em especial, agradeço a minha mãe Silvia Luiza Sampaio, que me transmitiu desde cedo a importância e o valor dos estudos em minha vida, podendo estar comigo na realização de mais esse sonho.

Aos queridos e diversos amigos que estiveram comigo ao longo desta jornada, por todo o apoio e pela imensa torcida. Deixo meus agradecimentos à Raquel Sampaio Jacob, por acompanhar de perto o crescimento desta semente, por toda a escuta e o apoio fornecido nessa nova vida acadêmica. À Diva Alves Costa Neta, eu agradeço por toda a ajuda, por me ouvir sempre que eu precisei e pela amizade especial de anos e anos. À Maria Inácia de Freitas, pela delicadeza dos gestos, pelas “trocas de figurinhas” e pelos livros e textos que tanto me ajudaram. Ademais, agradeço a todos aqueles que de forma tão carinhosa puderam se fazer presentes no momento da escrita, oferecendo uma palavra, uma dica ou até mesmo buscando notícias sobre como caminhava a dissertação.

Aos colegas de turma, pelo convívio agradável, pelas trocas e encontros proveitosos ao longo dos últimos dois anos. Sobretudo, gostaria de agradecer à Adriana Condessa, Edwiges de Oliveira e Ricardo Pimenta. Nossa convivência pôde tornar esse caminho menos solitário.

Enfim, a todos que, de alguma forma, contribuíram para essa construção.

RESUMO

Essa dissertação pretende investigar os impasses que se apresentam à transferência na clínica contemporânea, bem como discutir a orientação ao analista e a direção do tratamento hoje. A clínica contemporânea e as novas apresentações do sujeito para uma análise sugerem consequências para a transferência? De que formas a transferência pode ser estabelecida e manejada nessa nova clínica e qual a direção do tratamento hoje? Essas foram algumas das questões que nortearam a construção dessa pesquisa. Pretende-se problematizar, sob o olhar da abordagem psicanalítica de orientação lacaniana, os embaraços postos ao estabelecimento da transferência e os modos pelos quais o analista poderá se fazer presente, sustentando a prática da psicanálise no mundo atual. Para tal, faz-se primeiramente um percurso sobre a transferência na clínica clássica freudiana e lacaniana, para depois serem apresentados alguns impasses que se colocam a ela na contemporaneidade. Utiliza-se como metodologia a pesquisa teórica em psicanálise de autores clássicos, como Freud e Lacan, e alguns dos principais autores que se dedicaram às suas obras e à transmissão da psicanálise nos dias de hoje, como J-A. Miller, E. Laurent, D. Laurent, F. Leguil e M-H. Brousse, como principais referências bibliográficas. A hipótese de trabalho clínico levantada é a da importância do reenlace ao amor de transferência como uma possibilidade de tratamento do sujeito contemporâneo.

Palavras-chave: Transferência. Sujeito Suposto Saber. Pulsão. Gozo. Discurso do Mestre Contemporâneo.

ABSTRACT

This dissertation intends to investigate the impasses that are presented to the transference in the contemporary clinic, as well as to discuss the orientation to the analyst's practice and the direction of the treatment nowadays. Does the contemporary clinic and the new presentations of the subject for an analysis suggest consequences for the transference? In what ways can the transference be established and managed in this new clinic, and what is the direction of treatment nowadays? These were some of the questions that guided the construction of this research. The aim is to problematize, under the gaze of the lacanian-oriented psychoanalytic approach, the difficulties placed upon the establishment of the transference and the ways in which the analyst can make himself present, sustaining the practice of psychoanalysis in the current world. In order to do so, a trajectory is first developed about the transference in the classic Freudian and Lacanian clinic, in order to present some of the impasses that are placed on it in the contemporaneity. It was opted to apply as methodology the theoretical research in psychoanalysis of classic authors, such as Freud and Lacan, and some of the main authors who have dedicated themselves to those authors' work and the transmission of the psychoanalysis nowadays, as J-A. Miller, E. Laurent, D. Laurent, F. Leguil and M-H. Brousse, as main bibliographical references. The hypothesis of clinical work raised refers to the importance of the rebinding to love of transference as a possibility of treatment of the contemporary subject.

Keywords: Transference. Subject Supposed to Know. Drive. Jouissance. Contemporary Master's Speech.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: Ponto de <i>Capiton</i>	40
FIGURA 2: Algoritmo da transferência	41
FIGURA 3: Modificação do Discurso do Mestre ao Discurso do Capitalista.....	48

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	17
2 PULSÃO E SABER: a transferência em Freud e Lacan	22
2.1 A dimensão pulsional da transferência freudiana	23
2.2 A dimensão epistemológica da transferência lacaniana.....	34
3 O MESTRE CONTEMPORÂNEO E SUAS IMPLICAÇÕES PARA A TRANSFERÊNCIA.....	46
3.1 O sujeito e o Mestre Contemporâneo	47
3.2 As novas formas do saber	51
3.3 O sentido no sintoma	59
3.4 O gozo que exclui o sentido.....	64
4 MODOS DE PRESENÇA DO ANALISTA HOJE	68
4.1 A restituição do Sujeito Suposto Saber	68
4.2 Da solidão do gozo ao parceiro-analista	73
4.3 (a)muro e transferência: o reenlace ao amor no tratamento analítico	82
5 CONCLUSÃO.....	91
REFERÊNCIAS	96

1 INTRODUÇÃO

A transferência é um conceito fundamental da psicanálise, como nos mostra Lacan em seu Seminário, livro 11 – *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Esse é um termo que nasce em Freud enquanto a técnica analítica e tem fundamental importância para o exercício da psicanálise, em seus vários contextos. Ao longo de seus trabalhos, Freud elaborou e aprimorou a transferência como um conceito central na teoria psicanalítica, articulando-o à sua prática clínica. Anos mais tarde, com o retorno que Lacan faz à teoria freudiana, são acrescentadas formulações preciosas à teoria da transferência, dentre elas destaca-se a função do “sujeito suposto saber”.

Deparamo-nos, a todo momento, com o fenômeno da transferência, sendo ele condição *sine qua non* para o trabalho de análise. Pensar constantemente na transferência e indagar o seu manejo clínico torna-se, então, uma necessidade do psicanalista para uma boa condução do tratamento, seja na psicanálise pura ou aplicada. Questionar os tropeços e avanços de uma análise é o que nos convoca a uma constante e necessária atualização da psicanálise.

Na qualidade de técnica, a transferência coloca-se como central no tratamento psicanalítico e, por ser o motor de uma análise, faz-se atemporal na prática clínica. Entretanto, sabemos que a psicanálise não se mantém a mesma desde a sua criação em Freud, ela sofre alterações e se atualiza de acordo com o contexto de seu tempo. As mudanças do mundo implicam em mudanças também ao sujeito que nele vive e é esse mesmo sujeito que procura a psicanálise como uma via de tratamento para seu mal estar e seu sintoma. Dessa forma, podemos dizer que a psicanálise acompanha as diversas mutações do mundo, não estando à parte das insurgências do mestre contemporâneo. O real da contemporaneidade parece convocar o analista a reinventar sua prática, principalmente no que tange à relação transferencial e a direção do tratamento.

A escolha do tema da transferência justifica-se, inicialmente, por um interesse pessoal pelo assunto, fundado a partir de uma escolha pela formação na psicanálise. Apoiada nessa decisão, o tema da transferência tem feito parte das minhas pesquisas, pois foi possível construir um entendimento de que esse é um conceito fundamental da psicanálise que coloca a prática clínica sempre em questão. Dessa forma, a experiência própria à clínica me colocou de frente com alguns casos que convocavam maior compreensão e estudo sobre as demandas contemporâneas que ali surgiam e que apontavam, cada vez mais, para as questões a respeito da prática da psicanálise e o manejo da transferência na clínica atual.

A iniciativa de transformar esse interesse pessoal em uma pesquisa para o Mestrado Acadêmico partiu da realização do Trabalho de Conclusão do Curso de pós-graduação *latu sensu* em Clínica Psicanalítica da Atualidade: contribuições de Freud a Lacan, concluído pela PUC Minas no ano de 2015. Na ocasião desse trabalho, foi possível desenvolver uma investigação que tinha por tema central o manejo de transferência realizado por Freud em alguns de seus clássicos casos clínicos (Caso Dora e Jovem Homossexual), analisando-os sob a ótica da orientação lacaniana. A partir dessa investigação, busquei amplificar essa pesquisa para um novo projeto para o mestrado, que pudesse avançar na discussão do tema da transferência, questionando seu *status* na sociedade contemporânea.

Algumas perguntas e questões surgiram ao longo dessa pesquisa: A clínica contemporânea e as novas apresentações do sujeito para uma análise sugerem consequências para a transferência? Quais as implicações do discurso contemporâneo para o estabelecimento do “sujeito suposto saber”? Haveria hoje um declínio da função do “sujeito suposto saber”? De que se tratam os fenômenos contemporâneos em que os sujeitos nada querem saber sobre seu sintoma, ou que pouco dizem a respeito dele? De que formas a transferência pode ser estabelecida e manejada nesta nova clínica e qual a direção do tratamento nos dias atuais? Quais os modos de presença do analista hoje?

Essas e outras questões acerca desta temática pretendem ser discutidas nesse trabalho acadêmico, com a intenção de interrogar a direção do tratamento e a prática do analista diante das mudanças que se apresentam a cada dia. Pretende-se, por meio dessa pesquisa, fazer esse movimento de retomar o percurso da transferência, para posteriormente podermos nos questionar e debater os impasses que se apresentam à transferência na análise hoje. A contemporaneidade e as novas apresentações do sujeito para uma análise nos convocam para uma necessidade de reinventar a prática clínica e indagar a transferência a partir de um contexto que se impõe.

Em uma tentativa de esclarecer as questões suscitadas acima, dividiremos a dissertação em três capítulos. No primeiro capítulo, intitulado “Pulsão e saber: a transferência em Freud e Lacan”, iremos trabalhar com o conceito da transferência a partir de suas duas principais vertentes: a pulsional e a epistemológica. Primeiramente, buscaremos compreender com Freud a construção do conceito da transferência ao longo de sua obra e sua articulação intrínseca à teoria das pulsões. Traremos informações e comentários a respeito das principais características da transferência, sua condição de surgimento, sua estreita relação com o fenômeno da resistência, sua função para o tratamento psicanalítico e até mesmo sua

afinidade com o amor, segundo o pai da psicanálise. Tentaremos entender como Freud concebe a transferência, articulando-a a uma dimensão pulsional que lhe é própria.

Em seguida, iremos apresentar a conceituação da transferência sob a ótica da orientação lacaniana, buscando compreender quais as contribuições do psicanalista francês a respeito do tema. Muitos são os acréscimos que Lacan pôde trazer em sua leitura sobre o conceito de transferência em psicanálise. Nesse trabalho, iremos avançar na discussão de uma de suas maiores contribuições ao tema em questão: o conceito e a função daquilo que ele nomeia de “sujeito suposto saber”. Buscaremos demonstrar a maneira pela qual Lacan destaca a concepção do saber em seu ensino sobre a transferência, apesar de não deixar de lado a sua vertente libidinal.

Saber e pulsão são duas concepções que permeiam toda a construção dessa pesquisa. Se Freud e Lacan puderam abordar a transferência na clínica clássica a partir das vertentes pulsional e epistemológica, com maior ou menor enfoque de acordo com o ensino, da mesma maneira veremos que ambas se apresentam também na clínica contemporânea, destacando-se, inclusive, em alguns embaraços postos ao estabelecimento do laço transferencial. Tais consequências clínicas serão abordadas no segundo capítulo desse trabalho, nomeado “O mestre contemporâneo e suas implicações para a transferência”. Trataremos de dois principais impasses para a transferência na análise hoje, a saber: a nova relação que o sujeito estabelece com o saber e os novos sintomas que se apresentam ancorados na vertente pulsional, excluindo a dimensão da interpretação e do sentido.

Buscando investigar tais impasses, iremos discorrer, primeiramente, sobre o discurso do mestre contemporâneo e as suas consequências ao sujeito moderno. Veremos que o sujeito é acometido de diversas maneiras pelo discurso do mestre. Sob a perspectiva do saber, iremos analisar quais as novas formas de saber são estabelecidas na modernidade e suas implicações para a esfera clínica da psicanálise, principalmente no que tange à transferência. Em seguida, trataremos nosso olhar para os novos sintomas. Faremos, inicialmente, um paralelo entre o sintoma clássico freudiano para depois nos questionarmos sobre as novas apresentações do sintoma, que sugerem uma ancoragem na vertente pulsional, não se sustentando mais pela via do sentido e da suposição de saber no Outro. Ao procurar um tratamento analítico o sujeito parece contar apenas com seu gozo solitário e sua angústia, com poucos recursos simbólicos para dar conta do real insuportável. Buscaremos, assim, compreender do que se tratam esses novos sintomas na contemporaneidade, indagando de que maneiras o analista poderá conduzir um tratamento hoje, de modo a sustentar a psicanálise no mundo do mestre contemporâneo.

Finalizando, no terceiro e último capítulo, intitulado “Modos de presença do analista hoje”, serão discutidos a direção do tratamento e a orientação ao analista diante dos impasses vividos na clínica contemporânea. Buscaremos problematizar o modo pelo qual a psicanálise pode se fazer presente para o sujeito nos dias de hoje. Perante a nova relação que o sujeito estabelece com o saber e a sua consequência clínica ao estabelecimento da função do “sujeito suposto saber”, tentaremos analisar de quais maneiras o analista poderá se fazer presente para o sujeito, instituindo um tratamento pela via da suposição. Para tal intento, trabalharemos com a noção milleriana do analista multifuncional.

Já diante dos impasses que se apresentam à transferência devido aos novos sintomas, iremos discutir o modo pelo qual o analista poderá se fazer presente em uma análise, a partir desse lugar pulsional em que é convocado na situação analítica. Utilizaremos da Teoria do parceiro de Miller, buscando compreender as formulações do autor a respeito do analista enquanto um parceiro-sintoma do sujeito. Notaremos, portanto, que há modos particulares em que o analista poderá se fazer presente diante da demanda de um tratamento, seja em sua dimensão pulsional ou mesmo pela via clássica do sentido e da interpretação.

Por fim, faremos um contraponto entre os impasses vividos no amor e na transferência na contemporaneidade. Tentaremos compreender, com Lacan, a dimensão do amor em seu último ensino. Abordaremos o conceito de (a)muro, desenvolvido pelo autor em *Estou falando com as paredes*, para pensarmos em um novo tipo de amor de transferência na clínica contemporânea, um amor que surge na análise enquanto uma possibilidade de enlaçamento entre a dimensão pulsional e epistemológica da transferência. Dessa forma, almejamos sustentar a nossa hipótese de trabalho clínico, a da importância de uma reintrodução ao amor como uma perspectiva de tratamento ao sujeito contemporâneo, retirando-o da solidão do seu gozo solitário.

Essa é uma pesquisa que tem como base epistemológica a psicanálise de orientação lacaniana. Para a sua realização, utilizamos como metodologia a pesquisa teórica em psicanálise. No primeiro capítulo, empregamos os principais textos psicanalíticos clássicos que abordam o tema da transferência. Em Freud, buscamos os textos que estão reunidos nos Artigos sobre a técnica (1911 – 1915), Conferência XXVII – Transferência (1916-1917) e Análise terminável e interminável (1937). Já em Lacan, buscamos os textos contidos nos seminários, livro 8 – A transferência (1960) e livro 11 – Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964), e alguns textos contidos em Escritos e Outros Escritos, tais como Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise (1953), O engano do sujeito suposto saber (1967) e Proposição de 09 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola (1967). Já para o

segundo e terceiro capítulos, além de alguns textos clássicos de Freud e Lacan, utilizamos também de autores contemporâneos que pudessem nos orientar quanto à prática clínica nos dias atuais, sendo eles: Jacques-Alain Miller, Éric Laurent, François Leguil, Dominique Laurent, Massimo Recalcati, Marie-Hélène Brousse, dentre outros.

Se a psicanálise pôde ser construída através dos pacientes de Freud e dos sintomas de sua época, temos um compromisso de continuar essa construção, reinventando a psicanálise ao real de nossa contemporaneidade. Esse é um compromisso da própria psicanálise com o nosso tempo. Demonstraremos a importância da presença do analista e de sua constante reinvenção frente ao contexto de nossa época, principalmente no que tange à prática clínica. Quando falamos da questão de uma prática é a clínica que se situa no centro, portanto, estamos no âmbito da transferência, ela se fundamenta como um conceito atemporal que ampara o exercício da psicanálise, tornando-se fundamental a sua permanente revisão.

2 PULSÃO E SABER: a transferência em Freud e Lacan

O conceito de transferência em psicanálise foi formulado por Freud e amplamente trabalhado por ele em toda a produção de sua obra. Posteriormente, quando Lacan retorna à teoria freudiana, o configura como um dos quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Não é à toa que hoje a transferência é uma das concepções de maior e mais vasta elaboração teórica, sendo um conceito bastante pesquisado e analisado por diversos autores clássicos e contemporâneos da psicanálise. Justamente por sua fundamental importância teórica e clínica, muitas são as possibilidades de investigação e de articulação com o método psicanalítico. Neste capítulo, buscaremos compreender a construção da transferência freudiana e o novo contorno dado a ela na orientação lacaniana, tendo como nosso foco duas principais perspectivas: as dimensões pulsional e epistemológica.

A primeira menção ao termo “transferência” se deu brevemente em 1900, no texto freudiano titulado *Interpretação dos sonhos*. Nesta ocasião, no entanto, a terminação possuía a conotação de “transferência de sentido”, ou seja, ela é primeiramente entendida como uma transferência de representações inconscientes, fazendo com que uma ideia surja no lugar de outra. Posteriormente, na publicação de *Fragmentos da análise de um caso de histeria*, de 1905, no Caso Dora¹, Freud fará nova menção à transferência, porém, desta vez, com maior proximidade ao que foi concebido como conceito *a posteriori*. Não há, na obra do autor, a formulação de um tratado ou um protocolo técnico, todavia, os textos freudianos que contêm as principais elaborações teóricas a respeito do tema se encontram reunidos nos *Artigos sobre a técnica*, formulados entre os anos 1911 e 1915, e também em seus últimos escritos da década de 1930.

Fazendo um paralelo com a teoria das pulsões, podemos ressaltar que a principal obra freudiana que a sistematiza foi titulada *Os instintos e suas vicissitudes*, sendo publicada somente em 1915. Poderíamos assim dizer que a formulação da teoria das pulsões é posterior à escrita dos principais artigos freudianos a trabalharem o fenômeno transferencial. Entretanto, Freud já vinha estudando e introduzindo o conceito de pulsão desde 1905 em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Portanto, a construção do conceito da transferência em muitos momentos coincide com a formulação da teoria das pulsões. Tentaremos, a seguir, no tópico “A dimensão pulsional da transferência freudiana”, trabalhar a construção do método

¹ Apesar de o Caso Dora ter sido efetivamente publicado em meados de 1905, correspondências descobertas entre Freud e Fliess (Carta 139) evidenciam que o tratamento da paciente ocorreu entre outubro e dezembro de 1900.

psicanalítico e suas principais elaborações na psicanálise freudiana, assinalando os pontos fundamentais da teoria que nós podemos articular à dimensão pulsional que lhe é própria.

Lacan também trabalha a questão do fenômeno transferencial em diversos seminários e textos, em momentos distintos de sua obra, de maneira complementar. O autor dará à psicanálise um novo panorama sobre a transferência, a direção da cura e a ética da psicanálise, à medida que desenvolve noções que hoje são preciosas aos psicanalistas que seguem sua orientação, tais como o desejo do analista, a teoria dos discursos, a dimensão do Outro na transferência, o amor ao saber, o analista enquanto objeto *a*, dentre outras. No entanto, podemos afirmar que a maior das contribuições de Lacan ao que cerne o tema da transferência é justamente a função do “sujeito suposto saber”. Os principais seminários de Lacan a trabalharem esta temática são *O Seminário, livro 8 – A transferência* (1960) e *O Seminário, livro 11 – Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964). Neste capítulo, precisamente no tópico “A dimensão epistemológica da transferência lacaniana”, iremos focar a nossa investigação na teoria do “sujeito suposto saber”, buscando demonstrar de que maneira Lacan pôde introduzir um novo entendimento sobre o fenômeno transferencial a partir da dimensão do saber.

2.1 A dimensão pulsional da transferência freudiana

O surgimento da técnica psicanalítica não se deu de maneira aleatória. Segundo Paul-Laurent Assoun (1997), a técnica, tal qual a conhecemos hoje, só pôde ser assim teorizada graças à ruptura de Freud com os métodos de tratamento “pré-psicanalíticos”, a saber, a hipnose e a catarse. O efeito de tal ruptura é decisivo para que a psicanálise evolua quanto aos seus objetivos e procedimentos. O autor, categoricamente, coloca que a renúncia de Freud ao método hipnótico não se trata de um evento puramente histórico e negativo na psicanálise, mas se trata, sobretudo, de um ato que funda e estrutura a prática psicanalítica.

Michel Silvestre (1991) também aponta para uma discussão interessante a respeito da formulação do conceito de transferência para Freud, que parece conversar com as questões levantadas por Assoun. Segundo o autor, a transferência está intrinsecamente ligada à hipótese do inconsciente. Diante da regra fundamental da associação livre, o sujeito é compelido a dizer não somente o que quer, mas, sobretudo, dizer aquilo que não ponderava inicialmente dizer: “alguma coisa quer dizer-se através da palavra do sujeito, e clama por uma leitura” (SILVESTRE, 1991, p. 51). Ora, o problema da etiologia sexual das neuroses e o

rompimento de Freud com a concepção da histeria de Charcot permitirão que Freud abandone a catarse e a hipnose, desenvolvendo um novo dispositivo de escuta do sujeito, a associação livre. O tratamento pela fala – a “*talking cure*”, nomeada pela paciente Anna O. – se estabelece enquanto um pilar do método freudiano; a via de acesso para as formações do inconsciente e, conseqüentemente, para o estabelecimento da transferência.

A primeira definição freudiana do conceito de transferência se encontra na seguinte passagem: “A representação inconsciente não pode, enquanto tal, penetrar no pré-consciente, a menos que se alie a alguma representação sem importância que já se encontrava aí, à qual **transfere sua intensidade**, e que lhe serve de cobertura – **eis o fenômeno da transferência**” (FREUD apud SILVESTRE, 1991, p. 51, grifo nosso). Podemos notar, com esta passagem, que Freud, inicialmente, estabelece a transferência como transferência de representações inconscientes, de sentido, de intensidade psíquica, podendo este fenômeno ser observado na leitura dos sonhos – a via régia para o inconsciente. Importante ressaltar que, já neste momento teórico, há um entendimento por parte de Freud da transferência enquanto um processo substitutivo, um movimento próprio da instância do inconsciente, do qual o sujeito não tem consciência. Há um elemento inconsciente que se faz notar através da transferência. Esta ideia de “transferência de sentido” permanecerá, de alguma forma, nas próximas formulações teóricas do conceito freudiano.

O primeiro texto de Freud a trabalhar exclusivamente a transferência e a técnica psicanalítica é titulado *A dinâmica da transferência*, de 1912. Neste texto, encontramos a formulação de que cada indivíduo possui um método específico de conduzir-se na vida erótica, a partir da combinação entre os fatores inatos de sua natureza e aqueles que foram constituídos durante as primeiras experiências infantis. Uma parte deste conteúdo, que Freud (1912/1996, p. 112) denominou de “impulsos que determinam o curso da vida erótica”, faz parte da realidade consciente do indivíduo e constitui a personalidade do mesmo; porém, a outra parte permanece desconhecida no inconsciente, portanto, as escolhas e as atitudes amorosas são permeadas pela combinação consciente e inconsciente de sua libido. Da mesma forma, a catexia libidinal poderá ser também direcionada para a figura do médico, incluindo este em uma das “séries” psíquicas já formadas pelo paciente. Sendo assim, a transferência pode ser estabelecida não apenas por ideias conscientes, mas também no nível do inconsciente. Ora, se a catexia libidinal se direciona para a figura do médico, e isto se estabelece enquanto um processo inconsciente, podemos então entender que a transferência se coloca como um modo de satisfação da pulsão. Margaret Couto, no texto titulado *As duas vertentes da transferência e seu manejo* (2003), irá se indagar, precisamente, sobre a

articulação entre a vertente epistêmica e a vertente pulsional da transferência na clínica psicanalítica. Segundo a autora, para Freud, a transferência é primeiramente um fenômeno pulsional, no qual o analista se encontra na posição de atrair a libido do sujeito.

Cada indivíduo encontra um modo, um método específico de conduzir-se na vida erótica. Esse modo de satisfação inclui as pré-condições para enamorar-se, as pulsões que satisfaz e os objetivos que se coloca. Tudo isso cria um clichê estereotípico, constantemente reimpresso na vida do sujeito, na medida em que as circunstâncias externas e os objetos amorosos permitem. Esse clichê estereotípico é ativado por algum traço de algum objeto. Na transferência, é o analista esse objeto que apresenta algum traço que pode permitir colocar em movimento toda essa forma de satisfação da pulsão (COUTO, 2003, p. 97).

Apesar do trabalho clínico realizado com seus pacientes, Freud observou que alguns obstáculos surgiam de maneira a impedir a reprodução de suas lembranças, como uma força interna que se opunha ao acesso das representações do inconsciente e, conseqüentemente, à análise propriamente dita. Tais obstáculos eram fruto do surgimento das resistências, que acabavam por tornar o percurso do trabalho analítico mais moroso, exigindo maior tempo e esforços empregados para superá-las. “Cada associação isolada, cada ato da pessoa em tratamento tem de levar em conta a resistência” (FREUD, 1912/1996, p. 115). Este é o primeiro momento em sua teoria que Freud irá associar a transferência ao conceito de resistência.

A resistência é intrínseca ao método freudiano, desde o abandono que Freud faz da hipnose; vencer as resistências se torna parte da direção da cura, e está presente não apenas na evolução técnica, mas também no fundamento da teoria psicanalítica. Para explicar o surgimento da resistência na transferência, Freud (1912/1996, p. 113) vai dizer que “se as associações de um paciente faltam, a interrupção pode invariavelmente ser removida pela garantia de que ele está sendo dominado, momentaneamente, por uma associação relacionada com o próprio médico ou algo a este vinculado”, e diante da consciência deste fenômeno, a situação pode ser alterada. Sendo assim, a resistência acompanha a transferência e o tratamento analítico. Portanto, a princípio, neste texto de 1912, Freud considera a resistência como uma condição existente na análise, contudo, devendo ser contornada durante o processo, pois ela se manifesta como um entrave ao tratamento, impedindo o trabalho de decifração do material inconsciente e o desenvolvimento de um saber sobre o sintoma. Enquanto houver resistência, haverá obstáculo ao curso do tratamento.

É somente em 1914, com a publicação de *Recordar, repetir e elaborar*, que Freud dará um grande passo na teorização da transferência, formulando a resistência como um aspecto

que lhe é intrínseco e necessário. O autor inicia esta publicação abordando alguns pontos sobre a técnica psicanalítica e como ela é utilizada. Segundo ele, compete ao analista

Estudar tudo aquilo que se ache presente, no momento, na superfície da mente do paciente, e emprega a arte da interpretação principalmente para identificar as resistências que lá aparecem, e torná-las conscientes ao paciente. [...] o médico revela as resistências que são desconhecidas ao paciente; quando essas tiverem sido vencidas, o paciente amiúde relaciona as situações e vinculações esquecidas sem qualquer dificuldade. [...] Descritivamente falando, trata-se de preencher lacunas na memória; dinamicamente, é superar resistências devidas à repressão (FREUD, 1914/1996, p. 163).

Isso nada mais é do que aquilo que Freud chama de “Recordar”. “Recordar”, ou “Rememorar”, é fazer voltar à memória as lembranças de representações que foram recalçadas da consciência. A esse respeito, Ângela Bernardes (2003) vai dizer que o recordar “trata-se de ‘lembrar’ de algo que não foi propriamente ‘esquecido’ porque nunca foi observado”, pois nestas ocasiões, o recalque age de forma a dissolver os laços entre as ideias, sendo assim, o recordar possui certo sentido de um “ganho de saber relativo ao recalçado” (2003, p. 54). Conforme as representações são trazidas à consciência pelo processo do recordar, o sujeito produz as associações de ideias pela via da regra fundamental e, conseqüentemente, o seu efeito é um ganho de saber sobre aquilo que até então não se tinha conhecimento. O conteúdo do inconsciente é esquecido pelo paciente e em seu lugar surgem as lembranças encobridoras no consciente. O trabalho da análise consiste, então, em extrair esse material, trazendo-o para a consciência, mediante a superação das resistências.

A autora aponta para uma contradição na lógica freudiana: a mesma força que age na formação do sintoma também age no tratamento sob a forma de resistência: “o que pode ser considerado entrave ao tratamento constitui a ‘pedra angular’ de seu método” (BERNARDES, 2003, p. 46). O trabalho analítico é decorrente e só é possível pela análise dos obstáculos que se colocam à evocação das lembranças. Portanto, as resistências se colocam como um impedimento no tratamento, mas sem elas, não é possível chegar ao material associativo; elas são efeito do próprio dispositivo psicanalítico e condição *sine qua non* para análise. O método psicanalítico progride “apesar e por causa dos obstáculos à rememoração” (BERNARDES, 2003, p. 48), estabelecendo-se como motor de cura.

Logo ingressaremos numa região em que a resistência se faz sentir tão claramente que a associação seguinte tem de levá-la em conta a aparecer como uma conciliação entre suas exigências e as do trabalho de investigação. É neste ponto, segundo prova nossa experiência, que a transferência entra em cena. (...) A ideia transferencial penetrou na consciência à frente de quaisquer outras associações possíveis, porque ela satisfaz a resistência (FREUD, 1912/1996, p. 115).

Como vimos, a resistência se manifesta em esquecimentos, sendo que o trabalho analítico opera no sentido dessa memorização. Porém, de acordo com Freud, há casos em que os pacientes não recordam desses esquecimentos da infância, e ao invés de recordar, os expressam de outra forma, através da repetição.

Lúcia Grossi (2002) irá apontar que nesse momento teórico de Freud, a repetição ainda não alcançou a condição de um conceito psicanalítico. Sua utilização nessa obra freudiana está intimamente associada e circunscrita ao fenômeno transferencial, muitas vezes, sendo entendida até mesmo como aquilo que há de essencial da transferência.

O termo “repetir” se refere à reedição e à atualização de experiências passadas. O que veremos com clareza nesse texto de Freud (1914/1996, p. 165) é que o repetir surge na transferência como ato, diante daquilo que não consegue ser lembrado: “ele reproduz não como lembrança, mas como ação; repete-o, sem, naturalmente, saber que o está repetindo”. O recordar e o repetir são “duas vias diferentes de atualizar o passado” (BERNARDES, 2003, p. 51). O paciente coloca em ato aquilo que ele não consegue fazer surgir pela via do recordar, devido às resistências. Essa atuação obedece a uma “compulsão à repetição”, sendo nada mais que outra forma de se lembrar. A relação entre a compulsão à repetição, a transferência e a resistência ao trabalho analítico se esclarece na seguinte proporção: quanto maior for a resistência, maior a dificuldade de memorização, aumentando assim, a tendência de suprir a lembrança por uma ação.

O paciente atua de forma a não recordar a lembrança de uma experiência recalçada, mantendo-a assim no inconsciente. Essa atuação acontece sob a ação da transferência, diante da resistência e mediante uma compulsão que o paciente tem à repetição de seus sintomas. O analista passa a preencher um lugar na série de repetições do paciente, mas cabe lembrar que a compulsão à repetição não ocorre somente perante a figura do médico, ela também se manifesta em outros aspectos e em diferentes relacionamentos da vida do sujeito: “logo perceberemos que a transferência é, ela própria, apenas um fragmento de repetição e que a repetição é uma transferência do passado esquecido, não apenas para o médico, mas também para todos os outros aspectos da situação atual” (FREUD, 1914/1996, p. 197).

Segundo Silvestre (1991, p. 53), a repetição tem papel fundamental para a transferência freudiana, pois somente através da repetição é possível entender as séries de escolhas de objeto feitas pelo sujeito. “Em cada ocasião, a repetição continua sendo a marca indispensável do retorno do recalçado, abrindo-o à significação”, no espaço analítico, através do método transferencial. A importância da repetição para a transferência se dá à medida que

permite, na transferência, o deslocamento do conteúdo das representações inconscientes recalçadas à pessoa do analista, promovendo a continuidade da série de escolhas objetais do sujeito. A produção desse material inconsciente é fundamental na concepção de Freud, pois é ele que será interpretado pelo analista no seguimento do tratamento – a operação do analista no tratamento psicanalítico se situa aí. Diante desse fenômeno, é a sua interpretação que dará lugar para a rememoração e elaboração, como veremos mais a frente.

Há aqui um elemento interessante para a nossa investigação. A associação que Freud estabelece entre a repetição e a transferência nos dá elementos para localizar a dimensão pulsional da transferência. Vimos que a transferência progride apesar e por causa dos obstáculos à rememoração, atualizando as experiências passadas em forma de ato. Isso só é possível porque há um elemento pulsional na compulsão à repetição e também na transferência. Se por um lado, o trabalho de análise visa à rememoração do material recalçado no inconsciente, por outro, a repetição é, ela mesma, uma forma de trabalho do inconsciente – a insistência do retorno do recalçado. Grossi (2002, p. 101) esclarece que “a compulsão a repetir na análise supõe um afrouxamento da força que mantém o recalçado e isso é resultado do próprio trabalho de análise”. Entretanto, há uma série de implicações e dificuldades à análise que são subjacentes ao próprio processo analítico: nem todo o material recalçado pode ser rememorado pelo sujeito, e as vivências do passado que são rememoradas não são, necessariamente, vivências de prazer.

O que há de novo e notável na compulsão a repetir na transferência é que ela traz de volta vivências do passado que não contêm possibilidade de prazer e nenhuma satisfação trouxeram, mesmo para as moções pulsionais anteriormente recalçadas. As experiências repetidas são aquelas que causaram feridas narcísicas: a perda do amor e o fracasso, vividos pela criança no abandono do narcisismo primário (GROSSI, 2002, p. 101).

Freud destaca a existência de um atributo pulsional na compulsão à repetição que é adjacente ao fenômeno transferencial, funcionando para além do princípio do prazer. Há algo na transferência que insiste no sujeito, mesmo não causando nenhum tipo de prazer ao mesmo. A questão que se coloca ao analista é a de saber a que função se presta esta compulsão, como ela surge e qual a sua relação com o princípio do prazer. Desse modo, podemos dizer que a repetição está diretamente ligada à satisfação pulsional, demarcando a vertente pulsional do método psicanalítico.

Há uma mudança importante no pensamento freudiano. Inicialmente, a transferência parecia estar vinculada a servir unicamente às resistências, constituindo-se como uma forte

ameaça ao tratamento. Entretanto, na medida em que caminha na formulação de sua teoria, Freud passa a compreender a transferência não como ameaça, mas como instrumento do trabalho de análise, sendo necessária ao sucesso do tratamento. A resistência é agora entendida como intrínseca ao processo de análise e possível de ser trabalhada com sucesso pelo analista.

Contanto que o paciente apresente complacência bastante para respeitar as condições necessárias da análise, alcançamos normalmente sucesso em fornecer a todos os sintomas da moléstia um novo significado transferencial e em substituir sua neurose comum por uma ‘neurose de transferência’, da qual pode ser curado pelo trabalho terapêutico. [...] A partir das reações repetitivas exibidas na transferência, somos levados ao longo dos caminhos familiares até o despertar das lembranças, que aparecem sem dificuldade, por assim dizer, após a resistência ter sido superada (FREUD, 1914/1996, p. 170).

Há uma forma de interromper e conter a compulsão à repetição que atua a serviço das resistências. Porém, Freud (1914/1996) salienta que somente nomear as resistências para o paciente pode não levar a resultados imediatos. É necessário que este se familiarize primeiro com as suas resistências para poder elaborá-las e superá-las, dando sequência ao trabalho analítico.

“Elaborar” é um termo da psicanálise de Freud que diz respeito ao desenvolvimento de um saber a partir da experiência, sendo que esse processo demanda tempo e esforço do analisante. Uma análise exige que o paciente esteja constantemente elaborando, desenvolvendo e formando as experiências do seu inconsciente. Essa elaboração é uma tarefa árdua para o analisante e também para o analista, mas é de extrema importância para a continuidade e sucesso do tratamento. Sendo assim, o analista deve encarar as resistências como parte do material associativo de trabalho, mediante a regra fundamental da psicanálise, uma vez que ela vai auxiliar na descoberta do recalcado inconsciente (FREUD, 1914/1996).

Outro importante aspecto da teoria freudiana que merece nossa atenção é a relação que Freud faz entre a transferência e o amor. Em 1915, o autor irá publicar *Observações sobre o amor transferencial*, em que coloca em questão o sentimento de amor que um paciente toma por seu analista. O psicanalista vai dizer que esse “enamoramamento” deve-se à situação analítica, sendo induzido por ela, e não pela pessoa do médico. Esse sentimento é vivido diante da transferência, no entanto, está a serviço das resistências, na medida em que a resistência se faz valer desse amor “a fim de estorvar a continuação do tratamento, desviar todo o seu interesse do trabalho e colocar o analista em posição canhestra” (FREUD, 1915/1996, p. 180).

Diante dessa demanda de amor, o analista não deve se entregar a essa demanda, mas também não deve interromper o tratamento ou levar o paciente a suprimir tais sentimentos. Ceder a essa demanda e retribuir esse amor seria justamente deixar que a repetição triunfe sobre a lembrança, ao passo que reprimir o paciente consistiria em reforçar as resistências. Deve-se, então, permitir que este amor persista no paciente para que assim se possa extrair o material de trabalho e para que ele tenha o estímulo de efetuar as mudanças necessárias. Como princípio fundamental, o analista deve cuidar para que esses sentimentos sejam apaziguados por meio de substitutos.

Portanto, perante a demanda de amor, cabem três saídas ao analista: ou ele irá recusá-la, recusando também o seu paciente; ou irá atendê-la, sendo que esta saída não é recomendável pela psicanálise; ou irá manejá-la. Desse modo, a única maneira possível para a psicanálise tratar a demanda de amor é pela via da transferência, por meio do tratamento analítico. Temos aqui uma indicação de fundamental importância para nosso estudo. Ao iniciar seu texto, Freud (1915/1996, p.177) irá dizer das dificuldades que o praticante da psicanálise encontra ao interpretar as associações de seu paciente, e dessa forma, constata que “as únicas dificuldades realmente sérias que tem de enfrentar residem no manejo de transferência”. A importância dessa constatação se faz na medida em que o manejo da transferência se torna o único meio possível para que o trabalho analítico possa acontecer – pois ele é o que sustenta e possibilita uma análise –, devendo o analista estar atento a esta dimensão. É pela via do manejo da situação inédita e atual, colocada pelo amor de transferência, que o analista poderá escutar e permitir que se aflore no sujeito os seus modos de satisfação libidinal, suas escolhas objetais, sua maneira de se colocar na vida amorosa. Daí a importância de que o analista seja um atrator da libido do sujeito, e que ele possa preencher as suas séries psíquicas inconscientes, pois esse investimento libidinal permite o avanço do trabalho analítico.

Freud irá indagar qual a diferença entre esse amor que emerge na situação analítica e o amor “normal”, da vida cotidiana. Segundo ele, o amor transferencial tem certo aspecto de artificial, uma vez que é provocado mediante o tratamento; ademais, ele é intensificado pelas resistências e é insensato e irracional, na medida em que não está interessado nas consequências. A respeito deste ponto, Miller (1988, p. 66) irá contestar:

Quando a gente vê as coisas de perto, não se consegue diferenciar esse amor de transferência do verdadeiro amor. Não se consegue muito bem considerá-lo inautêntico. Pois se esse amor de transferência é uma repetição estereotipada das condutas inscritas no sujeito, disposta a ressurgir quando se lhes dá ocasião, isso é

certo para todo amor. Não existe, diz Freud, amor que não tenha seu protótipo na infância. Dito de outra forma, esse amor é tão verdadeiro quanto o outro.

O que o autor vem questionar é a noção de “vida real” separada da análise. “A vida é fundamentalmente uma repetição, que temos a ilusão do novo, mas, de fato, a vida é constituída pela repetição”, e isso se apresenta em todos os momentos, dentro e fora da análise (MILLER, 1988, p. 67).

No ano seguinte, em 1916, Freud fará a sua Conferência XXVII – *A transferência*. Freud pronuncia esta conferência sobre o método psicanalítico após a Conferência XXVI – *A teoria da libido e o narcisismo*. Segundo Miller (2007, p. 18), a sequência dessas conferências não é mera coincidência:

Freud, antes de falar da transferência, amplia a teoria da libido até incluir tudo o que for mutações, deslocamentos, migrações da libido, as palavras são diversas... A própria palavra transferência começa nessa direção. Freud fala das neuroses e dos benefícios da doença na vigésima quinta conferência “A angústia”, e na seguinte, “A teoria da libido...”, e depois vem “A transferência”. Toda a elaboração da transferência está – enfim, nem toda – do lado libidinal.

Em *A transferência*, Freud (1916-1917a/1996) vai retomar a ideia de que ao longo do tratamento, o paciente “transfere” intensos sentimentos para a figura do médico, que não se justificam pela situação do trabalho nem pela conduta do analista. Tais sentimentos estão presentes no paciente mesmo antes do início do trabalho analítico devido à sua história pregressa. No entanto, a situação do tratamento analítico surge como uma oportunidade para a manifestação e o aparecimento desses sentimentos, vinculando-se, assim, à figura do médico em questão.

Silvestre (1991, p. 68) dirá que “o amor de transferência nada mais é do que o conjunto de fenômenos que se produzem quando o analisante se consagra à livre associação. (...) Essa tarefa tem um efeito sobre o sujeito, cuja tradução é, no entanto, extremamente diversificada”. Muitas são as manifestações do amor de transferência em uma análise:

As declarações de amor disfarçadas, alusivas, codificadas, ou então diretas, e até mesmo impudicas; as confissões de desconfiança, incredulidade ou ceticismo irônico; as petições de aberta hostilidade; os anúncios de enfrentamento inapeláveis; as emboscadas astutas e pacientes; o amor sabe tornar-se demanda imperiosa para exigir, espera implorante para suplicar, reclamação calculada para negociar. Mas é também ideia fixa, a enlouquecedora coerção associativa fora da sessão, o surgimento enganador da silhueta do analista em cada esquina, ou o eco de sua voz em cada ruído mal escutado, a iminência de sua presença jamais realizada. (...) Permanece aberta a lista de tudo o que o sentimento induz no ser falante (SILVESTRE, 1991, p. 69).

Interessante notar que o autor não diferencia as manifestações do amor de transferência em seu aspecto de transferência positiva ou negativa. O amor não está ligado somente à transferência positiva, pois a manifestação da transferência é o próprio amor de transferência. Todas as reações seriam avatares do amor transferencial, que surgem de diversas maneiras, particulares a cada sujeito.

A importância da transferência é tão evidente e central no trabalho analítico que Freud (1916-1917a/1996) irá atribuir às manifestações da transferência na clínica o surgimento de uma nova neurose, chamada de “neuroses de transferência”. Quanto a este ponto, é pertinente frisar um comentário de Miller (2007). Quando o autor sugere que Freud elabora toda a teoria da transferência do lado libidinal, ele está nos dizendo que enquanto condição de satisfação libidinal, a transferência pode ser análoga ao sintoma, pois é mediante a transferência que o sujeito irá investir sua libido na figura do analista, presentificando a própria formação de seus sintomas na situação analítica. Isso nada mais é que a “neurose de transferência”, a atualização sintomática que leva em conta o investimento pulsional na figura do médico.

Freud sugere que a transferência é equiparável ao sintoma na condição de satisfação libidinal. Toma primeiro a transferência, ou seja, pode-se tomar o analista – nos termos de Lacan – como um objeto libidinizado, que testemunha a plasticidade da libido e presentifica a própria formação do sintoma. (...) Nesse fenômeno artificial, vê-se a própria essência do que significa ser psicicamente doente, ou seja, que na neurose artificial, a neurose de transferência, não se vê uma ilusão, mas sim a manifestação do que é a realidade psíquica, que não se opõe à fantasia, como a realidade material (MILLER, 2007, p. 18).

Finalmente, em 1937, Freud publica uma de suas últimas produções de maior relevância para a psicanálise, o artigo *Análise terminável e interminável*, em que trabalhará, ao longo de oito sessões, questões relativas à técnica psicanalítica. Aqui, o principal objetivo de Freud é o de levantar uma discussão a respeito da eficácia terapêutica da psicanálise, suas dificuldades, limitações, sua duração e o sucesso efetivo do tratamento.

Freud inicia sua exposição com uma reflexão sobre o tempo de análise. Dirá o autor que a eficácia da “terapia psicanalítica” é um assunto que consome tempo. Dentre seus diversos questionamentos, irá se perguntar: existiria um término de análise? Eis que o autor nos indica uma dupla significação para o uso dessa expressão. A primeira diz respeito ao processo analítico que foi interrompido, seja devido às superações dos sintomas, inibições e ansiedades, ou ao vencimento das resistências internas, de forma que haja mais repetição do processo patológico. Já a segunda refere-se ao término de uma análise, vinculado ao entendimento de uma “cura”.

Nesse sentido, o que estamos indagando é se o analista exerceu uma influência de tão grande consequência sobre o paciente, que não se pode esperar que nenhuma mudança ulterior se realize neste, caso sua análise venha a ser continuada. É como se fosse possível, por meio da análise, chegar a um nível de normalidade psíquica absoluta – um nível, ademais, em relação ao qual pudéssemos confiar em que seria capaz de permanecer estável, tal como se, talvez, tivéssemos alcançado êxito em solucionar todas as repressões do paciente e em preencher todas as lacunas em sua lembrança (FREUD, 1937/1996, p. 232).

Freud dirá que o conhecimento frente a esse ponto é insuficiente, e que, portanto, ao invés de nos questionarmos sobre a possibilidade de uma cura definitiva, é preciso que nos perguntemos sobre os obstáculos que se colocam frente a ela. Cabe lembrar que Freud retoma uma discussão que ele vinha elaborando desde os seus primeiros escritos técnicos. A transferência se estabelece enquanto um método que progride apesar e por causa dos obstáculos à rememoração, portanto, voltar-se aos obstáculos que se colocam à transferência nada mais é que o próprio processo de análise. O tratamento analítico é possível mediante a análise da situação que se coloca inédita e atual, entretanto, sob a tônica da repetição dos conflitos inconscientes advindos das experiências passadas. Dessa forma, ele se questiona: seria possível impedir o aparecimento de novos traumas? A terapia analítica pode livrar o paciente, permanentemente, de seus conflitos inconscientes?

Neste ponto, Freud (1937/1996, p. 239) se dedica a um debate a respeito da natureza fisiológica e biológica das pulsões enquanto causas limítrofes da terapia analítica: a força constitucional das pulsões e a fraqueza do ego diante de determinantes fisiológicos como a puberdade, a menopausa e a doença física. Freud levanta uma discussão, questionando se tais processos fisiológicos poderiam, espontaneamente, ser solucionados sem a terapia analítica. Segundo o autor, “não é precisamente a reivindicação de nossa teoria o fato de que a análise produz um estado que nunca surge espontaneamente no ego e que esse estado recentemente criado constitui a diferença essencial entre uma pessoa que foi analisada e outra que não foi?”. Esse estado recentemente criado em análise trata-se da transferência. Novamente, Freud recorre à teoria das pulsões para tratar do método analítico. Fica claro ao leitor que há, na teoria freudiana, um elemento pulsional na transferência; esta permanece como uma forma de se ter acesso aos conflitos pulsionais do sujeito, produzindo-os de modo artificial na situação analítica através da compulsão à repetição. Há aqui um ponto a ser ressaltado quanto à técnica analítica e a função da repetição e da resistência na transferência:

O ponto essencial é que o paciente repete essas modalidades de reação também durante o trabalho de análise, que as produz diante de nossos olhos, por assim dizer.

Na verdade, é apenas dessa maneira que chegamos a conhecê-las. Isso não significa que tornem impossível a análise. Pelo contrário, constituem a metade de nossa tarefa analítica. (...) Durante o tratamento, nosso trabalho terapêutico está constantemente oscilando para trás e para frente, como um pêndulo, entre um fragmento de análise do id e um fragmento de análise do ego (FREUD, 1937/1996, p. 251).

Silvestre (1991) vai apontar que durante toda a sua obra, Freud não deixou de se ocupar da técnica psicanalítica, buscando entender como ela pode promover a via de acesso ao inconsciente, mas também se ocupando de seus problemas e obstáculos inerentes. A resistência nunca deixou de estar vinculada à transferência nos estudos do autor, e essa vinculação voltará a ser explorada neste texto de 1937.

A resistência cumpre uma função para o sujeito, seja de preservar o seu sintoma – estabelecendo-se como uma resistência à cura –, seja de hostilidade com o analista e suas intervenções, ou mesmo de evitar a rememoração, rompendo assim com a regra fundamental. “A descoberta freudiana de um além do princípio do prazer, a descoberta da pulsão de morte, acompanha a instauração de uma série de conceitos que revelam a Freud que o sujeito pode agir contra si mesmo, ao menos contra aquilo que parece ser seu interesse imediato” (SILVESTRE, 1991, p. 63).

Procuramos demonstrar, neste tópico, que ao longo da elaboração do método psicanalítico, a transferência, enquanto um conceito da teoria freudiana, ganha múltiplas concepções e vieses que se complementam na obra do autor. Freud entende a psicanálise como uma forma de tratamento que visa à rememoração do conteúdo inconsciente, e para isso, é necessário que o paciente produza sua neurose na situação analítica. Ainda que Freud entenda que para o sucesso do trabalho analítico, mediante o estabelecimento da transferência, é preciso que haja um ganho de saber sobre o recalcado inconsciente, vemos que a sua elaboração teórica do conceito de transferência é essencialmente situada na vertente libidinal. Já Lacan, entretanto, fará uma nova leitura sobre o fenômeno transferencial, colocando em primeiro plano a vertente do saber. A seguir, tentaremos entender e expor as principais construções de Lacan sobre o tema da transferência, sobretudo no que tange à formulação do “sujeito suposto saber”.

2.2 A dimensão epistemológica da transferência lacaniana

A respeito do conceito de transferência na teorização de Lacan, Miller (1988, p. 55) dirá que “a conceituação lacaniana é, ao mesmo tempo, estritamente freudiana”. Ao longo de

seus seminários, Lacan fará um retorno à teoria de Freud. Sua principal proposta é a transmissão da psicanálise freudiana, todavia, acaba reinventando-a em uma leitura que lhe é própria. Podemos afirmar que a maior das contribuições de Lacan ao que cerne o tema da técnica analítica é justamente o que diz respeito à função do “sujeito suposto saber”. Em seu seminário, livro 11 – *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964) é que o “sujeito suposto saber” ganhará real enfoque teórico, estruturando-se enquanto o conceito que fundamenta a transferência na orientação lacaniana. O psicanalista irá abordar a transferência e a entrada em análise a partir de uma suposição e de um erro subjetivo, e nessa perspectiva, buscaremos demonstrar que é a questão do saber que estará em jogo.

Antes mesmo da formulação do “sujeito suposto saber” como um conceito, Lacan, em *Para-além do “princípio de realidade”* (1936), dirá da experiência da linguagem na situação analítica, apontando para isso que está implicado nessa experiência analítica de fala e de escuta: o inconsciente.

O psicanalista, por não desvincular a experiência da linguagem da situação que ela implica, a do interlocutor, toca no fato simples de que a linguagem, antes de significar alguma coisa, significa para alguém. Pelo simples fato de estar presente e escutar, esse homem que fala dirige-se a ele, e, já que ele impõe a seu discurso não querer dizer nada, resta o que esse homem *quer lhe dizer*. O que ele diz, com efeito, pode “não ter nenhum sentido”, mas o que ele *lhe* diz contém um sentido. É no movimento de responder que o ouvinte o sente; e suspendendo esse movimento que ele compreende o sentido do discurso (LACAN, 1936/1998, p. 86).

Lendo Lacan (1936/1998), podemos compreender que a experiência analítica nasce da própria situação analítica, ou seja, o lugar de fala e de escuta que está ali marcado sugeriria, dessa forma, a associação livre. Esta ideia será mais bem desenvolvida por Lacan alguns anos mais tarde, e culminará na concepção do “sujeito suposto saber”.

Precisamente em 1964, na ocasião de seu 11º seminário, Lacan irá elencar os quatro conceitos fundamentais em psicanálise: o inconsciente, a repetição, a transferência e a pulsão. Interessante notar que os quatro conceitos selecionados e elencados por Lacan a partir da obra de Freud, como os conceitos fundamentais para a psicanálise, são bastante próximos e podem ser correlacionados de muitas maneiras. Miller (2005), em *Silet: os paradoxos da pulsão, de Freud a Lacan*, irá destacar que, ao enunciar os quatro, Lacan faz da transferência um conceito diferente da repetição, apesar deles terem conexão e estarem intimamente relacionados. Entretanto, essa disjunção não acontece por acaso:

Embora torne a evocar afinidades entre a transferência e a repetição na obra de Freud e na experiência analítica, apesar de tudo o que implica a relação dos

fenômenos da transferência com os da repetição, ele enuncia uma disjunção radical entre os dois conceitos. Essa disjunção abre espaço para a definição da transferência a partir do sujeito suposto saber, ausente de qualquer definição da repetição (MILLER, 2005, p. 162).

Todavia, o autor marca que esta não é a única divisão feita por Lacan ao operar esta seleção. Se primeiramente ele faz uma separação entre o conceito de repetição transferência, é para depois operar uma disjunção entre repetição e pulsão. Esta segunda separação aponta para um movimento do ensino de Lacan, o movimento de identificar a cada vez mais os conceitos de repetição e de pulsão.

A segunda disjunção destina-se a se fechar, ou seja, o progresso do ensino de Lacan levará a identificar sempre, cada vez mais, repetição e pulsão. Eis então meu ponto de partida: a dupla disjunção entre repetição e transferência, e entre repetição e pulsão, como um duplo destino oposto: a primeira, abrindo-se cada vez mais, e a segunda, fadada a se fechar (MILLER, 2005, p. 162).

Dessa forma, podemos entender que essa separação dos quatro conceitos fundamentais da psicanálise se deu de forma a introduzir algo de novo, precisamente o conceito do “sujeito suposto saber”, que é próprio à teoria lacaniana. Fazendo alguma separação entre o conceito de repetição e transferência, associando, em consequência, a repetição à teoria pulsional, Lacan pôde trazer uma nova leitura ao método psicanalítico pela via do saber. Veremos assim, que a leitura lacaniana da transferência é essencialmente ligada à dimensão do saber, na medida em que há, primeiramente, a função do “sujeito suposto saber”.

Quem é esse sujeito suposto saber? O analista? O analisante? Lacan disse ambas as coisas: é o analista quem sabe que pode dar o saber interpretativo, mas é o analisante, quando de sua boca se espera o material significativo do qual se desprenderá o saber inconsciente. Lacan utilizou, dependendo do momento, uma ou outra versão. A terceira versão as engloba: é uma função, o sujeito suposto saber é uma função que se desprende de uma articulação significativa. O sujeito suposto saber não é nenhum dos dois; em terceiro lugar, está o saber (MILLER, 2007, p. 10).

O sintagma “sujeito suposto saber” se forma através do encadeamento de três palavras que podem apresentar sentidos múltiplos, posto que o termo “suposto” pode ser usado tanto para adjetivar o sujeito como para qualificar o saber: podemos entender esse sintagma por um sujeito que é suposto ou por um saber que é suposto. O primeiro e mais comum sentido é aquele em que entendemos que há alguém a quem os demais supõem algum saber. Miller (2007, p. 6) irá explicar que há também outra significação ainda mais complexa: “não se trata de que o sujeito seja suposto saber pelos demais, mas de que o sujeito seja suposto por um significativo”. Um sujeito não é suposto por outro sujeito, e sim por um significativo que o

representa para outro significante. Há um traço particular que faz com que um sujeito escolha determinado analista; essa articulação significativa produz a suposição de saber que é da ordem do inconsciente.

Se nós podemos entender a função do “sujeito suposto saber” a partir de uma articulação significativa, podemos também pensar que sua formulação se dá a partir da concepção de um enigma. O sintoma se apresenta para o sujeito como uma mensagem cifrada enquanto o signo de sua divisão subjetiva. Tal enigma, produzido pelo sintoma e oferecido pelo sujeito ao se apresentar em análise, revela-se enquanto um pedido por um significante, que me diga o que quer dizer o primeiro. Há, portanto, a busca de um sentido pela via da suposição de saber. O sentido está muito mais presente quando o que aparece é o não saber, e dessa forma podemos dizer que a suposição de saber surge na medida em que aparece também a divisão do sujeito.

A instância do sentido como tal está muito mais presente quando não se sabe o que se quer dizer. Por essa razão, Lacan sustenta que o cúmulo do sentido é o enigma, quando há um não saber do sentido. Essa vinculação mínima do sentido com o não saber cria no horizonte uma suposição de saber. Deve-se supor que, em algum lugar, sabe-se o que se quer dizer, há o saber do que se quer dizer (MILLER, 2007, p. 7).

Portanto, o termo “sujeito suposto saber” remete à ilusão de se tomar o Outro como sujeito que sabe de alguma coisa. Há uma dimensão do Outro na transferência que diz respeito a esse endereçamento da fala no qual o analista está incluso. Dirá Lacan (1964/2008, p. 129) que “o Outro, latente ou não, está, desde antes, presente na revelação subjetiva. Ele já está lá quando algo começou a se livrar do inconsciente. (...) O Outro, o grande Outro (A) já está lá, em toda abertura por mais fugidia que ela seja, do inconsciente”. O Outro é o endereço do destinatário a quem o sujeito oferece a sua fala. Dessa forma, podemos dizer que a função do “sujeito suposto saber” inclui, nela mesma, esse aspecto de endereçamento ao Outro.

Lacan formalizará a transferência enquanto consequência imediata da estrutura da situação analítica – a situação que coloca o analista em posição de ouvinte do discurso que ele estimula no analisante –, sendo o “sujeito suposto saber” o seu pivô. “Desde que haja em algum lugar o sujeito suposto saber, há transferência” (LACAN, 1964/2008, p. 226).

O “sujeito suposto saber” da transferência opera no discurso do analisante mediante a associação livre, instaurando assim um modo próprio do sujeito falar sobre o seu sintoma. A regra fundamental será suficiente para que se dê o início da função da transferência em análise, uma vez que a associação do pensamento permitirá o encadeamento das ideias pelas regras do inconsciente. É a partir desse lugar e desse dispositivo de fala que o sujeito fará uma

questão sobre si e sobre seu sintoma. Couto (2003, p. 94) dirá que “o convite à associação livre, ou seja, dizer tudo que lhe vem à cabeça, demonstra a aposta radical da psicanálise em um outro saber além das dimensões da consciência. Supõe, portanto, a existência de um saber que não se sabe como tal, aposta na própria hipótese do inconsciente”.

O paciente então, ao aceitar a regra fundamental e se oferecer à interpretação, coloca-se na posição de buscar uma verdade sobre si, sobre sua identidade, sobre o seu sintoma e sobre o seu desejo. É essa indeterminação – própria do inconsciente estruturado como uma linguagem – e a busca que o sujeito faz pelas suas certezas que faz com que a transferência permita acesso ao inconsciente, proporcionando o trabalho da análise. A transferência ocorre, portanto, mediante o próprio dispositivo analítico, possibilitado pela fala do analisante.

Já no início de seu ensino, em *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise*, Lacan (1953/1998, p. 248) já vinha estabelecendo alguma relação entre a fala do paciente e a entrada em análise: “Quer se pretenda agente de cura, de formação ou de sondagem, a psicanálise dispõe de apenas um meio: a fala do paciente. (...) Ora, toda fala pede uma resposta”. Portanto, Lacan conclui que a função da análise se situa justamente nesse vetor, entre a fala e a resposta – ainda que a resposta seja o silêncio –, desde que para essa fala haja igualmente um ouvinte. A fala e a linguagem possuem uma função para a psicanálise; essa dinâmica proporcionará a entrada em análise.

Todavia, essa entrada em análise é inerente a uma ilusão, um “erro subjetivo” no qual “o sujeito crê que sua verdade já esta dada em nós [analistas], que a conhecemos de antemão”. Os efeitos da análise serão constituídos mediante esse erro subjetivo, essa suposição de saber no analista, que irá possibilitar o estabelecimento da transferência. Vemos, portanto, que desde 1953, já havia, na teorização lacaniana, elementos que pudessem compor aquilo que o psicanalista futuramente designaria por “sujeito suposto saber”. Não sem razão, em nota datada de 1966, o mesmo acrescenta a respeito desse mesmo trecho: “Aí vemos definido, portanto, o que designamos posteriormente como o suporte da transferência: nomeadamente, o sujeito-suposto-saber” (LACAN, 1953/1998, p. 309). Aquilo que dá suporte à transferência enquanto o seu pivô é a função do “sujeito suposto saber”, a função que se estabelece na situação analítica mediante uma “falsa crença”, a crença de haver um saber sobre o sintoma do sujeito presente na figura do analista. Sem a instauração dessa dimensão do saber, própria da transferência lacaniana, não seria possível a entrada em análise e o trabalho analítico.

Em 1954, na ocasião do Seminário, livro 1 – *Os escritos técnicos de Freud*, Lacan retomará a temática da transferência a partir dos afetos do amor, do ódio e da ignorância enquanto uma paixão. A dimensão da ignorância é considerada um componente da

transferência necessário para a entrada em análise. Ela deriva de uma busca da verdade do sujeito no momento em que este se abre à transferência:

Se o sujeito se engaja na pesquisa da verdade como tal, é porque se situa na dimensão da ignorância – pouco importa que ele o saiba ou não. Está aí um dos elementos do que os analistas chamam de *readiness to the transfert*, abertura à transferência. Há, no paciente, abertura para a transferência pelo simples fato de que ele se coloca na posição de se confessar na palavra, e procura sua verdade no fim, no fim que está lá, no analista (LACAN, 1954/2009, p. 361).

O sujeito se engaja na pesquisa da verdade sobre si, pois ele se situa na dimensão da ignorância. Dito de outra maneira, ele ignora aquilo que seja a verdade sobre o seu sintoma e a deposita na pessoa do analista. Na medida em que o sujeito busca sua verdade no analista através da função da fala, ele se abre à transferência. O que Lacan coloca é que o tratamento só pode acontecer em decorrência da fala do sujeito, pois ele diz mais do que sabe. Há um saber latente nos ditos do sujeito, sendo que é papel do analista dar lugar a essa dimensão da ignorância na busca do sujeito pelo saber sobre si, sobre seu sintoma. O analista é aquele que vai indicar que há um saber na fala do sujeito que ele não reconhece; que há uma significação que lhe escapa.

Lacan vai nos ensinar que não podemos desconsiderar o engano enquanto um elemento da estrutura analítica. Ao trabalhar a conceituação do inconsciente e seus efeitos de linguagem em *O engano do sujeito suposto saber* (1967), o autor dirá que “o inconsciente não é perder a memória; é não lembrar do que se sabe” (LACAN, 1967/2003, p. 334). Há um saber que ultrapassa o sujeito da consciência, e esse saber remete ao próprio inconsciente, posto que a verdade do sujeito surja perante o engano. O engano é próprio da estrutura do inconsciente, e a transferência também comporta essa dimensão; daí o engano do “sujeito suposto saber”. Miller (2007) trará uma formulação interessante. O privilégio dado por Lacan à dinâmica do inconsciente em detrimento ao entendimento da cura como a realização do inconsciente coloca em questão o trabalho de análise e o próprio fenômeno transferencial. O saber do inconsciente se realiza no trabalho de análise, fazendo se mostrar o sujeito que ali está colocado. Dito de outra maneira, o saber se produz a partir do sujeito do inconsciente e suas falhas, seus erros e suas lacunas. “Acho que esse é o sentido máximo da expressão sujeito suposto saber: um saber que tem estatuto de sujeito, isto é, que se manifesta sempre como um sujeito, um sujeito de cujos erros provêm um saber” (MILLER, 2007, p. 22).

A função do “sujeito suposto saber” se estabelece a partir de um erro subjetivo, de uma suposição de saber, de uma crença no analista que sabe e de um endereçamento ao Outro.

O sujeito supõe que a sua verdade está no analista enquanto Outro da sua fala, e por isso o convoca a ocupar esse lugar. Destarte, Miller (1988, p. 73) dirá que aquilo que o sujeito busca, ele busca no limite de sua própria palavra: “no analista enquanto grande Outro, ouvinte fundamental, que decide a significação – e é por isso que seu silêncio é tão essencial, seu silêncio que dá lugar ao desdobrar da palavra, e que não se deve precipitar a satisfazer a demanda do paciente”.

O autor nos apresenta a topologia do ponto de *capiton* de Lacan para explicar de que maneira surge a demanda na experiência analítica (MILLER, 1988, p. 74):

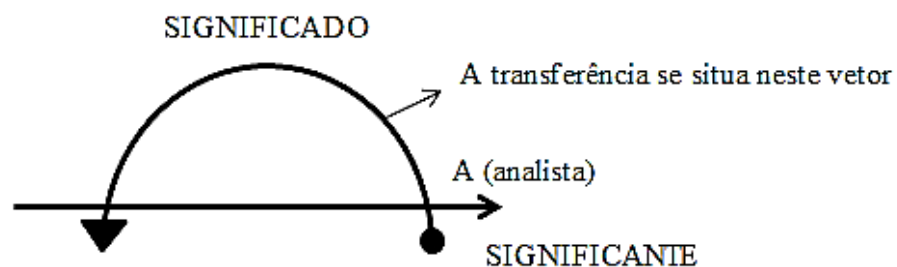


Figura 1: Ponto de *Capiton*

Encontramos a formalização desta estrutura em diversos escritos de Lacan; trata-se da célula constitutiva da relação analítica. Miller (1988, p. 74) propõe a seguinte leitura:

A é o primeiro eixo, o eixo do significante; no segundo eixo, escrevemos o significado e colocamos o analista nesse ponto – ao mesmo tempo como aquele a quem se dirige o significante e na medida em que é aquele que, retroativamente, decide acerca da significação do que lhe é dirigido. E aqui, no grande A, colocamos o analista que funciona como o sujeito que se supõe que sabe o sentido.

Na situação analítica e diante da regra fundamental da associação livre, o sujeito fala a partir de uma rede de significantes, desfilando os significantes-mestres que o atrelam em sua história. Esses significantes são direcionados à pessoa do analista, que age retroativamente na cadeia do significante ao pontuar uma questão sobre a verdade do sujeito; o saber que será elaborado irá remeter, por si só, a um saber que já está presente na própria rede de significantes, visto que o inconsciente é estruturado como uma linguagem.

Na *Proposição de 09 de outubro de 1967*, Lacan (1967/2003, p. 253) define o “sujeito suposto saber” como “o eixo a partir do qual se articula tudo o que acontece com a transferência”. O autor estabelece o “sujeito suposto saber” como aquilo que sustenta a transferência a partir de uma lógica do significante, dado que um sujeito é suposto “pelo significante que o representa para outro significante”.

Ora, se o “sujeito suposto saber” é dado por Lacan como o suporte e pivô da transferência, destarte, é a questão do saber que está colocada como elemento central e fundamental ao estabelecimento da transferência. A formulação do “algoritmo da transferência” mostra o lugar de adjacência que o saber ocupa para a suposição:

$$\frac{S \longrightarrow S^q}{s (S^1, S^2, \dots S^n)}$$

Figura 2: Algoritmo da transferência

Lendo a formulação proposta, acima da barra nós temos o sujeito da suposição como o resultado da implicação do significante (S) da transferência sobre outro significante qualquer (S^q). Sob a barra, temos o sujeito (s) que implica o saber supostamente presente, simbolizado pela cadeia significante inconsciente ($S^1, S^2, \dots S^n$). Dessa forma, é a cadeia significante do saber inconsciente que dá significação ao sujeito em sua suposição de saber. O sujeito endereça ao analista algo que é da ordem de uma suposição, um significante que representa o sujeito para outro significante qualquer.

Vemos que, embora a psicanálise consista na manutenção de uma situação combinada entre dois parceiros, que nela se colocam como o psicanalisante e o psicanalista, ela só pode desenvolver-se ao preço do constituinte ternário, que é o significante introduzido no discurso que se instaura, aquele que tem nome: o sujeito suposto saber, esta uma formação não de artifício, mas de inspiração, como destacada do psicanalisante (LACAN, 1967/2003, p. 254).

No entanto, deste saber suposto o psicanalista nada sabe, visto que o S^q da primeira linha não tem ligação direta com o saber representado na cadeia de $S^1, S^2, \dots S^n$ da segunda linha. Daí a necessidade de tomarmos cada caso em sua particularidade, como um novo caso; recomendação freudiana que Lacan frisa em sua proposição.

Segundo Silvestre (1991, p. 52), “o significante tem uma virtude curativa porque pode representar um sujeito – e apenas ante outro significante. Ao oferecer-se a tal representatividade, o ser falante pode imaginar-se identificado a essa única função significante: basta seguir a metonímia...”. A virtude curativa do significante está justamente ligada ao encadeamento de ideias da associação livre e à ação do simbólico. O sujeito – diante da associação livre e por causa do inconsciente estruturado como uma linguagem – coloca uma questão para seu analista, e dessa forma se instaura a demanda.

O sujeito demanda ao analista uma significação sobre a verdade de seu sintoma, e isso nada mais é do que o “sujeito suposto saber”. Daí o caráter ilusório da transferência – a ilusão do paciente de que seu saber inconsciente está constituído na pessoa do analista. Lacan (1964/2008) vai dizer que uma vez que essa função esteja instaurada para o sujeito e encarnada na figura do analista ou em quem quer se seja, a transferência também estará fundada em consequência.

Quando, em 1960, Lacan profere o seu Seminário – livro 8 *A transferência*, ele faz uma articulação entre o conceito de transferência em psicanálise e o tema do amor na conhecida obra *O Banquete*, de Platão. Lacan (1960/2010) irá destacar as várias faces do amor presentes nos discursos proferidos pelos personagens da obra de Platão, entretanto, o de maior interesse ao nosso estudo é o diálogo entre Sócrates e Alcebíades. Para Lacan, o elogio que Alcebíades faz de Sócrates e a posterior resposta deste serão o ponto máximo de *O Banquete* pela sua relação com o fenômeno transferencial.

Devemos nos lembrar de que Alcebíades é convidado a pronunciar um discurso a respeito de Eros, assim como todos os demais presentes no banquete. Ao contrário do que se esperava, ele pronuncia um elogio a Sócrates. Alcebíades compara Sócrates a silenos. Muitas são as interpretações do que seriam os silenos na cultura grega. Acredita-se que silenos seriam esculturas feias, incorporadas no culto ao deus Dioniso, e que de acordo com a mitologia grega, essas estatuetas traziam boa sorte, uma vez que quando abertas, revelavam um objeto precioso em seu interior. Qualquer que seja o significado dos silenos na cultura grega, o que é importante destacar é aquilo que está em seu interior: um objeto precioso, o *agalma*.

É justamente disso que se trata. Essa indicação topológica é essencial. O importante é o que está no interior. Agalma bem pode querer dizer ornamento, enfeite, mas aqui, antes de mais nada, joia, objeto precioso – algo que está no interior (...) a caminho do desejável. (...) Em suma, de que se trata? – senão daquilo do qual nós, analistas, descobrimos a função sob o nome do objeto parcial (LACAN, 1960/2010, p. 177).

O que Alcebíades busca em Sócrates é o *agalma*; este provocou o seu amor através da manifestação de seu desejo. Com seu discurso, Alcebíades busca levar Sócrates a desejá-lo, mas Sócrates não suporta ficar nessa posição. Eis então que o filósofo faz uma inversão, revelando a Alcebíades que tudo aquilo que este lhe dissera, na verdade, teria sido um discurso direcionado a Agaton. Quanto a isso, Lacan vai afirmar que “a intervenção de Sócrates tem todas as características de uma interpretação” (LACAN, 1960/2010, p. 191). “Sócrates diz a Alcebíades: o que você quer, afinal, é ser amado por mim, e que Agaton seja

seu objeto” (LACAN, 1960/2010, p. 202). Sócrates recusa a posição de ter sido desejável no jogo do amor e, assim, insere outro elemento nessa lógica discursiva, fazendo uma substituição. Essa substituição é da ordem do objeto agalmático que Alcebíades viu em Sócrates, mas que Sócrates, por sua vez, renuncia, por saber que não o possui. “As coisas vão do inconsciente para o sujeito que se constitui na sua dependência, e remontam até este objeto núcleo que chamamos aqui de agalma. Tal é a estrutura que rege a dança entre Alcebíades e Sócrates” (LACAN, 1960/2010, p. 207).

A demanda que Alcebíades direciona para Sócrates, apresenta-se como uma demanda de transferência de saber. Essa passagem do texto nos revela que a suposição de saber é análoga à atribuição do objeto precioso que causa o desejo – que aqui chamamos de agalma – ao Outro da transferência, simbolizado por Sócrates. Sócrates é interrogado como aquele que detém o saber sobre o desejo. “O estabelecimento da transferência no registro do saber através de sua suposição é correlato à delegação àquele que é o seu alvo de um bem precioso que causa o desejo, causando, portanto, a própria transferência” (QUINET, 2009, p. 31).

Se a transferência passa, necessariamente, pela dimensão do amor é porque toda transferência, assim como toda relação amorosa, gira em torno do desejo. Por isso Lacan (1960/2010, p. 189) irá dizer que o agalma é justamente o “objeto que aprendemos a demarcar na experiência analítica”, pois o que está no centro do amor de transferência é o objeto *a*, objeto causa de desejo. Complementando, Quinet (2009, p. 31) afirma que “o analista deve consagrar-se a agalma – a essência do desejo. O analista deve estar disposto a pagar o preço de se ver reduzido, ele e seu nome, a um significante qualquer, em nome desse agalma”.

Entretanto, por ser um efeito da estrutura da situação analítica, o analista não pode se identificar com essa posição de saber que lhe é atribuída na relação transferencial. O analista não sabe nada do saber suposto, visto que o saber do analista nada tem a ver com o saber inconsciente do sujeito. A psicanálise, e conseqüentemente o analista, trabalha com o “não saber” do sintoma, com o novo e singular de cada sujeito, pois cada caso é único e não há uma universalidade psicanalítica entre eles; não há uma “verdade absoluta” dos sintomas.

O analista deve sustentar a posição que lhe é conferida na suposição, não recusando o lugar que ele é convocado a ocupar na transferência. Entretanto, não se trata de o analista estar identificado com a posição de saber, pois não é o saber do analista que está em jogo na suposição. Esse lugar do saber deve estar vazio, pois somente assim, operando com a ignorância douda, que o sujeito poderá criar um enigma em sua própria enunciação, fazendo caminhar a análise. Diante disso, Quinet (2009, p. 26) nos explica que a transferência está condicionada ao analisante, sendo prioritariamente a sua função, e não ao analista, como se

costuma pensar. Porém, este último precisa saber utilizá-la para a boa condução de uma análise. A posição do analista não é a de saber pleno ou de compreensão do paciente, mas ele deve também considerar a dimensão da ignorância, aquilo que o autor chama de “ignorância douda” – termo cunhado, inicialmente, por Nicolau di Cusa como “um saber mais elevado e que consiste em conhecer seus limites”. Essa ignorância douda é uma precaução contra a posição de um saber absoluto, que não cabe à psicanálise.

O que o paciente busca em uma análise é da ordem de um saber e de uma suposição, desse modo, o saber é o que está na base da transferência e que movimenta o processo analítico. A função do “sujeito suposto saber” opera a partir da crença em um saber sobre o seu sintoma, presente na pessoa do analista. Da mesma forma, o analista também possui um saber sobre o inconsciente, que faz parte da transferência, pois é ele que vai sustentá-la.

Sendo assim, o conceito da transferência está integrado ao conceito do inconsciente e não pode ser separado deste, pois a presença do analista é tida por Lacan como uma manifestação do inconsciente, e através da transferência ele poderá se atualizar, abrir e tornar a se fechar. Lacan (1964/2008, p. 128) afirma que “a certeza do próprio analista concernente do inconsciente não pode ser extraída do conceito de transferência”, e mais à frente complementa, dizendo que “a transferência é o meio pelo qual se interrompe a comunicação do inconsciente, pelo qual o inconsciente torna a se fechar” (p. 129). A teoria lacaniana inaugura a ideia de que o inconsciente está intimamente associado à presença do analista, sendo a transferência o produto deste encontro entre analista e sujeito.

Podemos perceber por essas passagens, que Lacan faz uma correlação entre a transferência e o inconsciente, evidenciando o caráter pulsional do inconsciente na transferência; há uma pulsação presente nesse movimento de abertura e fechamento do inconsciente, que é presente e latente na situação transferencial. Novamente, isso ficará claro, quando o psicanalista, ainda nesse seminário, abordará a transferência enquanto “a atualização da realidade do inconsciente”, sendo que “a realidade do inconsciente é a realidade sexual” (LACAN, 1964/2008, p. 148). Miller (2005, p. 165) vai comentar que quando Lacan desenvolve esse seminário, ele necessita de um conceito mediador para situar na junção entre o inconsciente e a realidade sexual: “É constante, em Lacan, a necessidade de tal conceito mediador. Ele o encontra, em Freud, sob a forma da *libido*, e o retoma, em seus próprios termos, sob a forma do desejo”.

Sustento que é o nível da análise – se algum passo à frente pode ser dado – que se deve revelar o que é desse ponto nodal pelo qual a pulsação do inconsciente está ligada à realidade sexual. Este ponto nodal se chama desejo, e toda elaboração

teórica que persegui esses últimos anos vai lhes mostrar, ao passo a passo da clínica, como o desejo se situa na dependência da demanda (LACAN, 1964/2008, p. 152).

Mediante a transferência, a análise nos mostra que aquilo que liga a pulsão inconsciente à realidade sexual é o desejo. É a formulação do conceito de desejo que poderá fazer a junção do inconsciente com a realidade sexual, mostrando, assim, que há um caráter pulsional da transferência na conceituação lacaniana.

Pudemos assim perceber que é a dimensão epistemológica que está no centro da construção teórica do conceito transferencial na leitura lacaniana, no entanto, o autor não deixa de considerar a sua articulação com a dimensão pulsional. Com Lacan, podemos entender que o estabelecimento da transferência se dá tanto pela via do registro do saber, através da função do “sujeito suposto saber”, quanto pela via da dimensão do objeto *a*, quando o analista se consagra objeto causa de desejo. O psicanalista demonstra claramente essa articulação através de sua leitura da obra *O Banquete*, quando nos mostra que a versão do analista enquanto suposição de saber e a versão objeto pulsional não deixam de estar intimamente vinculadas. Sócrates é, ao mesmo tempo, convocado para esses dois lugares, e em um único movimento, recusa ser o mestre do saber e o objeto de desejo de Alcebiades, manejando a partir do lugar na transferência que lhe é atribuído. Miller (2007, p. 19) dirá que essa dupla vinculação entre a transferência em seu viés libidinal e epistemológico é própria do ensino de Lacan.

Temos em *O Seminário, livro 11*, um seminário que todo mundo lê, algo tão difícil de situar: Lacan define a transferência, de um lado, como a colocação em ato da realidade sexual do inconsciente e, de outro, como o sujeito suposto saber. Uma das definições responde ao lado libidinal e a outra, ao semântico.

Quando Lacan define a transferência enquanto atualização da realidade sexual do inconsciente, enquanto um modo de presença do analista e como uma pulsação em seu modo de abertura e fechamento, ele está definindo a transferência pelo seu lado libidinal. No entanto, podemos afirmar que Lacan destaca a concepção de saber na leitura freudiana dando maior ênfase em sua vertente semântica, e assim dá, à psicanálise, um novo panorama sobre a transferência, na medida em que ele cria o conceito e a função do “sujeito suposto saber”.

3 O MESTRE CONTEMPORÂNEO E SUAS IMPLICAÇÕES PARA A TRANSFERÊNCIA

A transferência sempre foi motor e operador de uma análise, fazendo-se atemporal na prática clínica. Freud criou a psicanálise e com ela abriu portas para um novo tipo de tratamento que coloca como instrumento central a escuta do sujeito. Foi precisamente pela escuta de suas pacientes histéricas que o autor pôde construir a transferência enquanto a técnica analítica. No entanto, a psicanálise não se mantém a mesma desde a sua criação. Não basta nos atermos à clínica psicanalítica clássica de Freud. Cada vez mais, deparamo-nos com diversas mudanças no mundo, e essas impõem mudanças também aos sujeitos que procuram a psicanálise como uma via de tratamento. Consequentemente, vemos emergir, na prática clínica, alguns embaraços ao estabelecimento da transferência, convocando o analista a repensar o manejo e a direção do tratamento hoje. Neste capítulo, trabalharemos em torno de dois principais impasses ao estabelecimento da transferência na clínica contemporânea. São eles, respectivamente: a nova relação que o sujeito estabelece com o saber, e os novos sintomas, que surgem mais amarrados em sua vertente pulsional que na vertente da interpretação e do sentido.

Para iniciar esta discussão, no primeiro tópico, “O sujeito e o Mestre Contemporâneo”, partiremos da Teoria dos Discursos em Lacan para abordar a nova apresentação do discurso contemporâneo e suas consequências para o sujeito moderno. Quando Lacan formaliza a Teoria dos Discursos, ele postula o Discurso do Mestre como o discurso do inconsciente, e o Discurso do Analista como o seu avesso. Posteriormente, o autor vai apontar uma mutação no Discurso do Mestre, a qual será nomeada como o Discurso do Capitalista. Testemunhamos diversas incidências do mestre nos sujeitos contemporâneos, modificando sua maneira de se relacionar, de consumir, de fazer laço social, criando novos sintomas e transformando também a relação particular que ele estabelece com o saber. Quais as consequências do discurso contemporâneo para o estabelecimento do “sujeito suposto saber”?

Dando sequência, buscaremos, no tópico “As novas formas do saber”, investigar de quais maneiras o discurso contemporâneo sugere uma nova relação do sujeito moderno com o saber. Em seu ensino, Lacan trabalha a função do “sujeito suposto saber” enquanto o pivô do laço transferencial, suportando a inauguração de um trabalho analítico. Tal função se estabelece mediante a crença de haver um saber sobre o sintoma do sujeito presente na figura do analista. No entanto, há um novo uso para o saber no mundo atual que se impõe a partir de

uma lógica que podemos observar no Discurso Capitalista. Como consequência, fundam-se novas formas de transferência que não se ancoram tanto mais na suposição de saber.

Em “O sentido no sintoma”, abordaremos a maneira pela qual o sintoma freudiano convocava um sentido inconsciente, pedindo uma significação. Freud entendia que a formação do sintoma remetia, necessariamente, às experiências passadas do sujeito, e seu sentido não poderia ser explicado apenas no nível da consciência. O sintoma faz enigma, tem algo a dizer e aponta para um saber que o sujeito desconhece. Entretanto, a relação do sujeito moderno com o saber não é mais a mesma. Da mesma maneira, modificou-se aquilo que faz enigma e se apresenta enquanto uma questão de análise. Hoje, vemos sujeitos se apresentarem à clínica sem uma clareza de sua divisão subjetiva. Os novos sintomas não apontam mais com tanta nitidez para a significação e o sentido, buscando uma interpretação no Outro.

Veremos, no tópico “O gozo que exclui o sentido”, que a clínica contemporânea é, em sua essência, a clínica do gozo. Na busca de um tratamento analítico, o sujeito moderno surge com um gozo implacável e uma angústia frente ao real insuportável, mas com poucos recursos simbólicos para dar conta do gozo do sintoma pela via da palavra. A partir do último ensino de Lacan sobre a clínica do Real, Miller deu enfoque à dimensão do Um que dialoga sozinho, tão vigente em nossa clínica contemporânea. Estamos diante de uma repetição do gozo no corpo que exclui a dimensão do sentido e do saber. O analista não deixa de ser convocado a partir desse lugar, tendo que se reinventar nessas novas formas de transferência, que possam sustentar o tratamento frente aos impasses colocados pelo mestre contemporâneo.

3.1 O sujeito e o Mestre Contemporâneo

A psicanálise acompanha as questões relativas ao horizonte de sua época. No texto *Uma fantasia - Conferência em Comandatuba* (2004), Miller irá se interrogar sobre o *status* da civilização hipermoderna, na qual se encontra aquilo que ele denomina de “sujeitos desbussolados”. O autor irá associar esse desnorreamento dos sujeitos à dissolução da “moral civilizada” – tal qual nomeada por Freud –, que se mantinha enquanto uma bússola, um guia frente ao desamparo estrutural do sujeito.

Para Miller (2004), se nós perdemos a moral sexual civilizada como a bússola de outrora é porque hoje temos uma outra: o objeto *a*; o que podemos perceber como característico de nossa época é a ascensão do objeto *a* – objeto mais-de-gozar – ao zênite social.

Um novo astro se elevava no céu social, no "sociel". Lacan registrou esse novo astro sociel, se assim posso dizer, como objeto a , resultado de um forçamento, de uma passagem ao mais além dos limites descobertos por Freud, à sua maneira, precisamente em um mais além. Elemento intenso que perime toda noção de medida, indo sempre em direção ao mais, em direção ao sem medida, seguindo um ciclo que não é o das estações, mas sim o de uma renovação acelerada, de uma inovação frenética (MILLER, 2004, p. 2).

Quando falamos no objeto a em ascensão na contemporaneidade, somos levados a pensar no Discurso do Capitalista. Devemos nos lembrar de que a Teoria dos Discursos se encontra no Seminário, livro 17 – *O Averso da Psicanálise*, proferido entre os anos de 1969 e 1970, período marcado pela turbulência de um marco histórico e social – o movimento estudantil francês em maio de 1968. Nessa ocasião, Lacan formaliza os quatro discursos radicais e, posteriormente, a partir de uma modificação do Discurso do Mestre, surgirá o Discurso do Capitalista, que ele legitimará como o discurso do mestre moderno. O autor fala de uma “mutação capital (...) que confere ao discurso do mestre seu estilo capitalista” (LACAN, 1969-70, p. 160). Essa mutação é possível a partir de uma inversão na posição dos dois elementos presentes no Discurso do Mestre: “significante” (S^1) e “sujeito barrado” ($\$$). Se no Discurso do Mestre o S^1 ocupa o lugar de agente e o $\$$ ocupa o lugar de verdade do discurso, a mutação capital irá conferir ao $\$$ o lugar de agente e ao S^1 o lugar de verdade. Entretanto, é somente em maio de 1972, na conferência de Milão, *Du discours psychanalytique*, que Lacan formalizará a sua grafia:

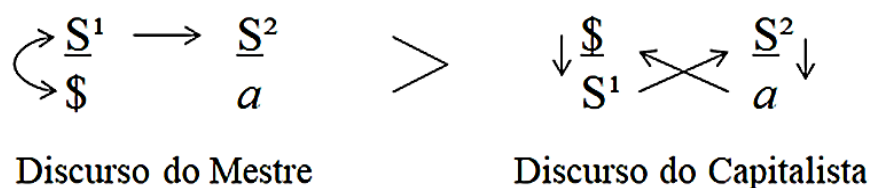


Figura 3: Modificação do Discurso do Mestre ao Discurso do Capitalista

Nós não podemos nos esquecer de que o objeto a possui a face de objeto causa de desejo, mas também de objeto mais-de-gozar. No Discurso Capitalista, o objeto a mais-de-gozar aparece no lugar de produção do discurso. O capitalismo produz modos de gozo, e esse objeto a se revela através dos *gadgets*, os objetos de consumo que permitem livre acesso do sujeito ao gozo ($a > \$$). Podemos dizer que no Discurso Capitalista, há a produção de um gozo e a busca por um mais-além do gozo, expresso no consumismo e seus excessos.

Dessa forma, somos conduzidos a entender aquilo que está em jogo na contemporaneidade. Em Comandatuba, Miller (2004) formula aquilo que se mostra tão vigente e atual em nossa civilização hipermoderna: o objeto *a* como orientador do discurso contemporâneo. Enquanto o novo guia da civilização hoje, ele aponta para uma nova era, a era do gozo. O mais-de-gozar se faz ver no consumismo exacerbado, no imperativo de gozo, nas novas formas de sintoma, nas toxicomanias, nas eternas demandas insaciáveis, naquilo que se configura como um mais-além, o sem medida. Se nós concluirmos que o objeto pequeno *a* se situa na civilização hipermoderna como seu orientador, ou então como o seu agente, por consequência, podemos compreender a constatação milleriana (que o próprio autor denomina como “uma fantasia”) de que “o discurso da civilização hipermoderna tem a estrutura do discurso do analista” (MILLER, 2004, p. 3). Na ocasião do Seminário livro 17, Lacan apresenta o Discurso do Analista como o avesso do Discurso do Mestre, que é a própria estrutura discursiva do inconsciente – o avesso da psicanálise é o Discurso do Mestre. Contudo, “hoje (...) o discurso da civilização não é mais o avesso da psicanálise. É seu sucesso” (MILLER, 2004, p. 3). E isso implica em algumas consequências à prática da psicanálise.

Lendo os elementos do Discurso do Analista como uma proposta para o novo discurso da civilização hipermoderna, podemos localizar que é o objeto mais-de-gozar que está no lugar dominante do discurso. Esse objeto *a* impõe-se ao sujeito desbussolado, fazendo-o produzir os S^1 da modernidade, que Miller simboliza pelas inúmeras avaliações e questionários produzidos sobre o sujeito. Já o saber S^2 se situa no lugar de verdade, mas enquanto um semblante da mentira. Todavia, Miller (2004, p. 3) dirá que “esses diferentes elementos estão dispersos na civilização e que só na psicanálise, na psicanálise pura, esses elementos se ordenam em discurso”. Interessante ainda notar que tanto no Discurso do Analista quanto no Discurso do Capitalista, o objeto *a* está diretamente endereçado ao sujeito barrado ($a > \$$), demonstrando, assim, como o sujeito do mundo moderno tem livre acesso aos modos de gozo em ambos os discursos, em sua leitura civilizatória. Portanto, podemos compreender que é o mais-de-gozar que se apresenta como o elemento norteador para o sujeito contemporâneo.

De acordo com Laurent (2007), quando Miller define a sociedade contemporânea como dominada pelo objeto *a*, ele o faz para estabelecer aquilo que se coloca como o "mal-estar" ou o sintoma da nossa atual civilização, tal qual fizeram Freud e Lacan respectivamente à época de cada um. Aliás, Miller deixa claro que se estamos dizendo de uma dominação do

objeto *a*, de um império do gozo, é pelo fato de ele ter ascendido ao zênite social, como já postulava Lacan em 1970.

Miller (2017b) vai esclarecer que o Discurso do Mestre não é sem-variação, ele se altera e modifica em nossa área e em nossa época. A cada momento, pode haver um elemento ocupando o lugar dominante do mestre, seja o sujeito dividido (\$) do individualismo democrático, seja o saber (S^2) sob a aparência da burocracia, ou o objeto *a* situado no zênite social como vimos há pouco. No entanto, “é sempre o S^1 que, definitivamente, sustenta o discurso do mestre” (MILLER, 2017b, p. 2). Dessa maneira, podemos dizer que o discurso da civilização contemporânea remete, necessariamente, ao Discurso do Mestre, que é o discurso do inconsciente tal qual estabelecido por Lacan.

Como vimos, não há mais uma bússola que sirva de guia e faça um ordenamento para o “sujeito desbussolado”, como Miller salienta, e, portanto, somos confrontados com a presença descomedida desse mestre em suas múltiplas faces, variações e formas de discursos, colocando uma série de embaraços ao sujeito contemporâneo.

Em nossos dias, a queda dos significantes mestres, ou seja, dos significantes que ordenavam a nossa civilização e que funcionavam como parâmetros claros de nossos ideais e de nossas formas de satisfação, tem promovido profundas modificações nos laços sociais e em nosso modo de viver (SOUTO, 2017, p. 181).

O mestre contemporâneo mudou, e essa modificação não opera somente no âmbito social, mas se impõe também ao âmbito individual e particular de cada sujeito. Hoje, o imperativo de gozo que se expõe no modo de vida capitalista-consumista coloca uma série de impasses ao sujeito em sua relação com esse gozo. Vivemos em um mundo de excessos, um mundo que demanda a satisfação dos modos de gozo de cada um; entretanto, essa satisfação nunca se dá por completo, portanto, o sujeito quer sempre mais, quer gozar sempre mais. Se só o que se leva em conta para o mestre contemporâneo é a satisfação das variadas formas de gozar de cada um, logo, à medida que ele se fortalece, é a divisão do sujeito que se apaga.

Freud cria a psicanálise em uma época cuja “moral civilizada” ainda permanecia enquanto um ideal ordenador, uma bússola orientadora para o desamparo estrutural do sujeito. O sintoma era aquilo que fazia enigma e se apresentava enquanto um sentido a ser decifrado. Nessa perspectiva, podemos dizer que a relação do sujeito com o sintoma sempre foi marcada por um não-saber, entretanto, havia algo do sintoma que era possível de ser apreendido, ordenado e significado pela via do sentido. Essa relação sofre uma modificação no mundo contemporâneo – e isso se expressa com clareza na clínica dos novos sintomas, das

toxicomanias, da bulimia, da anorexia, dentre outros. Aquilo que se leva em conta pelo “sujeito desbussolado” é somente o império do seu gozo em uma busca incessante pelas variadas formas de satisfazê-lo. Diante da falta de um ideal ordenador para o sujeito e da ascensão do objeto *a* nesse lugar de bússola civilizatória, hoje vemos emanar sintomas reduzidos à pura repetição do gozo, excluindo, desse modo, a dimensão da significação.

O mestre contemporâneo apresenta-se como um significante (S¹), sozinho, apartado de sentido, isto é, sem o elemento que o tornaria passível de ser compreendido, interpretado. Dessa forma, sem os recursos para localizar os modos de gozo da época a partir do sentido, o mestre fica reduzido, em nossos dias, a um agente da vontade de gozo, um imperativo que prolifera no escuro e se multiplica como um enxame, outorgando seu valor de comando às variadas formas de gozar (SOUTO, 2017, p. 181).

Se, por um lado, nós podemos localizar um imperativo do Goza!, que se multiplica nos dias de hoje em uma proliferação do gozo do sintoma, por outro lado, nós podemos perceber que ele não parece produzir enigma, permanecendo desvestido de sentido. Por conseguinte, há algo do sentido que está excluído para o sujeito nessa relação: escapa-lhe a dimensão do saber, seja pela não convocação de um saber sobre o sintoma, seja por um rechaço do inconsciente, pela queda da crença no saber do Outro, ou pela manifestação do sintoma em sua vertente mais pulsional. Veremos, a seguir, as implicações do discurso contemporâneo na dimensão do saber, analisando as maneiras pelas quais ele é capaz de inaugurar novas formas de saber nos dias de hoje.

3.2 As novas formas do saber

Diante do advento da tecnologia, da internet e do site Google, a contemporaneidade inaugura uma nova relação do sujeito com o saber. Ao se confrontar com o não saber, o sujeito moderno busca suas respostas no lugar em que ele supõe poder encontrá-las: nos sites, nos aplicativos, na internet, no computador, nos *smartphones*. O imperativo do gozo coloca, para o sujeito, uma urgência, um empuxo que é da ordem do consumo; e o saber também entra nessa diretriz. Seria o saber mais um objeto de consumo que o sujeito procura no lugar onde ele acha que vai poder encontrá-lo? Parece haver hoje uma relação diferente do sujeito com o saber, e isso pode trazer consequências para a prática da psicanálise. Sabemos, com Lacan, que a transferência possui sua dimensão epistemológica, a qual só pode ser instaurada diante do estabelecimento daquilo que se coloca como seu alicerce, seu pivô: a função do

“sujeito suposto saber”. Qual é o lugar para o “sujeito suposto saber” nessa era regida pelo objeto *a* e pelo imperativo de consumo, em que parece não haver uma suposição de saber ligada ao sujeito?

Miller, em *Sobre o sujeito suposto saber e o objeto a* (2007), se interrogará a respeito da função que o “sujeito suposto saber” ocupa na contemporaneidade. O autor apontará que dentre os possíveis efeitos de uma pergunta, nem sempre haverá a instauração de um “sujeito suposto saber”. Quando o sujeito acessa a internet e interroga o saber através do computador, aparenta não se tratar de uma suposição de saber, mas de algo de outra ordem. Miller (2007, p. 8) ainda afirma:

Hoje interroga-se a enciclopédia pelo computador, pela internet, e talvez não se trate tanto de uma suposição quanto da antecipação de que encontrarei o que procuro. Resta, no entanto, a própria pergunta, que não me parece excessivo definir como uma demanda de saber.

Nesse contexto, o saber entra em jogo como um objeto da demanda. A interrogação do sujeito não partiria tanto de uma suposição, mas de uma demanda imperativa de saber, uma antecipação de que haveria no outro – seja no próprio Google, ou na busca por um analista-google – uma resposta pronta e com estatuto de verdade. O sujeito passaria, então, a utilizar o saber enquanto mais um objeto a ser consumido.

Leguil (2011), ao se interrogar sobre esses efeitos do mundo contemporâneo para a psicanálise, dirá da diferença entre a prática psicanalítica na era freudiana e nos dias de hoje. Segundo o autor, na época freudiana – e isso é ressaltado por Freud no artigo *Tratamento psíquico* (1905) – a medicina estava ancorada em uma espécie de magia, a magia das palavras. “Essa magia das palavras dava aos médicos uma aura, uma reputação que os tornava capazes de melhorar o estado do paciente devido ao saber que lhes era suposto” (LEGUIL, 2011, p. 41). Leguil nos lembra de que em suas primeiras publicações, Freud utiliza o termo “médico”, mas, posteriormente, o substitui por “psicanalista”. Podemos dizer que há uma certa antecipação de Freud a Lacan. Freud antecipa uma associação entre o poder da palavra e a dimensão da crença na figura do analista; a magia das palavras e a suposição de saber no médico possuíam uma virtude curativa na medida em que a singularidade daquele tratamento era capaz de produzir algum alívio para o sujeito. Esse amor capaz de curar pela via do saber e da fala não se trata justamente da função do “sujeito suposto saber”? O que Freud de certa maneira antecipa a Lacan é que a função da palavra, associada à suposição de saber no analista, é capaz de tratar o sintoma do sujeito.

Para Freud, a magia das palavras e o saber suposto aos médicos são semelhantes ao que operava no milagre religioso, ou seja, isso transformou a espera ansiosa do paciente numa espera crente. Essa substituição, essa metáfora da crença sobre a angústia, explicava o amor e a estima por este saber capaz de diminuir um pouco a dor (LEGUIL, 2011, p. 41).

Não obstante, na atualidade, o poder da medicina não advém mais dessa aura médica, da suposição de um saber aliada à magia das palavras. Hoje, o poder da medicina advém da ciência e seus *gadgets*. O que antes era um saber suposto, agora se torna um “saber exposto”. Essa modificação do lugar que o saber ocupa na contemporaneidade traz implicações à prática analítica, visto que a relação do sujeito com o saber também se modificou. Leguil (2011) ressalta que o sujeito contemporâneo não chega mais à clínica com uma demanda de tratamento endereçada à figura do analista, àquele em quem se suporia um saber capaz de desvendar o enigma de seu sintoma; hoje não é tanto a suposição que está em questão: o que há é uma exigência, uma reivindicação de saber.

Quando se sai do consultório médico, vai-se diretamente ao computador para saber se os remédios prescritos não são uma bobagem. Isso significa que o saber exposto substitui totalmente o saber suposto. Os médicos, os psicólogos e os psiquiatras, que perceberam isso e que estão no discurso do mestre, captaram que essa supressão do saber suposto pelo saber exposto destrói a relação com o doente, uma vez que este último vai buscar este saber exposto em outro lugar (LEGUIL, 2011, p. 42).

Se hoje nós vemos o saber tomar o lugar de uma exigência e de uma reivindicação, isso ocorre em função de um certo modo de discurso circulante do nosso tempo. O objeto *a* como norteador da nossa civilização, aponta para um imperativo do gozo que modifica a maneira como o sujeito faz laços e se relaciona no mundo – inclusive como ele se relaciona com o saber –, e dessa forma, tudo passa a ser da ordem do consumo, pautado na relação do sujeito com os seus objetos, agora situado na dimensão do “ter”.

Podemos ainda ponderar que há, na contemporaneidade, um livre acesso pelo sujeito ao consumo do objeto-saber. Vivemos em um mundo da oferta, cujo uso do conhecimento nos sites de busca pela internet, pelo Google, nos *tablets* e nos *smartphones* está na palma das mãos de cada um. Todos sabem! Todos sabem sobre tudo. Todavia, essa crescente onda de conhecimento “para-todos” acaba por horizontalizar o saber, ao ponto que tanto a ignorância quanto o conhecimento passaram a ter o mesmo valor. Como consequência, atestamos o fenômeno contemporâneo da pulverização do saber. A partir do momento em que o sujeito contemporâneo passa a ter livre acesso a todo tipo de informação e de dados pela via da internet, logo todos se tornam “especialistas” em qualquer tema que seja. Em contrapartida, os

verdadeiros especialistas têm agora menos conhecimento que outrora. Aquele saber que antes era localizado, hoje se encontra disperso. Pode-se dizer então que, ao mesmo tempo que todos têm um livre acesso a todo tipo de conhecimento disponível, poucos são aqueles aos quais se credita saber sobre qualquer coisa. Esse fenômeno vem ganhando tamanha proporção a ponto de também se adentrar no consultório do psicanalista. Se antes era possível localizar a suposição de saber na figura do analista, hoje o que podemos observar é uma espécie de descrédito nesse. O saber do analista passa a ter o mesmo valor da minha ignorância. Sem suposição, resta o lugar da exigência, da reivindicação.

No entanto, a exigência e a reivindicação não são os únicos efeitos que encontramos na contemporaneidade no que diz respeito ao lugar que o saber ocupa para o sujeito. Segundo Leguil (2011), são diversas as suas mutações. Diante do mestre contemporâneo, cada vez mais vemos o “saber exposto” ceder ao “saber imposto”, ou seja, aos inúmeros protocolos, exames e técnicas que produzem um saber dito científico e, ao fazerem isso, deixam de lado o sujeito e seu saber inconsciente, que como sabemos, está situado do lado da suposição.

De acordo com Ram Mandil (2005, p. 2), “uma das características desses novos tempos é o questionamento de todo o saber suposto e um estímulo à exposição do saber”, indicando, dessa forma, que os sujeitos de hoje apresentam uma questão em relação ao saber, colocando “sob suspeita toda suposição”.

Isso não é sem consequências para a teoria do sujeito-suposto-saber. Numa civilização em que o objeto *a* não se acha mais em estado latente, mas circulando abertamente no social, renovado, inclusive, pela ciência, que efeitos isso poderá ter sobre o amor, em geral, e sobre a transferência em particular? (MANDIL, 2005, p. 2).

Segundo o autor, a incidência do mestre contemporâneo fica clara na medida em que podemos observar diversas “manifestações da pulsão que surgem desconectadas da fantasia ou sem a mediação do sintoma”, por vezes incidindo fora do campo transferencial (MANDIL, 2018, s/p). O autor nos conduz para uma questão que será de fundamental importância para nossa investigação. Cabe aqui frisar:

O convite para considerar a pulsão “fora da transferência” aponta para um mais além das qualificações da transferência, seja como positiva ou negativa. Outra questão surge daí: aquilo que na experiência nos dá a impressão de estar fora do alcance da transferência não poderiam ser **novos modos de manifestação da transferência**, por exemplo, **para além de uma relação com o saber?** (MANDIL, 2018, s/p, grifo nosso).

Dedicamos o capítulo anterior dessa pesquisa ao estudo do fenômeno transferencial desde sua concepção em Freud até o retorno feito por Lacan, sob o olhar da dinâmica libidinal e da vertente epistemológica, em ambos os ensinamentos. Pudemos entender que Lacan não deixa de estabelecer a relação íntima entre o viés pulsional e epistêmico da transferência, mas, ao mesmo tempo, ele destaca o valor da suposição de saber para o estabelecimento do laço transferencial. Há algo no estabelecimento da transferência no mundo contemporâneo que parece estar em outro campo que não é puramente o da relação com a suposição de saber, convocando o olhar do analista para essas novas formas de transferência que se fundam hoje.

Podemos dizer que, no mundo atual, há cada vez menos lugar para uma relação ao saber sob a forma da suposição. E é justamente na vertente de uma suposição de saber que Lacan localiza o lugar do analista na transferência. No entanto, os laços sociais contemporâneos tendem a se constituir sob a forma de uma “sociedade da suspeita” (MANDIL, 2018, s/p).

Quando Mandil evoca a expressão “sociedade da suspeita”, ele o faz em referência a uma elaboração de Miller. De acordo com Miller (2010), estamos vivendo em uma “sociedade da suspeita”, cuja ideologia não é favorável ao alicerce da psicanálise, justamente pelo fato da prática psicanalítica ter sido estabelecida a partir do que Freud batizou de transferência, e que “Lacan transcreveu, reordenou, redistribuiu sob o nome de sujeito suposto saber” (MILLER, 2010, p. 74, tradução nossa²). O autor vai demarcar que o termo “suposição”, que compõe o sintagma “sujeito suposto saber”, pode ser entendido como uma instância que não é prontamente observável. Entretanto, quando ele nomeia a nossa sociedade atual como a “sociedade da suspeita” é justamente para dizer dessa oposição entre o que é suspeito e o que é suposto – que não são do mesmo campo. “Bem, o que eu chamei agora mesmo de a ‘sociedade da suspeita’ é intolerante ao suposto saber. Ela se anima a partir de um outro imperativo que é o de explicitar tudo, expor tudo, exhibir tudo” (MILLER, 2010, p. 75, tradução nossa³). Em contrapartida, a suposição de saber pressupõe uma vacilação, a existência de um saber que não é imediatamente observável, explícito, exposto. De tal maneira que a suposição de saber é colocada em cheque no mundo contemporâneo. O saber que se acredita hoje não é o saber que está velado, muito pelo contrário, é aquele que se mostra, aquele que se expõe e se exhibe prontamente.

Aprendemos, com a psicanálise, que é fundamental que nós sejamos precisos quando estamos no terreno da linguagem e das palavras. Ora, “suposição de saber”, “antecipação de

² Do original: Lacan a transcrit, réordonné, redistribué, sous le nom de sujet supposé savoir.

³ Do original: Eh bien, ce que j'appelais tout à l'heure la société du soupçon est intolérante au savoir supposé. Elle est animée par un tout autre impératif qui est de tout expliciter, de tout exposer, de tout exhiber.

saber” e “exigência de saber” são três expressões muito distintas e que precisam ser diferenciadas entre si. A nosso ver, enquanto a suposição de saber leva em consideração o saber do inconsciente, quando estamos falando de uma antecipação ou de uma exigência de saber – que como pudemos entender, são posições características do mundo contemporâneo –, parece que essa demanda é de outra ordem que não a de um saber inconsciente e particular, mas de um saber pleno, tecnológico, científico, no discurso do “para todos” e com estatuto de verdade universal. Hoje, a suposição está posta sob suspeita e, portanto, o saber é demandado a partir de um outro lugar, o lugar de um imperativo de tudo saber.

Perante as modificações do mundo e do mestre contemporâneo, vemos emanar também modificações quanto às dimensões da crença, da transferência, da função do “sujeito suposto saber”. Ao que tudo indica, vivemos em uma época marcada por um enfraquecimento da suposição de saber sobre o sujeito do inconsciente, e uma consequente modificação da demanda de análise, que agora se apresenta de maneira imperiosa por um saber que é de outra ordem que não a da suposição, mas sim da exigência, da antecipação e do uso desse saber enquanto um objeto de consumo. Dessa maneira, quando o sujeito busca uma análise, é preciso que o analista localize, primeiramente, a partir de qual lugar está colocada a sua demanda e que relação esse sujeito estabelece com a suposição de saber. Poderia o sujeito demandar uma análise sem suposição de saber ao analista? Vimos que a contemporaneidade e seus fenômenos dão indícios de um enfraquecimento da suposição no saber do inconsciente. Haveria, concomitantemente, uma queda da figura do analista enquanto Outro que detém o saber sobre o sintoma do sujeito? Se não enquanto Outro que sabe, a partir de qual lugar o analista se situaria na transferência?

Tais indagações são interessantes, pois nos fazem remeter ao curso proferido por Jacques-Alain Miller em colaboração com Éric Laurent, proferido a partir do ano de 1981, titulado *O Outro que não existe e seus comitês de ética*. A tese maior do autor é a de que estamos em tempos do Outro que não existe.

No entanto, de acordo com Miller (1998), a constatação da inexistência do Outro na contemporaneidade não tem relação com a morte simbólica de Deus. Muito pelo contrário, o autor articula que a morte de Deus e do pai, colocada por Freud em *Totem e Tabu*, ao invés de eliminar o seu poder, o eterniza e serve de véu para a castração. Portanto, havia outrora um lugar privilegiado para o poder paterno; o Outro existia, possuía maior consistência.

A morte de Deus é contemporânea ao que se estabeleceu na psicanálise como reino do Nome-do-Pai. Uma vez não é costume: vamos definir aqui o Nome-do-Pai, em

primeira aproximação, mencionando o significante de que o Outro existe. O reino do Nome-do-Pai corresponde, na psicanálise, à época de Freud (MILLER, 1998, p. 5).

A teorização do Nome-do-Pai na psicanálise é uma formulação de autoria lacaniana. “Se Lacan o destacou, atualizou, formalizou, não é para a ele aderir, não é para dar continuidade ao Nome-do-Pai, é para aí colocar um fim” (MILLER, 1998, p. 5). Lacan elabora a teoria do Nome-do-Pai não para fortalecer seu vigor, mas justamente para colocar em questão aquilo que já se observava no horizonte de sua época: a sua multiplicidade, que acaba por enfraquecer o seu domínio e poder único.

Em seu último ensino, Lacan fará o Seminário *Os Nomes do Pai*, promovendo a ideia de uma pluralização do Nome-do-Pai, que ele passará a chamar de os Nomes-do-Pai. A partir desse momento, o autor irá entender o Nome-do-Pai enquanto um semblante, um artifício de linguagem. A função do pai passa a ser de nomeação, e os Nomes-do-Pai se tornam múltiplos. Portanto, podemos dizer que se na época de Freud havia um lugar privilegiado para o Pai, fazendo existir o Outro consistente, em contrapartida, hoje o Nome-do-Pai é um semblante, foi pluralizado e, em consequência, “o Outro não existe”.

A inexistência do Outro abre verdadeiramente o que nós chamaremos a época lacaniana da psicanálise. E essa época é a nossa. Dizendo de outro modo, é a psicanálise da época da errância. (...) Daí a época atual, a nossa época, vê se inscrever em seu horizonte, preferencialmente ao muro – a sentença de que tudo não é senão semblante. Nossa época, com efeito, é impulsionada por movimento, cada vez mais provido de aceleração, de uma desmaterialização vertiginosa, coroando com auréola de angústia a questão do real. Essa época é aquela onde o ser, ou melhor, o sentido do real, tornou-se uma questão (MILLER, 1998, p.5).

Qual o lugar para a transferência numa era regida pela falência do Nome-do-Pai?

Éric Laurent (2018) se questiona a respeito dos usos que podemos fazer da técnica analítica a partir do último ensino de Lacan. Fazendo alusão a Miller, o autor vai frisar que a partir do momento em que Lacan formula o declínio do Nome-do-Pai e a teoria da forclusão generalizada, o termo “transferência” quase desaparece dos seus textos. A transferência está ausente no ultimíssimo Lacan.

Essa maneira de deixar a transferência de lado, uma vez que o sujeito não é mais abordado a partir do Outro, não poderia ela nos libertar, já que precisamente ‘Lacan passa por cima da transferência, porque [...] a transferência supõe um Outro bem estabelecido e bem assentado. Há transferência quando já se supôs o saber que significaria alguma coisa?’ (LAURENT, 2018, p. 3).

Para Lacan, a transferência é entendida a partir de uma “lógica atributiva” na qual o analisante transfere/atribui ao analista o lugar de agente da produção de um saber em análise. Entretanto, essa atribuição não passa de um erro subjetivo, tendo em vista que aquele que sabe na análise é o sujeito, e não o analista. Segundo Laurent (2018, p. 4), a formulação do último ensino de Lacan aponta para uma ruptura da posição do analista na atribuição de um saber. Hoje, a transferência não se daria tanto mais pela via da suposição: “devemos entender a ruptura do analista com sua ancoragem na suposição. Ele não está no lugar do sujeito suposto saber, ele está no lugar daquele que segue”. Seria essa a indicação de uma nova modalidade de transferência na contemporaneidade?

Se outrora o Outro se apresentava de modo consistente e os ideais guiavam o sujeito dentro de uma “moral civilizada” bem estabelecida, em contrapartida, hoje esse Outro já não se apresenta mais tão encarnado – tudo não é senão semblante. Consequentemente, o sujeito não encontra mais os guias que façam bússola frente ao seu desamparo estrutural, ficando à mercê dos imperativos do mestre contemporâneo. A partir da Teoria do Outro que não existe, verificamos que os efeitos dessa inconsistência do Outro na atualidade implicam em uma modificação na relação que o sujeito estabelece com o saber e, em particular, com o “sujeito suposto saber”. Observamos, no nosso tempo, um deslocamento do saber do lugar de suposição para o sujeito. Essa modificação não deixa de estar também associada a uma descrença no saber do Outro. Haveria um declínio do analista no lugar de “sujeito suposto saber”?

Há um novo uso do saber no mundo atual que se coloca a partir de um imperativo do objeto *a*. A relação do sujeito com o saber se modifica a partir do momento em que há uma oferta ininterrupta do objeto-saber, fazendo tamponar o enigma e a questão. Se nós entendemos que toda a elaboração da teoria do “sujeito suposto saber” na obra lacaniana é fundamentada a partir da relação entre o amor e o saber, podemos questionar se essa modificação do lugar que o saber ocupa no mundo atual traria consequências e implicações na situação analítica, modificando também a transferência hoje. Ao que nos parece, há uma modificação da transferência na contemporaneidade na medida em que também se altera aquilo que é da ordem da suposição. O saber que antes era extraído da relação com o Outro, hoje está mais investido nos objetos da tecnologia da informação; é a esses *gadgets* que o sujeito demanda o saber nos tempos atuais. Consequentemente, testemunhamos, na contemporaneidade, uma maior dificuldade no estabelecimento da função do “sujeito suposto saber” em análise. Então, nos perguntamos: quais são as novas formas de transferência que se fundam na atualidade? Qual é o uso que o sujeito faz do analista hoje?

3.3 O sentido no sintoma

A criação da psicanálise se deu pela via da investigação e da descoberta. Através da tentativa de entender os sintomas de suas pacientes histéricas, Freud foi levado à investigação dos processos psíquicos e, conseqüentemente, à criação da psicanálise. Esse processo se deu sob o pano de fundo de um contexto de época e um discurso – o discurso da ciência, que não pôde existir sem a predominância e a proliferação de um tipo de saber. Vale lembrar que quando Freud inaugura o inconsciente como objeto de estudo da psicanálise, ele rompe com a ciência tradicional e racional vigente. É o próprio autor quem localiza a psicanálise como a terceira grande ferida narcísica sofrida pelo saber ocidental, logo após Copérnico e Darwin, ao produzir uma ruptura com o saber racional e com o domínio absoluto da consciência. Miller (2004) ressalta que a era de Freud foi a era do sentido. Se antes o discurso científico incidia sobre um real que incluía maciçamente o saber tradicional, a ruptura de Freud promove um novo entendimento sobre o sujeito do inconsciente, o entendimento de que há sentido no real, ou seja, de que há outro sentido que remete ao sintoma e que inclui um não-saber. A partir da concepção da psicanálise, há um corte que inaugura algo novo – um rompimento com um discurso de época e a criação de uma técnica que passa a considerar a hipótese do inconsciente e o sujeito em sua singularidade.

A psicanálise surgiu como uma corrupção do saber científico, uma vez que o saber científico pode estar no real, mas para nada dizer. Então, dizer que há sentido no real implica em que isso queira dizer algo, que haja uma intenção. Para a psicanálise, o fato de haver sentido no real foi sua condição de possibilidade. O sentido no real é o suporte do ser do sintoma, no sentido analítico (MILLER, 2004, p. 7).

O clássico enunciado freudiano que afirma que “o ego não é senhor nem mesmo em sua própria casa” (FREUD, 1916-17b/1996, p. 292) nos permite a compreensão de que o sujeito comete uma série de atos que nos dão provas de uma determinação inconsciente. Há algo no sujeito que lhe causa sofrimento, que ele repete, mas sobre o qual não se tem um saber consciente. Portanto, a criação da psicanálise abre caminho para o estudo de uma série de formações dessa nova instância do inconsciente, e dentre essas formações, há o sintoma. De acordo com Miller (2015a), o sintoma se distingue de todas as demais formações do inconsciente por sua característica de permanência, de conservação e de duração do mesmo.

Para que haja sintoma, é preciso que o fenômeno dure. Por exemplo, o sonho muda de estatuto quando se trata de um sonho repetitivo. Quando o sonho é repetitivo, um trauma está implicado. O ato falho, quando se repete, torna-se sintomático (...). Nesse momento, o estatuto de sintoma lhe é dado (MILLER, 2015a, p. 18).

Se nos remetermos à Conferência XVII – *O Sentido dos Sintomas* (1916-17), veremos que Freud, logo de início, diferencia a prática da psiquiatria clínica à da psicanálise, ressaltando que essa última valoriza “a forma externa do conteúdo dos sintomas individualmente considerados” a partir do momento que ela entende que “os sintomas têm um sentido e se relacionam com as experiências do paciente” (FREUD, 1916-17a/1996, p. 265). Continuando sua leitura, veremos mais à frente a seguinte formulação do autor:

O sentido de um sintoma, conforme verificamos, possui determinada conexão com a experiência do paciente. Quanto mais individual for a forma dos sintomas, mais motivos teremos para esperar que seremos capazes de estabelecer esta conexão. A tarefa, então, consiste simplesmente em descobrir, com relação a uma ideia sem sentido e uma ação despropositada, a situação passada em que a ideia se justificou e a ação serviu a um propósito (FREUD, 1916-17a/1996, p. 277).

Portanto, Freud entende que um sintoma se estabelece a partir da relação entre uma “ideia sem sentido e uma ação despropositada”, que ainda que o sujeito não compreenda, desempenham um propósito para ele. Entretanto, diante da experiência analítica, é possível que se estabeleçam as devidas conexões, e por meio da interpretação, poderá ser estabelecido o sentido de um sintoma a partir das experiências individuais do sujeito. Aprendemos, com Freud, que o sintoma remete a um sentido outro que não é puramente o sentido da consciência, demandando uma significação analítica. É por isso que Miller (2015a, p. 18) pode afirmar que “para que haja sintoma no sentido freudiano, sem dúvida é preciso que haja sentido em jogo. É preciso que isso possa ser interpretado”, e essa interpretação considera, necessariamente, o sujeito do inconsciente.

A nova descoberta de Freud, portanto, abre espaço para uma interrogação: qual o sentido inconsciente por traz do sintoma do sujeito, e o que ele quer dizer? Dessa forma, a psicanálise se inicia a partir de uma investigação sobre aquilo que não se sabe ao todo, e para que se possa produzir um saber sobre o inconsciente, é preciso que o sujeito fale. Ora, se estamos falando de uma busca, uma investigação do sujeito sobre o sentido por traz de seu sintoma, não estaríamos falando sobre a função do “sujeito suposto saber”?

Como vimos no capítulo anterior, a função do “sujeito suposto saber” opera mediante a estrutura do inconsciente e a oferta à palavra em análise. A partir da demanda de análise, o sujeito poderá produzir um enigma em sua enunciação que faça apelo a um sentido, a uma

significação. Mediante a estrutura própria da situação analítica, o sujeito apresenta a sua divisão. Há, portanto, um endereçamento de sua demanda feita ao analista, um endereçamento daquilo que faz enigma em seu sintoma que o sujeito não consegue compreender. É Lacan (1967/2003, p. 337) quem afirma que “o saber só se revela no engano do sujeito”, logo, a suposição de saber está relacionada a uma demanda de significação daquilo que lhe é estranho, uma verdade que o próprio sujeito desconhece. Dessa forma, quando o sujeito apresenta o seu sintoma em análise, ele o faz demandando uma significação. É a partir desse endereçamento que se abre uma possibilidade de tratamento para o sintoma do sujeito, ou seja, que o sujeito poderá entrar em análise. Podemos compreender que à medida que há suposição de saber, há, correlativamente, sentido no sintoma. O sintoma convoca o sentido, convoca uma interpretação.

Segundo Miller (2004, p. 7), a produção do saber sobre o sintoma se dá a partir da proliferação de significantes, sob o efeito da transferência. Em razão da associação livre, o sintoma ganha um novo sentido associativo e, assim, se produz um saber sobre ele. Entretanto, como aponta o autor, após a descoberta freudiana, houve uma exacerbação, uma proliferação do sentido no real: “houve um *laissez-faire* quanto a Freud e sua intenção de sentido no real. Deixou-se o tratamento do sintoma à manipulação do sentido. (...) No fundo, aceitou-se o S² freudiano, ou seja, o sentido associativo ao lado do sentido imperativo, até o momento atual”. Aqui, cabe frisar “o momento atual”; o que se ressalta para nós é que há algo da contemporaneidade que, nesse sentido, toma outro rumo.

Nos dias de hoje, acrescentando-se ao mal-estar da psicanálise, produziu-se uma cisão do ser do sintoma. Em termos exatos, uma cisão entre o real e o sentido que, afinal, era esperada, logicamente esperada. Disso resulta a pulverização do sintoma, da qual as sucessivas edições do DSM – depois da primeira que era psico-dinâmica – dão testemunho. O que mantinha o sintoma coeso era o dizer. O sintoma tinha algo a dizer. Era definitivamente a intencionalidade inconsciente que fazia consistir o sintoma (MILLER, 2004, p. 7).

Esse ensinamento de Miller é precioso para nós. A nova relação do sujeito contemporâneo com o saber nos indica também uma modificação em relação ao sintoma e o modo como esse se apresenta à análise. O sintoma parece estar referido muito mais ao corpo do que à via do sentido, e estando mais atrelado à instância do real, ele pode se proliferar e pulverizar na contemporaneidade. O que podemos observar na clínica é a chegada de uma série de sujeitos com sintomas desassociados da palavra, do simbólico, nos quais não parece haver uma suposição de um saber inconsciente. Em consequência, o sujeito moderno chega à clínica psicanalítica imerso em uma angústia frente ao real que se apresenta enigmático, mas

em contrapartida, dispõe de poucos recursos simbólicos para a construção de um saber sobre o gozo do sintoma que impera. Aquilo que os sujeitos buscam hoje são respostas rápidas que possam apaziguar a angústia frente ao real insuportável, sem terem de se haver com o sentido inconsciente que há por trás do sintoma.

O sintoma, que hoje não passa de um distúrbio, doravante está dividido em dois, desdobrado. Do lado do real, ele é tratado fora do sentido pela bioquímica, pelos medicamentos, cujos alvos são cada vez mais precisos; do lado do sentido, ele continua existindo a título de resíduo. O lado sentido é objeto de um tipo de tratamento complementar, que pode tomar essencialmente duas formas: por um lado, uma escuta de puro semblante – "venha, eu o escuto" –, cujo valor é o de um acompanhamento e, com frequência, até mesmo de controle da operação realizada no real através dos medicamentos. (...) A segunda forma tomada pela escuta de puro semblante é a prática da fala autoritária e protocolar das terapias cognitivo-comportamentais (MILLER, 2004, p. 7).

O sentido do sintoma está presente na clínica contemporânea? “Na psicanálise, o sintoma tinha valor de verdade, representava a verdade, apresentava-a sempre sob uma máscara, portanto, como uma mentira. E era preciso levar tempo para verificar o sintoma, no sentido de torná-lo verdade” (MILLER, 2004, p. 7). Antes, era preciso achar o valor de verdade do sintoma, e essa é uma operação que demanda certo tempo. No entanto, sabemos que, muitas vezes, o sujeito contemporâneo não dispõe desse tempo, necessário ao tratamento do sintoma. Ora, se o sintoma está reduzido a um distúrbio, como nos esclarece Miller (2004), podemos entender a incessante busca por terapias e resultados rápidos como uma forma do sujeito recorrer ao saber em outro lugar, que como vimos, muitas vezes é o computador, mas em outras, é o analista parceiro-google – aquele que o sujeito busca na tentativa de estabelecer uma parceria em que o analista faça as vezes do Google, que ele dê respostas prontas com estatuto de verdade, apaziguando, assim, a sua angústia. O que podemos observar hoje é um repúdio ao valor de verdade do sintoma, uma recusa ao que pode haver de sentido no sintoma. A busca do sujeito não se faz tanto mais pela via da significação, mas por uma outra demanda de saber – que ora toma forma de antecipação, ora toma forma de exigência ou imposição – que possa dar cabo ao mal estar sem levar em consideração o sujeito do inconsciente.

Recalcati (2004) dirá que o que se observa na atualidade, através do zênite do discurso capitalista e do discurso da ciência, é uma “expulsão-anulação” do sujeito do inconsciente. E como consequências a tal anulação, surgem os novos sintomas, característicos de uma clínica que está para além de um sujeito dividido.

Se realmente, na época de Freud, o inconsciente era o inaudito, o escandaloso, a peste, hoje parece confinado aos territórios arcaicos da superstição. Em outras

palavras, a resistência social ao sujeito do inconsciente não assume mais a forma – descrita no tempo de Freud – da refutação escandalizada, mas a de um ceticismo desencantado. Enquanto, de fato, a histeria freudiana celebrava a verdade do sujeito do inconsciente, os novos sintomas negam cinicamente sua existência (RECALCATI, 2004, p. 2).

À medida que surgem as mutações socioculturais, surgem também novos sintomas e novas apresentações do sujeito à clínica psicanalítica. Portanto, aquilo que se pode notar é um sujeito que não se apresenta inicialmente com uma divisão. Muito pelo contrário, o que a contemporaneidade fornece, através de seu discurso e de suas terapêuticas, são as certezas e os saberes completos que se propõem a solucionar a falta do sujeito, obliterando sua divisão.

O tratamento preliminar na clínica clássica das neuroses perpassa a dimensão da demanda como aquilo que articula sintoma e transferência. Segundo Recalcati (2004), na clínica clássica das neuroses, a relação dessa tríade – demanda-sintoma-transferência – fica evidente, pois o sintoma é aquilo que causa a demanda e que a orienta no sentido de uma possível transferência. Entretanto, a clínica dos sintomas contemporâneos se manifesta muito mais como uma clínica da passagem ao ato do que uma clínica do retorno do recalado. Nesse sentido, fica evidente que, na atualidade, há uma predominância do ato em contraposição ao sentido e à palavra.

Diante desse novo e atual contexto, a demanda pode se apresentar como uma demanda convulsiva – em estado de contínua solicitação e exasperação –, ou melancólica – o grau zero da demanda. De acordo com o autor, essa nova configuração da demanda na clínica psicanalítica contemporânea problematiza a relação sintoma-demanda-transferência, uma vez que a tríade pode se desarticular. Além disso, a transferência pode não mais se vincular ao par sintoma-demanda, caso não haja um endereçamento ao saber sobre o sintoma, causando, assim, um impasse para a instauração do “sujeito suposto saber”.

Os efeitos mais evidentes desta paralisia da transferência simbólica investem o estatuto da palavra que, em vez de colocar-se no centro da dialética do desejo, aparece como esvaziada de sentido, supérflua, impotente. De fato, uma vez que a transferência resulta atraída pelo objeto do gozo, não existe aí espaço para a palavra, nem para sua escuta. Antes, a dialética da palavra, como a do desejo, aparece anulada da potência desta transferência fixada não sobre o saber, mas à insígnia-objeto. Por sua vez, a demanda fica inevitavelmente reduzida à exigência superegógica de preservar a solução sintomática (RECALCATI, 2004, p. 10).

Se nós podemos afirmar que há hoje um rechaço ou uma anulação do sujeito do inconsciente, em contrapartida, nós não podemos negar a existência do sintoma, que se atesta como uma forma de acesso ao inconsciente, e em seus modos de gozar. Ora, se o inconsciente

se atesta no sintoma, então o que podemos verificar na clínica de hoje é uma ausência do reconhecimento de um sentido inconsciente no que há de sintomático no sujeito. Ainda que o inconsciente não queira ser visto, ele permanece lá, se fazendo mostrar no sintoma de cada um; entretanto, se expressa de maneira avassaladora no corpo, pela via pulsional, com poucos indícios de seu sentido.

O mestre contemporâneo coloca um embaraço ao estabelecimento da transferência, ao passo que convoca o sujeito a usufruir de um gozo sem medida e que não pede, necessariamente, por uma significação. Somos confrontados, a cada dia, com sujeitos que se apresentam para uma análise com outra demanda, uma demanda que parte mais de uma lógica do consumo, de que o analista o livre de seus embaraços com seus modos de gozo, do que uma demanda de tratamento, da significação de um saber sobre aquilo que lhe é sintomático. A busca por respostas rápidas e o apagamento da divisão subjetiva indicam um impedimento ao campo da suposição e do enigma. Hoje, o analista parece estar lidando mais com os sintomas que têm como característica principal a primazia do gozo e o excesso pulsional – expressos nos novos sintomas e nas patologias do consumo – do que com os sintomas estruturados como linguagem, que buscam uma interpretação e um saber no Outro.

3.4 O gozo que exclui o sentido

Se outrora, na clínica clássica psicanalítica, o sintoma convocava uma significação pela via do sentido, no mundo contemporâneo, isso não fica mais tão evidente. A clínica do nosso tempo se sobressai não tanto por uma demanda que parte da vertente epistemológica, mas por uma primazia do gozo do sintoma em sua vertente pulsional. É a clínica do gozo que se mostra em evidência hoje. Não por acaso, com o avanço para o último ensino de Lacan, principalmente no que tange à questão do corpo e do gozo, o autor propõe a substituição do termo “sujeito” pela noção de “falasser”. A respeito do gozo do ser falante, Miller (2015a) irá se perguntar sobre a relação entre o gozo e o corpo, questionando se o gozo seria puramente um fenômeno de corpo, um fenômeno primário. Pode-se dizer que um corpo é aquele que goza de si mesmo, entretanto, o ensino de Lacan aponta para a introdução de um outro elemento: a incidência da fala. Ora, “falasser” é a tradução mais próxima advinda do termo *Parlêtre*, um neologismo lacaniano composto pela junção de dois termos em francês “*Parle*” + “*être*”, que podemos traduzir, respectivamente, por “fala” + “ser”. Lacan vai então nos ensinar que o corpo do falasser inclui a articulação entre o gozo e a ação da linguagem.

Pode-se dizer que gozar de si mesmo é o estatuto do corpo vivo. O que distingue o corpo do ser falante é que seu gozo sofre a incidência da fala. E precisamente um sintoma demonstra que houve um acontecimento que marcou seu gozo no sentido freudiano de *Anzeichen* e que introduz um *Ersatz*, um gozo que não deveria, um gozo que perturba o gozo que deveria, isto é, o gozo de sua natureza de corpo (MILLER, 2015a, p. 19).

O gozo não é puramente um fenômeno de corpo, justamente pela incidência do significante da fala: um corpo é falado. Nesse sentido, acompanhando Miller (2015a) podemos entender que o gozo não é primário, mas sim secundário, visto que o gozo que está em questão no sintoma é produzido a partir de uma perturbação, de um acontecimento introduzido pela incidência do significante no corpo vivo.

O gozo do sintoma demonstra que houve um acontecimento, um acontecimento de corpo após o qual o gozo natural entre aspas, que se pode imaginar como sendo o gozo natural do corpo vivo, encontrou-se perturbado e desviado. Esse gozo não é primário, mas é primeiro em relação ao sentido que o sujeito lhe dá, e o faz por meio de seu sintoma como interpretável (MILLER, 2015a, p. 19).

É por sofrer a incidência da linguagem que o gozo do sintoma possui a via do sentido e é passível de ser interpretado. Ele faz uma amarração entre o corpo e a palavra, na medida em que interroga o ser falante sobre aquilo que vem lhe incomodar no corpo. O sintoma aponta para uma questão e para um enigma. Contudo, a relação entre gozo e corpo não se faz apenas pela dialética do sentido. Segundo Dominique Laurent (2005), o último ensino de Lacan vai nos apontar que os significantes produzem efeitos no corpo para além da significação justamente pela sua articulação com o gozo. “A separação radical entre o real e o sentido, anunciada por Lacan, permite deduzir que nada de verdadeiro pode ser dito do real. Nessa perspectiva, o gozo do sintoma é opaco, fora de sentido, e a semântica do sintoma não passa de mentira” (LAURENT, 2005, p. 23). Dessa forma, podemos entender que o que há de mais profundo e opaco no sintoma diz respeito a um real que não pode ser traduzido em uma significação, e por isso há algo que sempre permanece sem sentido. O sintoma traz as marcas da presença do significante do Outro, apontando, dessa forma, para o surgimento do traumático do gozo. É a partir desse ponto sintomático que o gozo advém. No entanto, esse núcleo traumático do sintoma é, por excelência, separado do sentido, sem significação. É justamente essa falta de sentido, essa opacidade do saber inconsciente, que vemos emergir na clínica e na civilização hipermoderna.

Essa clínica é consoante com a subida do objeto *a* ao zênite. Em um mundo que faz cada vez mais a economia do sentido para dar conta da subjetividade humana, que impele o gozo, a relação do homem com a angústia cresce. Em contrapartida, sua relação com o sintoma como rastro do recalque declina (LAURENT, 2005, p. 25).

Se, por um lado, a clínica freudiana do retorno do recalado é a clínica do sentido do sintoma, em Lacan, a produção do sentido se dá pela junção da cadeia S^1 - S^2 . É a ligação entre o significante primeiro em sua representação do sujeito para o significante segundo que produz um sentido. Esse é o fundamento da operação psicanalítica, ancorado na clínica do “sujeito suposto saber”, uma vez que entendemos que a psicanálise só pode existir na medida do estabelecimento da transferência. No entanto, Miller (2006) vai apontar para uma mudança, em Lacan, do inconsciente transferencial para o inconsciente Real.

O que imanta Lacan no final de seu Seminário é um outro modo, uma outra perspectiva sobre o inconsciente que faz dele real. De algum modo, é o inconsciente como exterior ao sujeito suposto saber, exterior à máquina significante produzindo sentido aos borbotões, por pouco que a deixemos funcionar, conforme acreditamos que somos obrigados a fazê-lo (MILLER, 2006, p. 8).

Lacan propõe, portanto, uma outra versão do inconsciente que inclui a instância do real. Segundo Miller (2006), essa clínica do real coloca como perspectiva o Um-sozinho como seu pivô e não mais o “sujeito suposto saber”. O autor enfatiza a dimensão do Um-sozinho em referência ao próprio Lacan, que vai dizer da relação do Um com o Outro na experiência de análise: “O Um, eu disse, dialoga sozinho, uma vez que recebe sua própria mensagem de forma invertida. É ele quem sabe, e não o suposto saber” (LACAN, 1977/1979, p. 18, tradução nossa⁴). Se no início de seu ensino, Lacan associa a experiência analítica ao campo do Outro, já com o seu avanço, ele vem demonstrar que esse Outro nunca existiu e, continuamente, perde a sua consistência. O que existe é o Um-sozinho.

Diante dos imperativos colocados pelo mestre contemporâneo, a dimensão do Um-sozinho cada vez mais dá provas de sua existência. Estamos diante de uma clínica do real e das urgências subjetivas, na qual o sujeito parece estar dialogando sozinho, portando um dizer que não inclui a suposição de saber no analista. Os sintomas desses sujeitos se presentificam na instância do Real, do S^1 sozinho que não se liga a nada e não se deixa apreender pela via do sentido. Dito de outro modo, o discurso dos sujeitos contemporâneos se produz como a repetição do S^1 no corpo, ligado à satisfação pura do gozo, sem a convocação de um S^2 que convoque a produção de um sentido.

⁴ Do original: L’Un, je l’ai dit, dialogue tout seul, puisqu’il reçoit son propre message sous une forme inversée. C’est lui qui sait, et non pas le supposé savoir.

É o gozo que está em questão ao final do ensino de Lacan, e ele permanece em questão até os dias de hoje. A clínica contemporânea nos dá provas disso com os seus novos sintomas. Hoje, não estamos mais diante da clínica clássica do retorno do recalçado de Freud, na qual o sintoma é o indicativo da presença clara e evidente do inconsciente, que pede por uma significação. Há um arranjo diferente entre o gozo do sintoma, o corpo e o sentido. As formações sintomáticas de hoje apontam para um gozo que parece estar unicamente vinculado ao corpo, desarticulando-se da via do sentido, excluindo-o. Haveria hoje uma disjunção entre o sintoma e a palavra? Essa não seria uma das consequências do discurso contemporâneo que enfrentamos na atualidade? A livre circulação do objeto *a* no social submete os corpos ao imperativo exigente de gozar a cada vez mais, sem que os Um-sozinhos possam extrair um sentido por traz de seu sintoma. Como consequência, o sintoma se reduz à repetição do gozo no corpo, sustentando-se mais em sua materialidade significativa que em sua produção de sentido, sendo essa uma marca de nosso tempo. No entanto, sabemos que a psicanálise não deixa de ser uma prática feita entre pares, em que o analista está necessariamente incluído. Se é possível que uma análise não se estabeleça pela via da suposição de saber, qual seria o modo de presença do analista hoje? De que maneira o analista seria convocado no trabalho de análise, dando sustentação ao laço transferencial?

A clínica da atualidade nos coloca perante alguns impasses. Primeiramente, vemos sujeitos com um gozo imperioso, desordenado e implacável, sujeitos com sintomas que ressoam diretamente no corpo, desarticulados da vertente do sentido, sem recursos para lidar com o insuportável do real. Em contrapartida, há uma busca por uma forma de apaziguamento imediato da angústia, sem levar em consideração o saber que lhe é próprio, o saber do seu inconsciente, ou até mesmo a dimensão da crença no saber do Outro. O saber alcançou o *status* de mais um dos objetos de consumo do estilo capitalista na civilização hipermoderna, e ao invés de suposto, ele é exposto, imposto, exigido, antecipado. Tais impasses, como vimos, surgem no âmbito de um contexto social enquanto ressonâncias do mestre contemporâneo, e não deixam de impor consequências ao que há de mais íntimo e particular no sujeito. Caberá à psicanálise, por meio da transferência, fazer frente ao mestre contemporâneo, subvertendo-o para poder analisá-lo.

4 MODOS DE PRESENÇA DO ANALISTA HOJE

4.1 A restituição do Sujeito Suposto Saber

Vimos, no capítulo anterior, que diante do imperativo do mestre contemporâneo, somos confrontados com alguns impasses ao estabelecimento do laço transferencial. Estamos diante de novos sintomas que atestam sua presença em uma ancoragem pulsional, deixando de lado a dimensão do sentido e da significação. Ademais, vivemos atualmente em uma época marcada por uma modificação da relação que o sujeito estabelece com o saber. Sua consequência clínica é o declínio do analista do lugar de “sujeito suposto saber”. No entanto, a nosso ver, não podemos dizer que esse declínio se dá de maneira generalizada. Embora possamos perceber uma queda do analista do lugar de suposição de saber, não podemos afirmar que a função do “sujeito suposto saber” deixou de existir na clínica psicanalítica. A clínica clássica do sentido e da suposição de saber ainda permanece enquanto uma possibilidade de presença do analista. No entanto, é impossível negar os efeitos da contemporaneidade na relação que o sujeito estabelece com o saber, e em especial com o “sujeito suposto saber”.

Diante dos impasses colocados ao estabelecimento da transferência nessa nova clínica contemporânea, o que pode o analista? De quais maneiras ele poderá se fazer presente para manter vivo o trabalho analítico e o laço transferencial?

Em *As contra-indicações ao tratamento psicanalítico*, Miller (1999) levantará uma discussão sobre a existência de casos inacessíveis ou impossibilitados ao tratamento ou à experiência psicanalítica. Segundo o autor, o uso do termo “tratamento” é alterado na década de 50 a partir da leitura de Lacan, que atribuirá à psicanálise o sentido de uma “experiência”. Em se tratando de uma experiência, não se coloca mais em primeiro plano a questão de uma indicação ou contraindicação, mas, sobretudo, a existência de uma demanda de análise do sujeito e o desejo relativo a essa demanda.

O que Miller (1999) nos ensina é que a psicanálise é sempre possível nos casos em que o sujeito coloca para o analista uma demanda e um desejo, e que, para isso, o psicanalista deve se encarnar enquanto um objeto – o objeto-psicanalista. O autor cunha o termo objeto-psicanalista a partir de uma construção freudiana. Segundo ele, quando Freud inventa a psicanálise, ele cria também o lugar do psicanalista, formado para interpretar o inconsciente, sustentar a transferência, suportar a repetição e encarnar o objeto da pulsão. Há um lugar de objeto que o analista deve encarnar, sustentando, à sua maneira, o trabalho de análise.

Este objeto-psicanalista é, doravante, disponível – disponível no mercado como se diz – e se presta a usos muito distintos daquele que fora concebido sob o termo de ‘psicanálise pura’. A ‘psicanálise pura’ não é, assim, mais do que um dos usos aos quais o psicanalista se presta. É a nova cara da indicação à análise. Trata-se menos de antecipar se a natureza do problema é “acessível” à psicanálise do que de saber se o encontro com o analista será útil ou não, fará bem ou mal. Evitemos filosofar sobre o bem e o mal. O encontro com um analista, no geral, faz bem. É que o objeto-psicanalista é espantosamente versátil, disponível, multifuncional se posso dizer (MILLER, 1999, p. 54).

O discurso contemporâneo é marcado por uma lógica mercadológica. Estamos diante de um mundo da oferta e da disponibilidade ao uso dos diversos objetos – seja o objeto de gozo, objeto-saber ou objeto-psicanalista. No entanto, Lacan já havia nos ensinado que o Discurso do Analista será sempre o avesso do Discurso do Mestre e, portanto, o acesso ao objeto-psicanalista se dá de um outro modo na contemporaneidade, não pela via de um uso meramente mercadológico, mas sim pela via de um tratamento. Conforme nos ensina Miller (1999, p. 54) acima: “o encontro com um analista, no geral, faz bem”, visto que não há uma contra-indicação ao encontro do sujeito com o seu desejo. Na medida em que o analista souber ocupar o lugar de objeto, para qualquer sujeito que demande uma análise portando seu desejo, haverá então lugar e indicação para a psicanálise no mundo de hoje.

Se o psicanalista sabe ser o objeto, nada querer *a priori* para o bem do outro, estar sem preconceitos quanto ao bom uso que se possa ser feito dele, ele vê o registro das contra-indicações se reduzir espantosamente, a tal ponto que a contra-indicação passa a ser decidida, então, caso a caso (MILLER, 1999, p. 54).

É a presença do analista enquanto um objeto multifuncional que possibilitará o trabalho analítico, seja qual for a demanda e o desejo colocados pelo sujeito que busca o tratamento ou a experiência de uma análise. A análise estará, dessa maneira, condicionada ao surgimento da “demanda que um sujeito apresenta a um psicanalista, e a autenticidade, a verificar, do desejo que habita esta demanda” (MILLER, 1999, p. 53), simultaneamente ao bom uso que se possa fazer do seu objeto-psicanalista.

Marie-Hélène Brousse (2007) discutirá o valor de uso do objeto-analista em meio ao uso dos tantos objetos ofertados na pós-modernidade. O Discurso Capitalista produz objetos em massa, idênticos uns aos outros, de fácil utilização, com indicação de uso e produção prêt-à-porter⁵. A autora vai apontar que, na pós-modernidade, esses objetos de uso capital não são

⁵ Expressão de origem francesa, livremente traduzida por “pronto para levar”. Tal expressão é comumente utilizada na indústria da moda para se referir à produção em série de determinado produto que é vendido diretamente ao consumidor.

mais vinculados à tradição de um saber-fazer, servindo, agora, unicamente à satisfação imediata do usuário. Servindo à satisfação, os objetos contemporâneos são facilmente descartáveis, ganhando até mesmo o valor de troca e de dejetos. O uso do objeto-analista, entretanto, possui um outro valor. Brousse (2007, p. 3) dirá que esse “curioso objeto” não é um objeto produzido em série e tampouco intercambiável: “ele é o produto singular de seu próprio tratamento”. O objeto-analista difere-se dos objetos capitais justamente pelo seu valor; o analista não possui um valor de troca e também não é um produto feito em série, possível de ser descartado. Muito pelo contrário, seu valor tem uma singularidade própria ao tratamento de cada sujeito, ao uso que cada sujeito fará desse objeto-analista – seja perante uma demanda de sentido ou de significação ou pelo uso do analista em sua vertente pulsional.

De acordo com Miller (2007), diante da transferência, “pode-se tomar o analista como um objeto libidinizado, que testemunha a plasticidade da libido e presentifica a própria formação do sintoma. Já apresentei o analista enquanto como um condensador de gozo presente, atraindo a libido que se desprende dos sintomas, isto é, o objeto analista” (MILLER, 2007, p. 18). O analista é tomado como objeto de uma análise para cada sujeito, dentro do caso a caso. Há, portanto, uma enorme versatilidade no uso do analista a partir desse lugar.

[O objeto-psicanalista] desvela as identificações ideais cujas exigências assolam o sujeito. Ali, onde o Eu é fraco, ele recolhe dos ditos do sujeito do que consolidar uma organização viável. Se o sentido é bloqueado, ele o articula, o fluidifica, ele introduz uma dialética. Se o sentido escorre sem se deter em nenhuma significação substancial, ele arruma pontos de parada, pontos de basta, como se diz às vezes, que darão ao sujeito armadura de suporte (MILLER, 1999, p. 54).

O analista enquanto objeto multifuncional é aquele que não apenas suporta ser, mas que também se oferece como objeto em uma análise, permitindo assim que o sujeito possa fazer um bom uso dele, seja para desvelar as identificações ideais, servir-se como condensador do gozo, colocar um ponto de basta, organizar seu discurso, fornecer uma significação, introduzir uma dialética onde o sentido é bloqueado. Miller nos dá a orientação. Se hoje, na clínica, nós podemos observar a manifestação de sintomas que não passam por uma dialética do sentido e da suposição, e por consequência o uso do analista passa pela vertente do objeto pulsional, logo, caberá a ele responder a partir desse lugar em que é convocado. É por meio de seus semblantes e a partir do não sentido e do não saber que poderá o analista fazer uma operação mínima na transferência, apostando no início de uma análise.

Miller (2007) aponta para uma inversão no pensamento lacaniano, crucial para entendermos de que se trata esta aposta do analista. De acordo com o autor, quando Freud

formula a transferência, ele entende a presença libidinal do analista em primeiro plano, e por isso, dirá que, em análise, os sintomas do sujeito ganham um novo sentido na “neurose de transferência”. Em Freud, a transferência se estabelece a partir do momento em que o paciente faz uma troca, uma substituição da imago paterna pela figura do médico, incluindo-o em uma de suas “séries psíquicas”. O trabalho de análise é possível a partir do momento em que o sujeito atua a sua neurose na transferência, e por isso é necessário aguardá-la para dar início às interpretações. É a transferência enquanto um fenômeno libidinal que condiciona a interpretação e condução do tratamento no pensamento freudiano.

Entretanto, teremos em Lacan uma inversão desse pensamento. Para Lacan, há primeiramente a função do “sujeito suposto saber”, a crença fundamental de haver no Outro a causa do meu desejo e o saber sobre o meu sintoma, e por isso é a interpretação que condiciona a transferência. Esta inversão é de fundamental importância para compreendermos a direção da cura frente aos impasses colocados ao estabelecimento da transferência na situação analítica hoje. Nessa nova clínica, em que o sentido e o inconsciente estão cada vez mais calados e inauditos, parece que esta é uma operação necessária para que se crie uma nova relação do sujeito com o saber, que não seja a de uma exigência ou de uma antecipação impostas, mas que possa incluir, de alguma forma, o acesso ao sujeito do inconsciente.

Em *Nascimento do Sujeito Suposto Saber* (2008), Laurent irá trabalhar com a concepção de um nascimento da função do “sujeito suposto saber” dentro de duas perspectivas. Primeiramente de maneira mais generalizada, o autor dirá do nascimento do “sujeito suposto saber” pelo viés do surgimento de um conceito na teoria lacaniana que radicaliza a constituição e a operação da transferência desde sua criação em Freud. Há, no entanto, um outro tipo de nascimento, o nascimento da transferência a nível particular do sujeito enquanto o estabelecimento da transferência a partir de um significante qualquer no encontro com o analista. O significante da transferência nasce de uma questão, um ponto de interrogação sobre o sintoma do sujeito que “é, sobretudo, um lugar vazio” (LAURENT, 2008, p. 16). Se o “sujeito suposto saber” nasce a partir de um enigma, de uma questão e de um lugar vazio, podemos então concluir que há a possibilidade de uma operação do analista dentro de um uso que se faz desse objeto-multifuncional para que surja, no sujeito, o encontro com a suposição de saber, estabelecendo-se a função do “sujeito suposto saber”.

Se nós entendemos que para o estabelecimento do “sujeito suposto saber” no tratamento psicanalítico é necessário, em certa medida, um nascimento proporcionado por uma articulação significativa, então podemos pensar que há aí a perspectiva de uma operação do analista para possibilitar esse nascimento do “sujeito suposto saber” para cada um. Temos

aqui a indicação de um movimento próprio e necessário à psicanálise na contemporaneidade, haja vista as inúmeras modificações do ser falante em sua relação com o saber, com o gozo e com o Outro. Se o Outro não existe, não tem mais consistência, e o declínio do analista do lugar de “sujeito suposto saber” é cada dia mais evidente, uma operação clínica pode tornar-se o elemento essencial para o estabelecimento da transferência e a continuidade do tratamento analítico. Hoje, parece ser preciso uma interpretação ou um manejo do analista para que se abra, no sujeito, a suposição de um saber sobre seu inconsciente, sustentando a entrada na transferência em sua vertente epistemológica.

Brousse (2007) faz uma diferenciação entre o uso do objeto-analista na clínica do sentido e a apropriação do discurso da ciência. O analista no lugar de “sujeito suposto saber” não se assemelha ao cientista. Ora, a criação da psicanálise se assenta sob a ruptura com o discurso da ciência justamente a partir da hipótese do inconsciente. O saber do inconsciente não se traduz no saber científico. Se, por um lado, o discurso da ciência produz o saber enquanto um semblante da mentira, a experiência analítica produzirá o saber a partir do inconsciente, na condição de suposição que concerne ao sujeito. “Essa suposição de saber repousa sobre a função de objeto realizada pelo psicanalista no dispositivo” (BROUSSE, 2007, p. 4). Portanto, é a função de objeto realizada pelo psicanalista que poderá propiciar o estabelecimento e a restituição da função do “sujeito suposto saber”.

O psicanalista produz saber na condição de se fazer objeto, implicando que, contrariamente ao discurso científico que não comanda uma escolha de gozo específico, o discurso analítico não amarra o saber, senão em torno da colocação em ato de um dispositivo de gozo ao qual o analista dá suporte (BROUSSE, 2007, p. 4).

O valor do psicanalista poderá se dar a partir do momento em que ele se coloca como um objeto que proporciona a produção do saber. Nesse sentido, a autora nos explica que o dispositivo analítico não terá por princípio amarrar ou comandar o saber do inconsciente, mas poderá produzir uma dialética em torno do próprio dispositivo, enlaçando aquilo que é da ordem do saber, do amor e do gozo na transferência. O objeto-analista é aquele que dá suporte, que se oferece como objeto para que haja as condições ao trabalho do sujeito. A partir das coordenadas subjetivas do analisando, o objeto-psicanalista poderá ter o valor da produção de um enigma ou da interpretação pela via do sentido, ou até mesmo poderá ter seu valor a partir de um uso na vertente pulsional da transferência, conforme veremos a seguir.

4.2 Da solidão do gozo ao parceiro-analista

A partir de uma espécie de fragilidade da clínica clássica do sentido e do “sujeito suposto saber” na contemporaneidade, observamos manifestações atípicas da neurose, e em especial, na transferência. Se, por um lado, nós temos a clínica do “sujeito suposto saber” enfraquecida, por outro lado, nós nos deparamos com o surgimento cada vez mais evidente de novos sintomas que atestam sua presença em uma ancoragem na vertente pulsional, ressoando diretamente no corpo e excluindo a via do sentido, da significação e a busca de uma interpretação no Outro. Nessa nova clínica pulsional, a incidência do significante como produção de gozo no corpo está apartada – ao menos a princípio – de um sentido, restando apenas uma angústia maciça frente ao real. Como consequência, o Um dialoga sozinho e sua fala solitária parece não estar ligada a um saber no Outro. A fala do sujeito contemporâneo presentifica o inconsciente na sua repetição significativa do Um-sozinho, que não quer dizer nada a ninguém, sem a busca por uma elaboração de saber sobre o seu sintoma. No entanto, o exercício da psicanálise não se faz de maneira solitária, a partir de um só. Para que haja a psicanálise e também a transferência, são necessários dois: analista e analisante. A experiência analítica é, necessariamente, feita aos pares. Que tipo de parceria seria essa?

Em *A teoria do Parceiro* (2000), Miller explicará a origem do termo “parceiro” como proveniente, em inglês, de *partner*, que por sua vez deriva do francês *parçonier*, que significa “associado”. O autor definirá o conceito de parceiro na teoria psicanalítica enquanto “uma instância com a qual o sujeito está ligado de forma essencial, uma instância que lhe causa problemas e que eventualmente é enigmática” (MILLER, 2000, p. 161). A parceria, na análise, pode ocorrer na medida em que o sujeito recorre ao analista quando algo não corre bem nas demais parcerias de sua vida. Através desse enigma que se forma, é possível ao sujeito introduzir uma espécie de parceiro suplementar pela experiência analítica. O termo parceiro envolve, portanto, uma junção e/ou relação entre duas ou mais partes, seja para a formação de uma sociedade, de um par, de um jogo, de uma dança, ou de um sintoma. Aquilo a que damos o nome de parceria na psicanálise se constitui como uma medida de solução sintomática para o problema da ausência da relação sexual.

Para explicarmos a ausência da relação sexual, precisaremos retomar a questão do real em Lacan. O que seria da ordem de um saber no real? Segundo Miller (2000), quando Lacan pluraliza os Nomes-do-Pai, utilizando-se de sua função, isso nos permite passar da instância do simbólico à instância do real. Dispensar o Nome-do-Pai na condição de servir-se dele significa dizer que “O Nome-do-Pai é um semblante relativo que tenta se fazer passar como

sendo da ordem do real” (MILLER, 2000, p. 154). Nesse sentido, podemos entender que o Nome-do-Pai não é da ordem daquilo que não cessa de se escrever no inconsciente; sua presença irá se atestar como uma espécie de sintoma, e por isso podemos dizer que, para a psicanálise, aquilo que não cessa de se escrever é o sintoma – sendo ele o equivalente de um saber no real. O sintoma seria como uma lei particular para cada sujeito, da ordem do real do Um e não para o Outro.

Considerar que há sintoma para cada um dos que falam significa dizer que, no nível da espécie humana, há um saber que não se inscreve no real. No nível da espécie que fala, não há inscrição no real de um saber que diga respeito à sexualidade, ou seja, não há nesse nível o que chamamos de “instinto”, que leva, de forma invariável e típica para uma espécie, rumo ao parceiro (MILLER, 2000, p. 154).

A existência do sintoma modifica o conceito de saber no real. A formação de um sintoma implica na falta de um saber no real a respeito da sexualidade justamente porque a sexualidade não se inscreve como um saber no inconsciente. Daí a formação dos sintomas. “Se há sintoma como o que não cessa de se escrever para um sujeito, então há, de maneira correlata, um saber que não cessa de não se escrever, um saber especial” (MILLER, 2000, p. 154). A presença do sintoma atesta que há um saber que não pode ser decifrado, que não cessa de não se escrever. Há sempre algo que não cessa de não se escrever a respeito da sexualidade – a relação sexual como impossível. O sintoma testemunha a impossibilidade da relação sexual. Ainda que ele demonstre a presença clara e nítida de um saber do inconsciente, o sintoma, ao mesmo tempo, dá provas de uma ausência de saber no real que diga respeito à sexualidade, pois se trata daquilo que não cessa de não se escrever. A parceria seria, então, uma tentativa se estabelecer a relação sexual.

Miller (2000) dirá que o parceiro se manifesta de várias formas; por ser “multifacetado”, ele poderá se apresentar na vida do sujeito como parceiro-psicanalista, o parceiro-imagem, parceiro-símbolo, parceiro-mais-de-gozar (como nos casos de toxicomania), parceiro-corpo (encontrado na clínica psicossomática), parceiro-pensamento e parceiro-sintoma. A respeito deste último, o autor vai explicar que “o parceiro-sintoma é a fórmula mais geral para encobrir o parceiro multifacetado” (MILLER, 2000, p. 161), sendo que o fim da série dos parceiros é sempre sintomático. E como poderíamos, então, pensar as parcerias sintomáticas na contemporaneidade? Ele se valerá das toxicomanias para abordar a questão de nossa clínica atual.

Na toxicomania, o sujeito prescinde de um parceiro sexual para se concentrar unicamente na droga, que lhe serve de parceiro (a)-sexuado do mais-de-gozar. O que está em

questão nas toxicomanias é justamente a parceria com o objeto *a* em sua face do mais-de-gozar. “Se nos interessamos hoje pela toxicomania, que existe desde sempre, é porque ela traduz maravilhosamente a solidão de cada um com seu parceiro-mais-de-gozar” (MILLER, 2000, p. 170). Ora, não seria essa a questão central do discurso circulante do nosso tempo?

Vimos, no capítulo anterior, que o mestre contemporâneo se faz valer através de um imperativo do gozo, de um império do objeto mais-de-gozar. Aquilo que está em questão hoje é o império do objeto *a* no discurso contemporâneo, causando uma série de embaraços ao sujeito e também ao estabelecimento da transferência. Através do zênite do objeto *a*, vemos uma propagação na civilização de novos estilos de vida, marcados pelo uso dos objetos e pela queda dos ideais. Vivemos em uma época em que o Outro não é mais tão consistente e cuja dissolução da “moral civilizada” desbussolou os sujeitos, colocando-os frente a frente com a inexistência da relação sexual. Devemos nos lembrar, com Miller (2000), que a formação do sintoma é uma metáfora à não-relação sexual, ou seja, frente ao desamparo estrutural do sujeito, é o sintoma e a parceria sintomática que surgem como tentativas de solução a tal desestrutura. Se outrora a sociedade se mantinha minimamente centrada em torno do Pai, hoje estamos diante de uma sociedade da parceria sintomática na qual proliferam os sintomas como um parceiro-gozo do sujeito.

A toxicomania pertence ao liberalismo, à época em que nos lixamos para os ideais, em que não nos ocupamos de construir o Outro, em que os valores ideais do Outro empalidecem, desagregam-se frente à globalização de que ninguém está a cargo, enfim, uma globalização que prescinde do Ideal (MILLER, 2000, p. 170).

Miller (2000) explica que o mestre também tem sintomas, se fazendo mostrar na atualidade de seu tempo – são os “sintomas da moda”. E isso diz respeito também à prática clínica. Podemos nos valer da toxicomania para entender de que modo se dá, de maneira mais geral, a formação do sintoma nessa nova clínica pulsional, na clínica dos acontecimentos de corpo. Em ambas as manifestações, tanto na particularidade da toxicomania quanto na amplitude da nova clínica contemporânea, aquilo que está em questão é a primazia do gozo autoerótico. Miller (2000, p. 172) dirá de uma “dimensão autística do sintoma” para exemplificar esses sintomas da atualidade, cujo modo-de-gozar parece prescindir do outro semelhante e dispensar o Grande Outro. Os novos sintomas se assemelham a uma espécie de autismo contemporâneo do gozo a sós. Diante da presença insistente e imperativa do gozo, em um contexto onde prevalece o consumo sem medida, o sujeito contemporâneo parece reduzir o Outro a um objeto, como uma maneira de garantir seu acesso ao gozo; daí a dimensão

autística dessa satisfação do gozo solitário, do Um-sozinho que não acessa o saber pelo campo do Outro. “Surge nas fórmulas o cada-um-por-si pulsional e a horrível solidão do gozo, que é particularmente evidenciada na dimensão autística do sintoma. Há algo do gozo que se afasta do campo do Outro” (MILLER, 2000, p. 179). Porém, a clínica dos novos sintomas dá provas de que essa solidão do Um não se satisfaz por completo e, portanto, nos deparamos com sujeitos que buscam um tratamento por estarem diante de uma angústia maciça frente ao real, não sabendo o que fazer com ela. Poderá o encontro com o analista proporcionar uma parceria capaz de tirar o sujeito da sua solidão autística?

Apesar de atestarmos a incidência do gozo no corpo, fazendo excluir a via do sentido, podemos afirmar que o sujeito contemporâneo é autístico? Essa questão é formulada por Miller (2000), que irá, a partir dela, desenvolver a junção e disjunção entre as pulsões e o Outro. Tal formulação também nos valerá para pensarmos na clínica contemporânea. A disjunção entre as pulsões e o Outro é dada pela própria ausência da relação sexual. Mas essa disjunção não pode ser total, dado que o ser falante está necessariamente inserido no campo do Outro. Devemos, assim, supor que haja um gozo que não seja completamente autoerótico, que possa haver nele uma incidência daquilo que ocorre no campo do Outro. Devemos supor que haja a possibilidade da formação de uma parceria com o sujeito contemporâneo, que o desloque dessa posição autística solitária.

Não podemos nos contentar com a disjunção total porque o que acontece no campo do Outro incide sobre nossas convicções de gozo pulsional. Dito de outro modo, não podemos contentar-nos com um esquema de pura disjunção entre os dois campos; é necessária uma interseção (MILLER, 2000, p. 180).

Aquilo que se situa nessa interseção é o objeto *a*. De acordo com Miller (2000), ao falarmos da pulsão e do desejo, fazemos uma articulação ao objeto *a* enquanto objeto perdido e o seu deslizamento. Esse objeto perdido é necessariamente buscado no campo do Outro. Temos aí a dupla face do objeto *a*: “o objeto *a* é ao mesmo tempo o que a pulsão necessita em sua condição autoerótica e também o que se deve buscar no Outro” (MILLER, 2000, p. 181) e, portanto, ele é o elemento capaz de fazer a interseção entre a pulsão e o que é do campo do Outro. Há uma parte do gozo do Um que está ligada ao Outro, sendo capturada pela língua e pela civilização. Pela articulação com o objeto *a*, o gozo não se torna totalmente autoerótico, pois estando ligado ao Outro, ele torna-se manipulável.

Se nos propusermos a pensar em nossa questão inicial, voltaremos a nos indagar a respeito dos novos sintomas, nos quais a ancoragem na vertente do gozo parece, de alguma

maneira, excluir a via da interpretação e da significação no analista. Poderemos então nos questionar qual a articulação possível, nessa nova clínica, entre aquilo que é da ordem da pulsão e aquilo que é da vertente do sentido, cujo aspecto intrínseco da linguagem remonta ao campo do Outro. Por mais que os sintomas contemporâneos sejam marcados por uma repetição do significante do gozo no corpo, quase que dissolvendo a vertente do sentido, podemos dizer que esse Um não estará completamente sozinho, pois o gozo possui sua interseção com o Outro – o gozo não é totalmente auto erótico. “Para que esse percurso da pulsão, de certa forma autoerótico, se realize, é preciso a intervenção de um objeto que está no campo do Outro. Dito de outra forma, não há o Um disjunto do Outro” (MILLER, 2000, p. 185). Ainda que os sintomas contemporâneos evidenciem a dimensão imperativa do gozo, devemos nos lembrar de que o objeto *a* possui sua dupla-face, podendo servir como um articulador entre a dimensão da pulsão e a dimensão do sentido e da linguagem. O objeto *a* é o que está em questão na contemporaneidade: seja na clínica clássica, na clínica dos novos sintomas, na transferência e até mesmo na parceria. O objeto *a* parece ser um elemento fundamental para pensarmos em uma possibilidade para a transferência na contemporaneidade. De que maneira se daria o estabelecimento de uma parceria suplementar do sujeito com o analista na clínica dos novos sintomas? O lugar do objeto *a* parece nos indicar uma direção.

De acordo com Miller (2000, p. 169), o parceiro objeto *a* é o parceiro por excelência do sujeito, é ele que conduz ao parceiro-sintoma ou parceiro-gozo. O que está no cerne da parceria fundamental entre sujeito e Outro é o objeto *a*. “O parceiro essencial do sujeito é o objeto *a*, alguma coisa de seu gozo, seu mais-de-gozar. Dito de outro modo, a invenção lacaniana do objeto *a* quer dizer que não há relação sexual”. Se a análise conduz a uma parceria específica com o analista, essa parceria também é estabelecida tendo o objeto *a* como seu mediador. Lacan irá dizer que o analista é semblante de objeto em uma análise, representando, assim, o objeto *a*. É preciso então que nós situemos o que é o analista semblante de objeto *a*.

De acordo com Serge Cottet (1988), o analista no lugar de objeto *a* é uma formulação do último ensino de Lacan, que remete à clínica do real. Esse novo lugar que é conferido ao analista surge em contraposição às formulações anteriores que o situavam em um lugar simbólico na situação analítica, no lugar do Outro. Contudo, o autor questiona se o analista objeto *a*, enquanto exerce a função de objeto, não seria, na realidade, uma invenção do analisante. Certamente, o analista não está no lugar de objeto *a* enquanto um objeto real, tampouco está no lugar de sujeito. Ancorado em Lacan, Cottet (1988) dirá que o psicanalista

faz-se de objeto *a* na fantasia do sujeito; daí essa dimensão da “invenção” do analisante. Há uma diferença entre ser o objeto real e ser o semblante do objeto.

Todo problema está aí – se na análise o psicanalista não é sujeito, não há tanta escolha, ele é objeto, porém um objeto especial que não deve, segundo Lacan, permanecer como um objeto de amor. Ele deve, portanto, ocupar um lugar que não é totalmente previsto, que tampouco tem equivalente na história da psicanálise (COTTET, 1988, p. 6).

Esse lugar especial que o analista ocupa é o lugar de semblante, a partir de um discurso que também é único – o Discurso do Analista. Vale ressaltar que quando Lacan utiliza do termo “semblante”, ele o faz após a formulação dos quatro discursos radicais. Em alguns momentos, Lacan chega a nomear o lugar de agente do discurso como o lugar do semblante. Mais tarde, irá afirmar, em um seminário próprio, que não há discurso que não seja semblante. O termo que está posto no lugar de agente no Discurso do Analista é o próprio objeto *a* ($a > \$$), portanto, o objeto *a* está no lugar do semblante no Discurso do Analista. Ser analista é se fazer passar pelo lugar do objeto *a*.

Se nós pudemos constatar que a experiência de análise não pode ser feita sozinha, é porque ela não pode prescindir do analista; ela demanda a formação de um casal específico com esse parceiro que está situado no lugar de semblante de objeto *a*. “A experiência analítica não é nada mais do que uma partida, uma partida jogada com um parceiro” (MILLER, 2000, p. 164). Quando um sujeito se vê às voltas com seus relacionamentos, com seus parceiros de vida, ele recorre a um analista com uma questão. Nessa busca, o sujeito acaba por formar um novo tipo de casal artificial pela via da transferência. Para tanto, é necessário que o analista esteja situado nesse lugar de objeto especial que lhe é conferido, o semblante de objeto *a*.

O analisante vem fazer par, por meio de um diálogo especial, com o analista. Constatamos que o discurso psicanalítico passa pela formação de um casal artificial. A própria expressão casal artificial só valeria verdadeiramente se tivéssemos a noção de um casal natural, que não fosse artificial. É exatamente o que está em questão. Freud chamou o liame desse casal de transferência (MILLER, 2000, p. 201).

Aquilo que Freud nomeia de transferência é precisamente a reprodução em ato das “séries psíquicas” do sujeito na relação particular estabelecida com esse novo par: analista-analisante. A chamada “neurose de transferência” é então estabelecida a partir da formação dessa nova parceria, desse casal de transferência. Vale ressaltar que Miller aponta para a precariedade do termo “casal natural” pelo fato de não haver um casal natural em si. O autor dá, assim, a entender que todos os casais seriam, invariavelmente, casais artificiais. E por que

as parcerias de vida não poderiam, então, ser chamadas de casais naturais? Não nos esqueçamos de que a relação sexual não existe. Ademais, Miller (2000) assinala que as parcerias sempre apontam para o que há de sintomático. Sendo assim, podemos dizer que os casais são sempre artificiais.

Todavia, há uma dissimetria no casal analítico e isso se dá pelo fato de que não há uma equivalência entre os elementos de formação desse casal. Não há um elemento que o faça equivaler ao fenômeno da transferência – ainda que sob certa perspectiva tenha-se criado o conceito de contratransferência, sabemos que um não corresponde ao outro. Sua dissimetria, de acordo com Miller (2000), se vale pelo fato de termos, de um lado, a transferência, e do outro, o analista enquanto um objeto investido, um atrator da libido do sujeito. Dessa forma, podemos conceber o parceiro-analista como um casal dissimétrico na dimensão libidinal.

Vale recordar, conforme trabalhamos no primeiro capítulo, que Lacan não enfatiza a teoria da transferência a partir da dimensão pulsional, apesar dela estar presente em seu ensino. O grande enfoque dado por Lacan em seu ensino sobre laço transferencial foi a partir da vertente epistemológica. De acordo com Miller (2000), Lacan recusou-se, a princípio, em conceber o casal analítico como libidinal, opondo-o ao casal intersubjetivo, que pressupõe um emissor e um intérprete.

O casal intersubjetivo, no qual trata-se de comunicar, de dizer a verdade do que o sujeito enuncia, é um casal muito intelectual, um casal apaixonado pela verdade, pela pesquisa da verdade a respeito do que é o sujeito. Ele se diferencia, com efeito, do que é o casal libidinal (MILLER, 2000, p. 202).

Mais tarde, foi preciso a Lacan conciliar os dois registros de maneira a explicar o casal libidinal a partir do casal subjetivo. Novamente, Miller (2000) aponta que o elemento introduzido por Lacan que seria capaz de fazer tal ligação foi justamente o objeto pequeno *a*: o lugar do analista foi balizado pelo termo do objeto *a*; ele é o elemento que dá suporte ao lugar do analista como parceiro, ancorado na vertente libidinal da transferência, para além da vertente semântica do “sujeito suposto saber”.

Já demonstramos que o verdadeiro fundamento de uma parceira é o sintoma, sendo o parceiro-sintoma o fim da série dos parceiros. Em *O osso de uma análise*, Miller (2015b) dirá que a introdução ao conceito de parceiro-sintoma no lugar do Outro da linguagem serve à psicanálise analogamente à introdução ao termo falasser em relação ao sujeito. Quando Lacan substitui o termo sujeito por falasser, ele o faz para acrescentar a substância gozante. O Outro de que se trata o parceiro-sintoma também é um corpo sexuado.

O Outro é representado por um corpo sexuado e, correlativamente, o falasser tem também um corpo sexuado; e é por isso que, necessariamente, se coloca a questão da relação sexual, esta questão que estava apagada na perspectiva da relação do sujeito com o Outro. É nessa direção que avançamos agora com a questão do parceiro-sintoma (MILLER, 2015b, p. 88).

No nível da fala, da cadeia significativa, há uma relação entre sujeito e o Outro subjetivo. No entanto, no nível sexual, essa relação significativa necessária entre o Um e o Outro não existe, pois ela passa pelo gozo do corpo e pelo sintoma. A parceria se funda, portanto, no nível do gozo: “O que significa o termo parceiro-sintoma (...): a relação do parceiro supõe que o Outro torna-se o sintoma do falasser, isto é, torna-se um meio de seu gozo” (MILLER, 2015b, p. 89). O osso de um tratamento é o sintoma e seu modo de gozar. Se, com Lacan, aprendemos que a transferência possui necessariamente a dimensão de endereçamento ao Outro, como podemos, então, pensar no lugar do analista na clínica do real, a partir da teoria do parceiro e dessa nova definição do Outro enquanto corpo sexuado? É na qualidade de sintoma suplementar que o analista poderá tornar-se um parceiro do sujeito. Mediante a transferência, o analista é capaz de preencher um lugar na lógica sintomática do sujeito, estabelecendo a relação analítica pela via da parceria sintomática. Em uma análise, o analista torna-se, portanto, analista parceiro-sintoma. “O falasser, como ser sexuado, faz parceria, não no nível do significante puro, mas no nível do gozo, e essa ligação é sempre sintomática” (MILLER, 2015b, p. 91).

Hoje, a clínica nos confronta com sujeitos que estão às voltas com uma parceria com o seu próprio gozo, sobrepondo o seu aspecto autoerótico, solitário e exigente, como uma das conseqüentes imposições do discurso do mestre contemporâneo. Daí o caráter autístico do sintoma na clínica do Um-sozinho. No entanto, se estamos falando das neuroses, estamos falando de sintomas que, necessariamente, indicam a inscrição da castração, inserindo o sujeito no campo do Outro. A esse respeito, Miller (2000, p. 193) dirá:

Há esta esperança que chamamos de castração, esperança de que uma parte do gozo autístico esteja perdido e que se reencontre no Outro sob a forma de objeto perdido. Em outras palavras, a castração é a esperança de que o gozo torne-se parceiro, porque ela exigiria que se encontrasse o complemento de gozo necessário no Outro.

Quando uma parte do gozo autoerótico se perde, o sujeito buscará esse objeto perdido no campo do Outro. Se, por um lado, o gozo possui essa dimensão autoerótica, por outro lado, ele é também aloerótico, pois inclui o Outro. Essa inserção do sujeito no campo do Outro é a

indicação clara de uma possibilidade de tratamento pela via da parceria com o analista. Através da presença do analista – esse que se faz semblante de objeto *a* – será possível introduzir uma nova parceria para o sujeito que não seja apenas a parceria com o seu gozo, incluindo, assim, a dimensão do Outro; por meio dessa parceria específica da experiência analítica, o analista parceiro-sintoma poderá tirá-lo da dimensão solitária do seu gozo autístico, desse diálogo do Um-sozinho, tão evidente nos sintomas da clínica contemporânea. A Teoria do Parceiro nos ajuda a pensar em uma possibilidade de presença do analista na clínica de hoje; uma modalidade de presença que não seja pelo uso do analista como um meio de acesso-livre ao gozo ou como mais um de seus objetos de consumo, mas talvez haja aí um uso do analista como parceiro que possibilite um deslocamento da posição de gozo do sujeito, como um atrator da libido, como um mediador do seu gozo. Ao se articular com o objeto *a*, o gozo se liga ao campo do Outro, tornando-se, assim, manipulável. Ora, se o analista, na clínica do real, se faz semblante de objeto *a*, logo, é pela via desse tratamento que o gozo do sujeito poderá ser manipulável, condensado, deslocado.

A parceria com o analista permitirá ao sujeito escrever algo da sua economia de gozo. É isso que o analista semblante de objeto *a* poderá oferecer em uma análise, como nos mostra Laurent (2009) no texto *Analista, semblante do objeto a*. Enquanto semblante de objeto, o analista não possui qualidade de gozo próprio, podendo, então, acolher, ser o depósito de qualquer gozo do ser falante.

Então, graças a isto não é só pelo amor ao sujeito suposto saber da cadeia significante, não é só por amor à garantia que ocupa o lugar do pai que o sujeito se relaciona com o analista, mas antes na medida em que o analista como parceiro sinthoma é o lugar no qual o analisante vai tratar de recuperar, na análise, o objeto que perdera (LAURENT, 2009, p. 48).

De acordo com Laurent (2009), não é só pelo deciframento do sentido que se opera uma análise. A busca pela recuperação do objeto perdido passa pela questão da pulsão. Pulsão e significante não estão necessariamente atrelados. Segundo o autor, a experiência analítica mostra que não há um determinado significante vinculado à pulsão, pois ela surge justamente na medida em que há as quebras significantes. “Nunca chegamos a um átomo no qual gozo e representação verbal estão vinculados; apenas aparece o que depois se pode chamar de quebra da cadeia, que vai produzir um circuito pulsional ou um enxame de significantes” (LAURENT, 2009, p. 49). O que Laurent vai nos explicar é que não há uma escrita linear da cadeia significante; na análise, observamos que a cadeia significante se apresenta em uma gravitação – caindo, abrindo espaços, produzindo rupturas e equívocos. É essa gravitação que

nos permite entender seu aspecto de pulsional, no qual o analista se presentifica e pode intervir a partir desse lugar. No tratamento analítico, temos por um lado a vertente da produção de significantes em cadeia, mas por outro não podemos deixar de lado esse campo gravitacional que convoca o analista a operar com a transferência em sua vertente pulsional.

Podemos então pensar que frente a essa nova clínica, o analista parceiro-sintoma se situa na transferência a partir de sua dinâmica pulsional. E não poderia ser diferente, pois se a clínica dos novos sintomas é a clínica pulsional, então ela convoca o analista a atuar no dispositivo analítico também a partir desse lugar. Ao se deparar com a posição de semblante de objeto *a*, se oferecer como um objeto na relação analítica e colocando-se como um parceiro-sintoma ao qual a fala do analisante pode ser dirigida, o analista se situa na transferência mais em sua vertente pulsional do que na vertente epistemológica do “sujeito suposto saber”.

Essa nova abordagem da clínica pela via pulsional sugere repensarmos na potência da dimensão do amor enquanto um elemento fundamental para o estabelecimento da transferência hoje. Segundo Miller (2000, p. 188), “se examinamos o amor em sua face de pulsão, o ‘ser amado’ pode se revelar em seu valor de ‘fazer-se amar’”. Freud e Lacan ressaltaram a dimensão do amor presente na dinâmica da transferência em ambos os ensinamentos. O “fazer-se amar” na relação com o Outro, encarnado na figura do analista, é mediado pelo sintoma do sujeito sob os efeitos da transferência. Seria o amor o elemento capaz de estabelecer o laço transferencial na clínica contemporânea, possibilitando assim a parceria com o analista?

4.3 (a)muro e transferência: o reenlace ao amor no tratamento analítico

A dimensão do amor ganhará real destaque no último Lacan. Miller (2004) enfatiza que em seu último ensinamento, Lacan apontará para uma inversão à célebre e tradicional passagem segundo a qual “o sujeito suposto saber é o pivô da transferência”. Com o terceiro ensinamento de Lacan, nós teremos a transferência enquanto o pivô do “sujeito suposto saber”. Tal inversão coloca em perspectiva a dimensão do amor de transferência, pois trata-se de dizer que “o que faz existir o inconsciente como saber é o amor” (MILLER, 2004, p. 9). O amor pode se configurar como um importante componente para pensarmos na transferência na contemporaneidade, um elemento capaz de estabelecer a articulação entre as dimensões

epistemológica e pulsional da transferência. Tentaremos acompanhar, com Lacan, as consequências dessa inversão clínica para a direção do tratamento analítico na clínica de hoje.

Qual seria, para a psicanálise, o estatuto do amor na contemporaneidade? Lacan fará uma discussão sobre a temática do amor na atualidade em seu livro *Estou falando com as paredes* (1972). Segundo o autor, aquilo que caracteriza o Discurso do Capitalismo é a rejeição de todos os campos do simbólico, a rejeição da castração. “Toda ordem, todo discurso aparentado com o capitalismo deixa de lado o que chamaremos, simplesmente, de coisas do amor” (LACAN, 1972/2011, p. 88). Conforme tratamos anteriormente, o discurso do mestre contemporâneo não deixa de flertar intimamente com o capitalismo, na medida em que o sujeito tem um livre acesso ao objeto mais-de-gozar. Como consequência às injunções do mestre contemporâneo, as “coisas do amor” são rejeitadas nos dias de hoje. O sujeito moderno permanece às voltas com os impasses vividos no amor, impressos nas suas relações e nas suas parcerias; daí a incessante busca por um gozo solitário que busca dispensar o outro, mas que, por outro lado, também não o satisfaz enquanto Um.

Para Miller (2015b), o século XXI coloca em vigência a ausência da relação sexual no âmbito do real, visto que há uma difusão maciça da cultura pornô, do coito exibido, tornado um espetáculo acessível a todos por meio do acesso à internet. A indústria pornográfica nunca esteve tão em evidência, dando maior destaque e um lugar privilegiado ao gozo que não é mais interdito, mas sim permitido, incitado e provocado. A prática contemporânea da pornografia parece colocar em questão a evocação do gozo autoerótico. Contudo, ao se privilegiar a relação com um corpo virtual, a relação com o outro real é igualmente desfavorecida, podendo ser apagada. “A escopia corporal funciona na pornografia como uma provocação a um gozo destinado a se fartar sob o modo do mais-gozar, modo transgressivo em relação à regulação homeostática e precária em sua realização silenciosa e solitária” (MILLER, 2015b, p. 121). Não é a toa que a prática da pornografia se torna a cada vez mais difundida no mundo contemporâneo, pois ela é corroborada pelo discurso vigente do mestre, que exige o desfrute de um gozo descomedido, silencioso e solitário.

De acordo com Miller (2015b), a profusão da pornografia no mundo contemporâneo deve-se, sobretudo, à inexistência da relação sexual. Frente aos impasses vividos na relação com o Grande Outro e o outro semelhante, o sujeito se isola em seu gozo e faz da ausência da relação sexual algo de real. As consequências desse embaraço com o amor é justamente se ausentar dele, restando apenas o acaso das relações sexuais “casuais” banalizadas, que também não querem dizer nada sobre o amor. “Apenas a ausência é suscetível de dar conta dessa empolgação, cujas consequências nos costumes das novas gerações, quanto ao estilo das

relações sexuais, já estamos acompanhando: desencantamento, brutalização, banalização” (MILLER, 2015b, p. 121). O autor dirá, entretanto, que a pornografia não soluciona de maneira alguma os dilemas e empecilhos do sujeito com a sua sexualidade. A indústria pornô torna-se apenas um sintoma contemporâneo do século XXI, um sintoma social do império da técnica e do mais-de-gozar. Estaríamos no mundo de hoje, e cada vez mais, diante da impossibilidade do amor?

Ainda em 1972, em *Estou falando com as paredes*, Lacan (1972/2011, p. 90) cita os seguintes versos de um poema de Antoine Todal⁶ para dizer dos impasses no jogo do amor presente na relação entre os sexos:

Entre o homem e a mulher

Há o amor.

Entre o homem e o amor

Há um mundo.

Entre o homem e o mundo

Há um muro.

Fazendo uma leitura dos versos supracitados, Lacan (1972/2011) dirá que entre o homem e a mulher, há o amor e isso é claro, no entanto, se entre o homem e o amor há o mundo, isso significa que há um mundo para se chegar ao amor. Para se chegar ao amor que há entre o homem e a mulher, há um muro. E o que quer dizer esse muro? O autor logo dirá: é o lugar da castração. Portanto, naquilo que tange a relação entre homem e mulher ao nível da parceria, há sempre uma impossibilidade, uma incompletude. “Quanto à relação entre o homem e a mulher, e a tudo que resulta com respeito a cada um dos parceiros, ou seja, tanto sua posição quanto seu saber, a castração está em toda parte” (LACAN, 1972/2011, p. 95).

Frente à relação sexual, há uma impossibilidade, há um muro. Qual amor seria então possível diante do impossível da relação sexual? Lacan (1972/2011) mesmo nos dá a resposta: (a)muro. A partir do poema de Todal, o autor faz um jogo de palavras: ao unir o objeto *a* junto à palavra muro, formula-se o (a)muro. Em francês, teremos o termo *(a)mur*, cuja sonoridade remete à palavra francesa *amour*, traduzida, em português, por “amor”. Podemos então entender o conceito de (a)muro como um tipo de amor que inclui em si o objeto *a* e a

⁶ Esse mesmo poema de Todal foi anteriormente referido por Lacan em 1953, no texto “Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise”, porém, em uma versão diferente à que consta em “Estou falando com as paredes”, de 1972.

castração, o muro inerente à não relação sexual. Miller (2015b) situa o (a)muro enquanto uma palavra agalmática na clínica do falasser que permite um atravessamento do muro da linguagem diante da não relação sexual.

O amor, o amor, quer se comunique, quer flua, quer se funde, é o amor, ora. O amor, o bem que a mãe quer ao filho, o (a)muro, basta pôr o *a* entre parênteses para deparar com aquilo que vemos todos os dias: que, mesmo entre mãe e filho, a relação que a mãe tem com a castração tem um bocado de importância. Para se ter uma ideia sadia do amor, talvez fosse preciso partir de que, quando ele entra em jogo, mas a sério, entre um homem e uma mulher, é sempre com o cacife da castração. É isso que é castrador (LACAN, 1972/2011, p. 95).

Quando se trata da relação entre pares, sempre haverá a castração no meio. O (a)muro se torna, então, uma possibilidade, um novo tipo de amor que faz laço frente aos impasses vividos no amor, no mundo contemporâneo. Esse tipo de amor, que Lacan chamará de “sadio”, é capaz de fazer laço hoje, pois inclui em si o objeto *a* e a castração.

No Seminário, livro 20 – *Mais, ainda* (1972-73/1985), Lacan se questiona a respeito da relação entre o gozo e o amor. Dirá que em sua essência, o amor é narcísico, pois visa a sua própria satisfação, sendo que a substância que dá corpo ao objeto de amor externo demonstra senão a sua impossibilidade – é “papo furado”. “O amor é impotente, ainda que recíproco, porque ele ignora que é apenas o desejo de ser Um, o que nos conduz ao impossível de estabelecer a relação dos... A relação dos quem? – dois sexos” (LACAN, 1972-73/1985, p. 14). Trata-se aqui da tese maior da relação sexual que não existe entre os seres falantes. Não há uma complementaridade entre os sexos. E é nesse nível que Lacan pôde dizer que o amor é apenas narcísico, pois ele não pode ser completado através do outro sexo. Isso não quer dizer que as pessoas não se relacionem, ou que o amor não seja recíproco como ele mesmo diz, no entanto, os seres se relacionam através da parceria, através da impossibilidade de completude. Não há relação sexual, pois o gozo no corpo do Outro é sempre inadequado, ele não é signo do amor.

Do que é que se trata então no amor? O amor, será que – como promove a psicanálise com uma audácia tanto mais incrível quanto isto mais vai contra toda a sua experiência, e quanto mais ela demonstra o contrário – o amor, será que é fazer um só? (LACAN, 1972-73/1985, p. 13).

É o próprio Lacan quem indica o lugar do amor na experiência analítica. O autor se questiona se, no amor, trata-se de fazer um só; ao que ele mesmo responde com a psicanálise: ela demonstra o contrário, pois a dimensão do amor é fundamental para o estabelecimento da transferência, que não pode prescindir do analista. “O que ali está como pivô de tudo que se

instituiu pela experiência analítica – o amor” (LACAN, 1972-73/1985, p. 55). O amor de transferência terá um lugar privilegiado no último ensino de Lacan, pois ele vai apontar para um laço feito a dois.

Se, por um lado, Lacan assinala a impossibilidade da relação sexual, por outro lado, ele demonstra que a experiência analítica, através do laço de seu discurso, cria possibilidades de se fazer uma parceria com o ser falante. Isso se dá, porque o amor é capaz de fazer suplência à relação sexual enquanto inexistente. O amor é o elemento que vem em suplência à relação sexual. Há, portanto, uma forma de amor que não desconhece a impossibilidade da relação sexual, ou seja, que pode fazer existir algum tipo de encontro para além do desencontro estrutural entre os sexos. Cito Lacan (1972-73/1985, p. 198): “Pois aí não há outra coisa senão encontro, o encontro, no parceiro, dos sintomas, dos afetos, de tudo que em cada um marca o trago do seu exílio, não como sujeito, mas como falante, do seu exílio da relação sexual”. O amor possibilita o encontro por meio de uma parceria entre os seres falantes. Todavia, essa parceria não deixa de portar as marcas de cada qual no que tange à ausência da relação sexual. Cada ser falante terá de se haver com as marcas de seu exílio da relação sexual no encontro com o outro.

E como podemos articular o amor e a parceria-sintomática na experiência analítica? O ponto de articulação é justamente o fenômeno transferencial. Em 1912, Freud já havia entendido e formulado a posição do analista como um atrator da libido do sujeito, funcionando como uma espécie de substituto psíquico às séries de escolhas amorosas do paciente. Sob a transferência, o lugar preenchido pelo analista nas séries psíquicas do sujeito permite uma atualização do seu inconsciente, mobilizando seus modos de satisfação da pulsão. Não por acaso, em 1915, o psicanalista observará que tal substituição conduz o paciente a tomar, pelo analista, um sentimento de amor. O amor de transferência deve-se à situação analítica e demanda um manejo cuidadoso para que o trabalho de análise possa prosseguir. O manejo do amor de transferência possibilita ao analista compreender os modos de satisfação do gozo do sujeito, sua maneira de se colocar na vida amorosa com seus demais parceiros de vida. Lacan associa a dimensão do amor de transferência ao objeto agalmático. O objeto *a* permanece no centro do amor de transferência enquanto objeto causa de desejo.

Contudo, não é somente no centro do amor de transferência que o objeto *a* se faz presente. Vimos, há pouco, com Miller (2000), que a teoria do parceiro responde à ausência da relação sexual, sendo que o parceiro fundamental do sujeito não é o Outro, mas sim o seu objeto *a*, seu mais-de-gozar e o seu sintoma. Se o último Lacan enfatiza o lugar do analista enquanto semblante de objeto *a*, logo, é a partir desse lugar que o encontro com o analista

poderá ocorrer, estabelecendo, assim, o fenômeno transferencial. Há a formação de uma parceria especial evidenciada pela psicanálise. E nos parece que o amor de transferência é o elemento fundamental para a instauração dessa parceria. Em uma experiência de análise nós podemos pensar o amor de transferência enquanto aquilo que possibilita o estabelecimento do parceiro-analista. O analista se faz presente a partir da dimensão do amor como parceiro-sintoma ou um parceiro-de-gozo do sujeito, permitindo, com isso, o início de um tratamento.

O amor permite a presença do analista no seu encontro com o sujeito pela via pulsional da transferência, uma vez que o analista se encontra na posição de atrator da libido. Esse encontro pode permitir um deslocamento na economia de gozo do sujeito, ao mesmo tempo em que possibilita o tratamento do sintoma pela via da palavra. O amor é o elemento capaz de fazer mediação aos Um-sozinhos, os chamados “sujeitos desbussolados”, criando-se uma parceria com o analista que possibilite um tratamento ao gozo solitário e autístico do sujeito. A dimensão do amor talvez seja uma saída para o sujeito contemporâneo, uma saída que inclua o analista, retirando-o da solidão do seu gozo autoerótico.

Ao retomarmos o pensamento lacaniano, temos, primeiramente, o enunciado do amor enquanto o pivô da transferência; no último Lacan, é o amor que causa a relação transferencial, e não mais a suposição de saber. Em seguida, teremos a formulação de que o amor e o saber estão relacionados de alguma maneira na experiência analítica: “todo amor se baseia numa certa relação entre dois saberes inconscientes”. (LACAN, 1972-73/1985, p. 197). Com essas duas formulações, Lacan parece nos indicar que aquilo que faz existir o inconsciente como saber é o amor, portanto, a transferência torna-se o pivô do “sujeito suposto saber”. Há, primeiro, o estabelecimento do amor de transferência, para depois emergir o inconsciente como saber. A esse respeito, Miller (2004) dirá:

O inconsciente primário não existe como saber. É para que se torne um saber, para fazê-lo existir como saber, é preciso o amor. Por essa razão, ao final de seu Seminário: les Noms du Père, Lacan pôde dizer: uma psicanálise demanda amar seu inconsciente. É o único meio de estabelecer uma relação entre S1 e S2, porque no estado primário têm-se os disjuntos, dispersos. Então, uma psicanálise demanda amar seu inconsciente para fazer existir não a relação sexual, mas a relação simbólica (MILLER, 2004, p. 9).

Se, inicialmente, o inconsciente não existe como saber, é preciso amá-lo para que ele possa existir. É preciso uma aposta no inconsciente para que o sujeito possa extrair um saber sobre o mesmo. Miller (2004) vai explicar que em estado primário, os significantes estão dispersos, porém, o tratamento pela palavra é capaz de ordenar esses significantes em discurso, ocasionando a elaboração de um saber. É a experiência de análise que vai

proporcionar ao sujeito a construção de um saber sobre seu gozo e seu sintoma. Para tanto, faz-se necessário o amor de transferência.

Sobre a construção de saber em análise, Miller (2017a) dirá que o pensamento de Freud é distinto do de Lacan. Para Freud, a construção de um saber estava posta ao lado do analista, estando ligada à interpretação pela via do sentido. Freud ainda dizia que o analista deveria aguardar para comunicar essa construção para o analisante em momento oportuno. Já em Lacan, a construção de um saber está ligada ao real, “algo do real é colocado em jogo, algo do real é tocado a partir da suposição de saber, algo do real se manifesta a partir do saber” (MILLER, 2017a, p. 34).

Se confrontarmos o sintoma freudiano a partir da perspectiva do último Lacan, teremos um impasse. Conforme discorremos no capítulo anterior, o sintoma freudiano é aquele que convoca o sentido e a interpretação. No entanto, o último ensino de Lacan aponta para o real como excluído do sentido. Ao pensarmos nos novos sintomas da contemporaneidade, teremos uma indicação de maior clareza sobre a maneira pela qual algo do gozo exclui o sentido. O sujeito moderno usufrui de um gozo do sintoma que recusa a via da significação, sendo esse um dos embaraços contemporâneos ao estabelecimento da transferência. Como, então, podemos pensar a construção de um saber sobre o sintoma na contemporaneidade, na clínica do real?

Segundo Miller (2017a, p. 41), para pensarmos nessa perspectiva, nós teremos que colocar o sintoma freudiano no lugar de exceção: “O sintoma freudiano seria o único real que não exclui o sentido”, justamente pelo fato de que o sintoma dá indícios de um saber a ser decifrado. Ao se pensar no sintoma, não é possível tomar a exclusão do sentido em sua radicalidade. O sintoma analítico remete ao sentido pelo seu valor de crença: há algo no sintoma que se acredita ter um sentido a ser decifrado.

Ora, a dimensão da crença está intrinsecamente ligada à transferência. A crença de haver um sentido ligado ao sintoma na pessoa do analista é a própria definição e formulação do “sujeito suposto saber”. Miller (2017a) vai então tratar da crença transferencial como aquilo que visa um saber no real enquanto um sentido. A suposição pode ser traduzida em termos da crença. “A crença transferencial visa o saber no real como um sentido que pode falar, tal como um sujeito. O que é a crença transferencial? Demos a ela seu nome. É o amor” (MILLER, 2017a, p. 42). A crença transferencial está ligada à dimensão do amor.

Miller (2017a) irá se referenciar a Lacan no Seminário livro 20, dizendo que diferente do amor narcisista, o amor lacaniano é aquele que não visa à própria imagem, mas sim o sujeito. Lacan (1972-73/1985, p. 69) afirma: “no amor, o que se visa é o sujeito, o sujeito

como tal, enquanto suposto a uma frase articulada, a algo que se ordena ou pode se ordenar por uma vida inteira”. O amor visa então um sujeito suposto. Miller (2017a) dirá que a dimensão da crença transferencial convoca e exprime o amor. “O sujeito suposto é o amor na medida em que ele introduz sentido e saber no real. É a única via pela qual o saber e o sentido se introduzem no real” (MILLER, 2017a, p. 43). Podemos, com isso, pensar no amor como o elemento que introduz a suposição de sentido no real, uma vez que ele é capaz de fazer o sintoma falar. À medida que o analista se coloca como aquele ao qual a fala do sujeito pode ser dirigida, nasce uma parceria pela via do amor. Através do amor de transferência, o sujeito irá produzir um saber sobre o seu sintoma pela sua fala, introduzindo sentido no real pela via da suposição e do amor. Portanto, não é somente pela vertente libidinal que podemos pensar na dimensão do amor de transferência. Há algo do amor que se liga ao saber.

A dimensão do amor é indispensável ao tratamento analítico. Ele é aquilo que estabelece a dimensão pulsional da transferência, instaurando a parceria com o analista e, ao mesmo tempo, fazendo existir o inconsciente enquanto saber. Destarte, podemos pensar o amor de transferência como um importante componente do tratamento analítico na atualidade, capaz de articular ou de enlaçar as duas vertentes da transferência – a pulsional e a epistemológica. A nossa aposta como direção do tratamento e hipótese de trabalho clínico é da importância de uma reintrodução, de um reenlace ao amor como uma possibilidade de tratamento do sujeito contemporâneo.

Acreditamos que na contemporaneidade, não vivemos necessariamente uma impossibilidade ao campo do amor, mas que estamos perante aos embaraços inerentes ao encontro do sujeito com a ausência da relação sexual; embaraços esses que se mostram cada vez mais notórios no mundo regido pelos imperativos do mestre moderno. Diante das dificuldades colocadas ao amor hoje, a parceria com o analista pode se tornar uma via de tratamento capaz de restabelecer o laço do sujeito com a dimensão amorosa. Entretanto, nesse amor, não se trata de uma tentativa de se fazer uma completude, de fazer existir a relação sexual, pois como vimos com Lacan, há um tipo de amor que não desconhece a ausência da relação sexual. Um tratamento analítico não passa pela via de uma tentativa de completude com o parceiro-analista. Poderíamos então pensar em um (a)muro de transferência? No (a)muro posto na relação transferencial?

A nova clínica, a clínica do real, dá indícios de uma nova relação com o amor no laço transferencial, ou então de uma relação estabelecida com um novo tipo de amor que não desconheça os efeitos da castração. Trata-se, sobretudo, de fazer um laço pela via da transferência, um laço que possa retirar minimamente o sujeito da dimensão do Um solitário,

que possa fazer suplência pela via da parceria com o outro sem, no entanto, descartar a incompletude entre os sexos. O amor de transferência faz falar o parceiro-sintoma e o parceiro-gozo ao mesmo tempo em que proporciona a produção de um saber a partir do real. O reenlace à dimensão do amor é a nossa aposta de uma direção clínica para o tratamento psicanalítico na era do mestre contemporâneo, uma vez que ele é capaz de enlaçar as dimensões pulsional e epistemológica da transferência, produzindo seus efeitos tanto na clínica clássica do sentido quanto na clínica dos novos sintomas.

5 CONCLUSÃO

O trabalho apresentado teve por questão central a pesquisa de um dos conceitos fundamentais da psicanálise, analisado a partir do contexto e dos efeitos do nosso tempo. Procuramos acompanhar o percurso da transferência na história da psicanálise, desde a criação do termo em Freud até a sua releitura em Lacan, destacando a maneira pela qual os autores clássicos da psicanálise privilegiaram as dimensões pulsional ou epistemológica da técnica analítica, em ambos os ensinamentos. Em seguida, buscamos analisar alguns dos impasses postos ao estabelecimento da transferência frente às inquietações do mestre contemporâneo, de maneira a debater a orientação ao analista e a direção do tratamento nos dias de hoje.

Diante da pesquisa aqui realizada, pudemos perceber que a transferência é um conceito criado por Freud em 1900 e por ele aprimorado durante toda a produção de sua obra, como a técnica da psicanálise. Vimos que o autor entende a transferência enquanto um processo estabelecido no inconsciente, no qual a catexia libidinal do sujeito é direcionada para o analista. Freud associa o sucesso do tratamento à rememoração do conteúdo inconsciente. Porém, para que haja tal rememoração é necessário que o paciente reproduza na situação analítica a sua neurose, incluindo o médico em uma de suas “séries” psíquicas – assim será estabelecido o fenômeno transferencial. No entanto, aquilo que o paciente não consegue recordar pela via do consciente, ele repete em ato, sob a ação da própria transferência: trata-se da compulsão à repetição. O analista passa a preencher um lugar na série de repetições do sujeito, funcionando como um objeto de investimento de sua libido. Portanto, a elaboração teórica da transferência freudiana está essencialmente marcada pela sua dimensão pulsional.

Em seguida, trabalhamos com as produções de Lacan a respeito do tema. A maior contribuição lacaniana à técnica psicanalítica concerne àquilo que ele nomeia de “sujeito suposto saber”. O autor irá estabelecer a transferência como consequência imediata à regra fundamental da psicanálise, ou seja, ao convite feito ao paciente de dizer tudo aquilo que lhe vier à mente, sem restrições de conteúdo. O “sujeito suposto saber” irá surgir em decorrência desse procedimento, portanto, a transferência está diretamente implicada na associação livre. Constatou-se, assim, que o paciente busca em uma análise algo que é da ordem de um saber e de uma suposição. Trata-se da crença do sujeito de haver um saber preestabelecido sobre o seu sintoma na pessoa do analista.

Vimos, também, que Lacan concebe o conceito de transferência integrado ao inconsciente, sendo a presença do analista uma manifestação deste. A transferência passa a ser considerada pelo autor enquanto a atualização da realidade sexual do inconsciente.

Concluimos, assim, que há um caráter pulsional na conceituação da transferência lacaniana, na medida em que ela está articulada ao objeto *a* e à pulsação do inconsciente, entretanto, é a concepção do saber que é destacada em seu ensino. A vertente semântica está no centro da construção teórica da transferência em sua transmissão, a partir do momento em que ele formula o conceito e a função do “sujeito suposto saber”.

A transferência é, portanto, um conceito fundamental, estando articulada à prática analítica, desde a sua concepção na clínica clássica de Freud e Lacan. Ambos os autores desenvolveram tal teoria em múltiplas concepções, de forma a complementar o entendimento do que seria o fenômeno transferencial. Porém, algumas questões surgem ao pensarmos nas implicações para a transferência na análise hoje. De que maneiras ela pode ser concebida na clínica contemporânea? Quais as consequências do discurso do mestre contemporâneo para o seu estabelecimento?

Pudemos compreender com Miller que o Discurso do Mestre Contemporâneo é caracterizado pela ascensão do objeto *a* ao lugar de zênite social, demarcando a era do imperativo do gozo. Esse não se limita a um discurso, ele se impõe aos sujeitos que vivem no mundo moderno e coloca uma série de impasses e embaraços na relação que ele estabelece com seu próprio gozo. Testemunhamos a incidência do mestre na maneira do sujeito se relacionar, de consumir, de fazer sintoma, de criar laços sociais e até mesmo na relação que ele estabelece com o campo do saber, sendo diversas as implicações para a prática clínica.

A princípio, trabalhamos em torno da questão do saber no mundo atual. Vimos que a contemporaneidade inaugura uma nova maneira do sujeito se relacionar com o saber, diante do advento da tecnologia e da internet. Esta nova relação que o sujeito estabelece com o saber sugere consequências para a transferência? Diante do imperativo do gozo, vigente no discurso de nossa época, o sujeito não mais utiliza o saber a partir do lugar de suposição, mas sim como mais um objeto a ser consumido. Consequentemente, ao invés de ser suposto, o saber passa a ser exposto, imposto, exigido, antecipado, reivindicado pelo sujeito, que demanda apenas fazer um uso desse a partir de uma lógica própria do seu gozo. As novas formas de saber hoje imprimem efeitos na clínica, em especial na transferência. A partir da Teoria do Outro que não existe, compreendemos que a inconsistência do Outro na atualidade sugere uma modificação particular no estabelecimento da função do “sujeito suposto saber”. Nosso tempo é marcado por um enfraquecimento da suposição de saber sobre o inconsciente e por uma descrença no saber do Grande Outro. Concluimos, portanto, que se estabelecem novas formas de transferência, que não se ancoram tanto mais na suposição de saber, convocando o analista a se reinventar a partir desse lugar.

A dimensão da pulsão também não deixa de estar em questão na clínica contemporânea. De que se tratam os fenômenos em que os sujeitos nada querem saber sobre seu sintoma, ou que pouco dizem a respeito dele? Vimos que se por um lado o sintoma clássico freudiano era aquele que convocava um sentido inconsciente, hoje as novas apresentações do sujeito para uma análise sugerem sintomas que não apontam mais com clareza para a via da interpretação no Outro, referindo-se muito mais ao real do corpo do que ao campo simbólico da linguagem. Pudemos constatar que a contemporaneidade revela o surgimento de sintomas, cujas principais características são a primazia do gozo e o excesso pulsional. O mestre moderno suscita o sujeito a desfrutar de seu gozo, desatrelado de uma significação. A clínica do gozo está em evidência.

A partir do último ensino de Lacan, trabalhamos em torno da dimensão do Um-sozinho. Tal noção, enfatizada por Miller, diz respeito à relação do Um com o Outro na experiência de análise na clínica do Real. Ao indagarmos os impasses colocados na relação transferencial, pudemos fazer um uso desta noção lacaniana para pensarmos naquilo que está em questão na atualidade. Vimos que diante dos imperativos colocados pelo mestre moderno, a dimensão do Um-sozinho fica cada vez mais em destaque. Dessa forma, pudemos concluir que os novos sintomas apontam para um gozo que se reproduz na sua materialidade significativa no corpo, desarticulando-se assim da via do sentido, esclarecendo por fim a sua opacidade na clínica contemporânea.

O que pode a transferência frente a tais impasses? De quais maneiras o analista seria convocado no trabalho de análise, dando sustentação ao laço transferencial? Quais os modos de presença do analista hoje?

Com Miller, compreendemos que mesmo diante dos impasses do mundo contemporâneo, há sempre possibilidade e lugar para a psicanálise nos casos em que é possível localizar uma demanda e um desejo. Para tanto, é imprescindível a presença do analista. A noção milleriana do objeto-multifuncional proporcionou a compreensão dos diversos modos de presença do analista. Constatamos que esse tem um valor próprio, que muito se difere do valor mercadológico, dizendo respeito ao uso que cada sujeito faz deste objeto-analista. Perante os impasses ao estabelecimento do “sujeito suposto saber”, o analista poderá se situar como um produtor da dialética do saber inconsciente, favorecendo um certo estabelecimento, ou a restituição da função do “sujeito suposto saber”.

Já a Teoria do Parceiro de Miller, nos permitiu compreender uma modalidade de presença do analista na clínica contemporânea, a partir da vertente pulsional da transferência. A contemporaneidade incita o desfrute de um gozo solitário. Entretanto, a angústia adjacente

a esse gozo leva o sujeito a buscar um tratamento que não se realiza a sós. A prática da psicanálise demanda a formação de um casal específico, de uma parceria feita entre analista e analisante. O estabelecimento de tal parceria é o tratamento capaz de retirar o sujeito da solidão sintomática de seu gozo, possível apenas pelo estabelecimento da transferência, ao passo que o analista esteja situado no lugar de semblante de objeto *a*. Ao tomar esse lugar e se colocar na análise como um parceiro-sintoma do sujeito, o analista atua no dispositivo analítico na vertente pulsional da transferência – lugar convocado pelo próprio sujeito. Concluimos, portanto, que há uma maneira do analista se fazer presente em uma análise pela via pulsional da transferência, seja possibilitando um deslocamento da posição de gozo do sujeito, seja enquanto atrator de sua libido, ou como mediador de seu gozo.

Avançamos em torno de dois principais impasses para a transferência na análise hoje. Constatamos que se nós vivemos em uma época marcada por uma modificação da relação que o sujeito estabelece com o saber, haverá então uma consequência clínica no que tange a dimensão semântica da transferência. Tal consequência clínica é a do declínio, ou de uma espécie de enfraquecimento, da função do “sujeito suposto saber”. Porém, não podemos afirmar que o “sujeito suposto saber” tal como o conhecemos, não exista na clínica contemporânea, portanto, esse declínio não é generalizado. Ainda nos dias de hoje, deparamo-nos com sujeitos que buscam um tratamento analítico a partir de um endereçamento de saber ao Outro. Da mesma maneira, somos confrontados com a clínica dos novos sintomas, com a dimensão da repetição do gozo no corpo, com a angústia do real que não pede por uma significação, com a vertente pulsional da transferência. Isso nos leva a pensar que não estamos diante de uma anulação da clínica clássica do “sujeito suposto saber”, de uma supremacia da nova clínica, ou de uma sobreposição de uma à outra. Produzimos, aqui, uma divisão didática entre as clínicas na intenção de compreender os fenômenos que se apresentam na análise, no entanto, essa pesquisa permitiu o entendimento de que as duas clínicas podem coexistir nos dias de hoje, sendo essa a nossa aposta.

Pensamos, então, em uma possibilidade de enlaçamento entre aquilo que se presentifica na transferência pela via da pulsão e aquilo que se sustenta pela dimensão do saber. O amor se apresentou como este elemento, capaz de articular ambas as vertentes, provando-se um importante componente do tratamento analítico na atualidade. Trabalhamos com Lacan o conceito de (a)muro, um tipo de amor que inclui em si o objeto *a* e a castração, indagando a possibilidade do (a)muro de transferência. Concluimos que a clínica contemporânea demanda uma parceria com o analista que produza amor, um novo tipo de amor – tal qual Lacan já nos falava – que não almeje a completude, que não desconheça a

ausência da relação sexual. Dessa forma, foi possível defender uma hipótese de trabalho clínico e articular a direção do tratamento hoje: uma aposta no reenlace à dimensão do amor no tratamento analítico do sujeito contemporâneo.

A partir desta pesquisa, ficou claro que a psicanálise acompanha o real de sua época, não estando isenta de sofrer as imposições do mestre. Cabe ao analista estar atento ao que a contemporaneidade convoca. Se há um discurso circulante que afeta o sujeito em sua forma de se relacionar, de fazer parceria e laço social, devemos então nos lembrar de que são esses mesmos sujeitos que procuram a psicanálise como uma via de tratamento, seja para seu sintoma, para ajudá-lo a suportar suas soluções, para aquilo que faz enigma ou para seu gozo descomedido. Tais embaraços se apresentam à clínica, mas não impedem sua prática. A psicanálise pode sempre se fazer possível a partir do uso singular que o sujeito faz dela. O analista não deve recuar frente aos impasses de seu tempo, pois por meio de uma reinvenção e da subversão do mestre contemporâneo é que a psicanálise poderá ser sustentada.

São notórias as diversas perguntas que deram início à investigação a que nos propomos. Igualmente, foram muitas as conclusões a que chegamos. No entanto, aquilo que mais se destaca é a maneira pela qual o amor e a parceria se apresentam como vias de tratamento ao sujeito contemporâneo. A transferência continua sendo o motor e o operador de uma análise, fazendo-se atemporal na prática clínica. Uma experiência de análise é sempre exercida a dois, nunca no isolamento do Um-sozinho. Frente ao desamparo, há na psicanálise um caminho, uma saída para a solidão do mundo em que vivemos, introduzindo uma parceria naquilo que antes se fazia tão só. O laço de amor possibilita fazer do encontro com o analista um tratamento.

REFERÊNCIAS

ASSOUN, Paul-Laurent. La technique psychanalytique. In: _____. **Psychanalyse**. Paris: Presses Universitaires de France, 1997. p. 459-512.

BERNARDES, Ângela. **Tratar o impossível**: a função da fala na psicanálise. Rio de Janeiro: Garamond, 2003. 184 p.

BOUSSE, Marie-Hélène. O uso do objeto. **Latusa Digital**. Ano 4, n. 30, set. 2007. Disponível em: <https://www.latusa.com.br/pdf_latusa_digital_30_a2.pdf>. Acesso em: 30 out. 2018.

COTTET, Serge. O psicanalista objeto a. In: _____. **Estudos Clínicos**. Salvador: Fator, 1988, p. 69-80.

COUTO, Margaret Pires. As duas vertentes da transferência e seu manejo. **Revista Curinga**. Escola Brasileira de Psicanálise – Seção Minas. Belo Horizonte, v. 21, p. 93-101, jun. 2005.

FREUD, Sigmund (1912). A dinâmica da transferência. In: _____. **O caso Schreber, Artigos sobre Técnica e outros trabalhos**. Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Rio de Janeiro: Imago, 1996. vol. XII, p. 107-119.

FREUD, Sigmund (1937). Análise terminável e interminável. In: _____. **Moisés e o Monoteísmo, Esboço de Psicanálise e outros trabalhos**. Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Rio de Janeiro: Imago, 1996. vol. XXIII, p. 220-266.

FREUD, Sigmund (1916-1917a). Conferência XVII O sentido dos sintomas. In: _____. **Conferências Introdutórias sobre Psicanálise (Parte III)**. Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Rio de Janeiro: Imago, 1996. vol. XVI, p. 265-297.

FREUD, Sigmund (1916-1917b). Conferência XVIII Fixação em Traumas – O inconsciente. In: _____. **Conferências Introdutórias sobre Psicanálise (Parte III)**. Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Rio de Janeiro: Imago, 1996. vol. XVI, p. 281-292.

FREUD, Sigmund (1916-1917c). Conferência XXVII Transferência. In: _____. **Conferências Introdutórias sobre Psicanálise (Parte III)**. Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Rio de Janeiro: Imago, 1996. vol. XVI, p. 433-448.

FREUD, Sigmund (1915). Observações sobre o amor transferencial. In: _____. **O caso Schreber, Artigos sobre Técnica e outros trabalhos**. Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Rio de Janeiro: Imago, 1996. vol. XII, p. 172-190.

FREUD, Sigmund (1914). Recordar, repetir e elaborar (Novas recomendações à técnica da psicanálise II). In: _____. **O caso Schreber, Artigos sobre Técnica e outros trabalhos**.

Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Rio de Janeiro: Imago, 1996. vol. XII, p. 159-171.

GROSSI, Lúcia. **O conceito de repetição em Freud**. São Paulo: Editora Escuta; Belo Horizonte: Fumec, 2002. 144 p.

LACAN, Jean-Jacques (1954). A palavra na transferência. In: **Seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009. 2. ed. p. 305-374. (Campo Freudiano no Brasil)

LACAN, Jacques. (1972/1978). Du discours psychanalytique. In: **Lacan in Itália**. Milão: La Salamandra. p. 32-55.

LACAN, Jacques (1972). Estou falando com as paredes. In: _____. **Estou falando com as paredes: conversas na capela de Sainte-Anne**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. p. 71-99. (Campo Freudiano no Brasil)

LACAN, Jean-Jacques (1953). Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In: _____. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. p. 238-225. (Campo Freudiano no Brasil)

LACAN, Jacques (1977). Le Séminaire, livre XXIV, L'insu que sait de l'une bévue s'aile à mourre, Texte établi par J.-A. Miller, leçon du 10 mai 1977, **Ornicar?**, n°17-18, Paris, Navarin, 1979, p. 18.

LACAN, Jean-Jacques (1967). O engano do sujeito suposto saber. In: _____. **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003. p. 329-340. (Campo Freudiano no Brasil)

LACAN, Jean-Jacques (1936). Para-além do “princípio de realidade”. In: _____. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. p. 77-95. (Campo Freudiano no Brasil)

LACAN, Jean-Jacques (1967). Proposição de 09 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. In: _____. **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003. p. 248-264. (Campo Freudiano no Brasil)

LACAN, Jean-Jacques (1960). **Seminário, livro 8: a transferência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2010. 2. ed. 487 p. (Campo Freudiano no Brasil)

LACAN, Jean-Jacques (1964). **Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. 279 p. (Campo Freudiano no Brasil)

LACAN, Jean-Jacques (1969-70). **Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1992. 208 p. (Campo Freudiano no Brasil)

LACAN, Jacques (1972-73). **Seminário, livro 20: Mais, ainda**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985. 2.ed. 201 p. (Campo Freudiano no Brasil)

LAURENT, Dominique. Inibição, sintoma e angústia: limites do múltiplo. **Opção Lacaniana**. n. 42, p. 23-26, jan. 2005.

LAURENT, Éric. A sociedade do sintoma. In: _____. **A sociedade do sintoma: a psicanálise, hoje.** Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2007. p. 163-177.

LAURENT, Éric. Analista, semblante do objeto a. **Revista Opção Lacaniana.** n. 55, p. 45-54, nov. 2009.

LAURENT, Éric. Disrupção do gozo nas loucuras sob transferência. Conferência proferida no XI Congresso da Associação Mundial de Psicanálise – “As psicoses ordinárias e as outras sob transferência”, abr. 2018. Disponível em: <<http://lacanempdf.blogspot.com.br/2018/04/disrupcao-do-gozo-nas-loucuras-sob.html>>. Acesso em: 07 ago. 2018.

LAURENT, Éric. Nascimento do sujeito suposto saber. **Correio: Revista da Escola Brasileira de Psicanálise.** São Paulo: EBP, 2008. n. 60, p. 15 – 21.

LAURENT, Éric; MILLER, Jacques-Alain. O Outro que não existe e seus comitês de ética. **Revista Curinga.** Escola Brasileira de Psicanálise – Seção Minas. Belo Horizonte, n. 12, p.4-18, set. 1998.

LEGUIL, François. As demandas contemporâneas feitas à psicanálise I e II. **Revista Curinga.** Escola Brasileira de Psicanálise – Seção Minas. Belo Horizonte, v. 33, p. 19-48, dez. 2011.

MANDIL, Ram. A pulsão fora da transferência e a causa triunfante. Boletim Enxame preparatório para a XXII Jornada da Escola Brasileira de Psicanálise – seção Minas. Publicado em jul. 2018. Disponível em: <<http://jornadaebpmg.blogspot.com/2018/07/enxame-4-2-pingos-nos-is.html>>. Acesso em: 02 ago. 2018.

MANDIL, Ram. O analista ligado. **Opção Lacaniana Online.** Ano 2, p. 1-3, out. 2005. Disponível em: <<http://www.opcaolacanianana.com.br/antigos/n2/pdf/artigos/RMAanalista.pdf>>. Acesso em: 01 mai. 2017.

MILLER, Jacques-Alain. A teoria do parceiro. In: Escola Brasileira de Psicanálise (org). **Os circuitos do desejo na vida e na análise.** Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000. cap. 3, p. 153-207.

MILLER, Jacques-Alain. “A transferência de Freud a Lacan” e “A transferência. O sujeito suposto saber”. In: _____. **Percorso de Lacan: uma Introdução.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988. 2.ed. p. 55 - 89. (Campo Freudiano no Brasil)

MILLER, Jacques-Alain. As contra-indicações ao tratamento psicanalítico. **Revista Opção Lacaniana.** n. 25, p. 52-55, out. 1999.

MILLER, Jacques-Alain. Ler um Sintoma. **Revista Opção Lacaniana.** n. 70, p. 13-22, jun. 2015a.

MILLER, Jacques-Alain. O inconsciente real. **Opção Lacaniana online.** n. 47. dez. 2006. Disponível em: <<http://www.opcaolacanianana.com.br/antigos/n4/pdf/artigos/JAMIncons.pdf>>. Acesso em: 29 out. 2018.

MILLER, Jacques-Alain. O nó da repetição e da pulsão. In: _____. **Silet: os paradoxos da pulsão, de Freud a Lacan**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005. cap 12. p. 161-172. (Campo freudiano no Brasil)

MILLER, Jacques-Alain. **O osso de uma análise + O inconsciente e o corpo falante**. Rio de Janeiro: Zahar, 2015b. 138 p. (Campo Freudiano no Brasil)

MILLER, Jacques-Alain. Psicanálise pura, psicanálise aplicada & psicoterapia. **Revista Opção Lacaniana online (nova série)**. ano 8, n. 22, p. 1-47, mar. 2017a.

MILLER, Jacques-Alain. Questão de Escola: sobre a garantia. **Opção Lacaniana online**. Ano 8. n. 23, jul. 2017b. Disponível em: <http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_23/Questao_de_Escola.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2018.

MILLER, Jacques-Alain. Sobre o sujeito suposto saber e o objeto a. **Correio: Revista da Escola Brasileira de Psicanálise**. São Paulo: EBP, 2007. n. 59, p. 5 – 25.

MILLER, Jacques-Alain. Uma fantasia – Conferência em Comandatuba. In: IV CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO MUNDIAL DE PSICANÁLISE, 4., 2004, Comandatuba. Disponível em: <<http://2012.congresoamp.com/pt/template.php?file=Textos/Conferencia-de-Jacques-Alain-Miller-en-Comandatuba.html>>. Acesso em: 16 mai. 2018.

MILLER, Jacques-Alain. Vie de Lacan – Cours d’Orientation lacanienne III. Dixième séance du Cours - 12 mai. 2010. p. 73-81. Disponível em: <<http://jonathanleroy.be/wp-content/uploads/2016/01/2009-2010-La-vie-de-Lacan-JA-Miller.pdf>>. Acesso em: 04 ago. 2018.

QUINET, Antônio. As funções das entrevistas preliminares. In: _____. **As 4 + 1 condições de análise**. 12. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009. cap. 1, p. 13-34.

RECALCATI, Massimo. A questão preliminar na época do Outro que não existe. **Latusa Digital**. Rio de Janeiro, v. 1, n. 7, p. 1-12, jul. 2004. Disponível em: <http://www.latusa.com.br/pdf_latusa_digital_7_a2.pdf>. Acesso em: 01 mai 2017. Publicado originalmente em ORNICAR? Digital N° 258 - Nouvelle Époque, 08 mai. 2004. Traduzido por Anamaria Lambert.

SILVESTRE, Michel. A transferência. In: _____. **Amanhã, a Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991. p. 48-85.

SOUTO, Simone. O inconsciente e o mestre contemporâneo: o que pode a transferência? **Revista Curinga**. Escola Brasileira de Psicanálise – Seção Minas. Belo Horizonte, v. 44, p. 180-189, dez. 2017.